



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EVELYN RIBEIRO SILVA

INTERAÇÕES AMBIENTAIS E REPRESENTAÇÕES: DIÁLOGO ENTRE ALGUNS  
AUTORES

MATINHOS

2019

EVELYN RIBEIRO SILVA

INTERAÇÕES AMBIENTAIS E REPRESENTAÇÕES: DIÁLOGO ENTRE ALGUNS  
AUTORES

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em Rede Nacional  
em Ensino das Ciências Ambientais, Universidade  
Federal do Paraná, Setor Litoral, como requisito  
parcial a para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim.

MATINHOS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

S586i Silva, Evelyn Ribeiro  
Interações ambientais e representações: diálogo entre alguns autores / Evelyn Ribeiro Silva ; orientador Ernesto Jacob Keim. – 2019.  
131 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2019.

1. Interações ambientais. 2. Henri Lefebvre. 3. Litoral do Paraná. 4. Colégio Helena Viana Sundim. I. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.

CDD – 333.72



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR SETOR LITORAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO  
PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS  
CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de EVELYN RIBEIRO SILVA intitulada: **Interações Ambientais e Representações: diálogo entre alguns autores.**, após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 29 de Março de 2019.

ERNESTO JACOB KEIM

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

LUIZ FERNANDO DE CARLI LAUTERT

Avaliador Interno (UFPR)

DIMAS FLORIANI

Avaliador Externo (UFPR)

ANÉZIA MARIA FONSECA BARBOSA

Avaliador Externo (UFS)

*Dedico esse trabalho ao meu marido que mais sentiu minha presença e ausência, ao meu filho Matheus que me motiva a prosseguir e ao meu filhinho Davi, que de dentro de meu ventre acompanhou minha entrada e continua acompanhando com os demais todas as etapas vividas nesse tão belo e intenso CAMINHAR.*

## **AGRADECIMENTOS.**

Dedico esse trabalho a minha família em especial ao meu companheiro pela tamanha compreensão e apoio em todas as etapas desta metamorfose.

Ao meu filho Matheus que me revigora com sua energia e me motivou a continuar a estudar e a meu filhinho Davi que com a luz da vida me possibilitou a minha renovação e a continuar persistindo pela minha transformação.

Aos meus dois irmãos presentes de Deus, exemplos de superação na minha vida, que mesmo longe conseguem se fazer presentes todos os dias.

Aos professores do presente mestrado que se mostraram sempre disponíveis a construção do conhecimento e proporcionaram vivências científicas que ampliaram o significado da educação como processo de emancipação com foco no ser humano.

A Pacha Mama a mais bela companhia, que me sustentou e me acolheu até aqui.

A Henri Lefebvre companheiro crítico tão presente, que me amparou com suas teorias e perspectivas nos momentos mais complexos da pesquisa.

Ao meu orientador Ernesto Jacob Keim, um ser humano incrível e profissional competente, agradeço por ter me acolhido, pela confiança, incentivo, amizade e excelente orientação. A você, Eterna Gratidão.

A todas as professoras com quem realizei o trabalho de coleta de dados, permitindo que as observasse e por disponibilizarem seus saberes, agradavelmente compartilhados. Vocês se mostraram como professores especiais que me sensibilizam com tamanha dedicação e respeito pelo ato de ensinar.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

*As estrelas só brilham à noite, enquanto o homem não houver transformado esse dia em noite. (HENRY LEFEBVRE, pg.368 1968).*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como foco e abrangência, as representações em Henri Lefebvre, para compreender as interações ambientais numa perspectiva interdisciplinar, como processo intersubjetivo. O propósito da pesquisa se concentra em desvelar a compreensão que professores, atuantes no ensino fundamental e médio, têm sobre as interações ambientais, ao identificar e reconhecer aspectos que as constitui, como processo que visa a vida com dignidade. A pesquisa buscou também perceber por meio de entrevista coletiva como os docentes entrevistados percebem e representam as complexas interações ambientais que envolvem suas vivências pessoais e profissionais. Nesse sentido a investigação procurou compreender como essas representações e reconhecimentos, atuam no fazer docente, na perspectiva dos espaços vividos pelos humanos. A coleta de dados se deu, junto a professores do Colégio Helena Viana Sundim, uma escola pública e urbana no Município de Paranaguá, com o propósito de verificar a compreensão desses profissionais, sobre como eles se posicionam na perspectiva de representação de interação ambiental, com base no que propõe Henry Lefebvre. Ela se deu por meio de entrevistas em grupo, com a realização de 4 encontros, de forma que, no encontro seguinte, foram debatidas as posições coletadas nos encontros anteriores. A expectativa com a utilização desse processo investigativo, foi de encontrar o que era a compreensão do grupo, frente ao que foi apontado como desafio para a entrevista. O processo investigativo comportou a abordagem científica referenciada na fenomenologia amparada nos pressupostos científicos de Johann Wolfgang von Goethe. Essa abordagem dentre outros aspectos, organiza-se com o propósito de provocar no investigador, um processo de envolvimento caracterizado pela intensificação, sensibilização e interação dos ritmos que envolvem a questão em pauta. Essa posição metodológica, diferente da convencional empírico analítica e crítica, visa a compreensão de como o tema proposto e o processo investigativo agem junto às pessoas envolvidas, pesquisador e entrevistado, com o foco de desencadear mudanças que se caracterizam, como metamorfoses. A pesquisa é de natureza bibliográfica e qualitativa ao investigar as representações que docentes possuem, sobre as interações ambientais que sustentam a vida com dignidade, sob a ótica teórica do filósofo e sociólogo Henri Lefebvre, numa perspectiva interdisciplinar. Como decorrência dessa pesquisa foi organizado um conjunto de aspectos que podem se caracterizar como elementos indicadores de representação ambiental, segundo a posição de Lefebvre.

Palavras-chave: Representações em Lefebvre; Interação Ambiental; Metamorfose; Interdisciplinaridade; Fenomenologia Goethiana.

## ABSTRACT

The present research has as its focus and comprehensiveness, the representations in Henri Lefebvre, to understand the environmental interactions in an interdisciplinary perspective, as an intersubjective process. The purpose of the research is to unveil the understanding that teachers, acting in elementary and middle school, have on the environmental interactions, when identifying and recognizing aspects that constitute them. The research also sought to perceive through a collective interview how the teachers interviewed perceive and represent how the complex environmental interactions that involve their personal and professional experiences. In this sense, the investigation sought to understand how these representations and recognitions, act in the teaching of the perspective of the lived spaces. Data collection was carried out, together with teachers of the Helena Viana Sundim College, a public and urban school in the Municipality of Paranaguá, with the purpose of verifying the understanding of these professionals, about how they stand in the perspective of environmental interaction representation, with based on what Henry Lefebvre proposes. It was done through group interviews, with the holding of 4 meetings, so that, at the next meeting, the positions collected in the previous meetings were discussed. The expectation with the use of this investigative process was to find out what the group's understanding was, as opposed to what was pointed out as a challenge for the interview. The investigative process included the scientific approach referred to in the phenomenology supported by the scientific assumptions of Johann Wolfgang von Goethe. This approach, among other aspects, is organized with the purpose of provoking in the researcher a process of involvement characterized by the intensification, sensitization and interaction of the rhythms that involve the question in question. This methodological position, different from the conventional empirical analytic and critical, aims at understanding how the proposed theme and the investigative process act with the people involved, researcher and interviewee, with a focus on triggering changes that are characterized as metamorphoses. The research is of a bibliographical and qualitative nature when investigating the representations that teachers have about the environmental interactions that sustain life in the biosphere, under the theoretical perspective of the philosopher and sociologist Henri Lefebvre, in an interdisciplinary perspective. As a result of this research was organized a set of aspects that can be characterized as indicators of environmental representation, according to Lefebvre's position.

Keywords: Representations in Lefebvre; Environmental Interaction; Metamorphosis; Interdisciplinarity; Goethian Phenomenology.

**LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1 — INTERDISCIPLINARIDADE COMO POSTURA.....48

FIGURA 2 — PROCESSO INVESTIGATIVO SIMULTÂNEO .....80

FIGURA 3 — PESQUISA CIENTÍFICA NO CONTEXTO PARANAUÊ. ....85

**LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 — SUJEITOS DA PESQUISA. ....94

QUADRO 2 — ROTEIRO PARA INVESTIGAÇÃO DE INTERAÇÃO AMBIENTAL E  
VIDA COM DIGNIDADE COM REGISTROS REFERENTES AOS  
RESULTADOS DA ENTREVISTA EM GRUPO DESENVOLVIDA  
NESSA PESQUISA.....102

QUADRO 3 — ROTEIRO DE INVESTIGAÇÃO DA ABRANGÊNCIA DAS  
REPRESENTAÇÕES QUANTO Á INTERAÇÃO AMBIENTAL E  
VIDA COM DIGNIDADE .....111

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1.	JUSTIFICATIVA .....	21
1.2.	PROBLEMA. ....	24
1.3.	SUSPEITA.....	24
1.4.	PROPÓSITO GERAL (objetivo geral) .....	25
1.5.	PROPÓSITOS ESPECÍFICOS (objetivos específicos) .....	25
1.6.	DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	25
1.7.	O QUE JÁ FOI INVESTIGADO SOBRE O TEMA. ....	27
<b>2.</b>	<b>REPRESENTAÇÕES COMO REFERENCIAL DE INTERAÇÕES .....</b>	<b>30</b>
2.1.	BREVE HISTÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES COMO CONCEITO.....	30
2.2.	REPRESENTAÇÕES AMPARADAS EM HENRI LEFEBVRE.....	34
2.2.1.	Representações e Interações Sociais e Ambientais.....	35
2.2.2.	Representações e Interações Educativas. ....	39
2.3.	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	40
<b>3.</b>	<b>INTERDISCIPLINARIDADE, REPRESENTAÇÕES E AMBIENTE .....</b>	<b>42</b>
3.1.	INTERDISCIPLINARIDADE E REPRESENTAÇÃO COMO ATO POLÍTICO.....	48
3.2.	INTERDISCIPLINARIDADE E A FENOMENOLOGIA GOETHIANA. ....	54
3.3.	REPRESENTAÇÕES NA PERSPECTIVA DE HENRI LEFEBVRE E DA FENOMENOLOGIA GOETHIANA. ....	57
3.4.	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	59
<b>4.</b>	<b>AMBIENTE E VIDA PLANETÁRIA.....</b>	<b>60</b>
4.1.	AMBIENTE, MEIO AMBIENTE e EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM DEBATE A SER DEFINIDO.....	61
4.2.	REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE.....	65
4.3.	ONTOLOGIA E INTERAÇÃO AMBIENTAL.....	67
4.4.	REPRESENTAÇÃO E RECONHECIMENTO NO DEBATE AMBIENTAL. .....	74
4.5.	SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	77
<b>5.</b>	<b>PROCESSO INVESTIGATIVO.....</b>	<b>78</b>
5.1.	A PESQUISA COMO PROCESSO E NÃO COMO MÉTODO .....	79
5.2.	PESQUISA CIENTÍFICA NO CONTEXTO PARANAUÊ. ....	82
5.3.	OS PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS DESENVOLVIDOS .....	86

5.3.1.	Roteiro para Investigação de Interação Ambiental e Vida com Dignidade.	87
5.3.2.	Entrevista coletiva com professores para investigar representações de Vida com dignidade e Interação Ambiental	89
<b>6.</b>	<b>REFLEXÕES AMPARADAS NAS ENTREVISTAS COM OS DOCENTES</b>	<b>94</b>
6.1.	OS SUJEITOS DA PESQUISA	94
6.2.	PERCEPÇÃO PRELIMINAR	97
6.3.	OS ARGUMENTOS DAS ENTREVISTAS E O ROTEIRO PARA INVESTIGAÇÃO DE INTERAÇÃO AMBIENTAL E VIDA COM DIGNIDADE	102
6.4.	REFLEXÕES FINALIZADORAS	104
6.5.	SÍNTESE GERAL COMO FINALIZAÇÃO.	107
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DAS ENTREVISTAS. ..</b>	<b>118</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO .....</b>	<b>129</b>
	<b>APENDICE C – ROTEIRO PARA DESENVOLVER A DINÂMICA DE ENTREVISTA EM GRUPO. ....</b>	<b>130</b>

## **APRESENTAÇÃO.**

Nasci há 32 anos e permaneço desde então no Município de Paranaguá-Paraná. Sou bacharel em Turismo e licenciada em Sociologia. Como turismóloga concursada pela Fundação Municipal de Turismo de Paranaguá (FUMTUR), trabalhei na comunidade da Ilha do Mel em Nova Brasília onde fomentava e supervisionava a demanda turística com apelo comercial viável e sustentável. O inevitável envolvimento com a comunidade possibilitou a interação com a cultura local, e nesse ambiente tive vivências inesquecíveis onde foi possível estabelecer profunda conexão com a natureza, nos 2 anos que essa experiência se estendeu.

Posteriormente iniciei na mesma comunidade, meu percurso profissional como Professora de Ciências Humanas I (Sociologia e Filosofia), na perspectiva multidisciplinar na escolar estadual Lucy Requião de Mello e Silva, com jovens no ensino médio. Nessa época trabalhei em parceria com o Instituto Federal de Paranaguá, onde atuei com a supervisora do 1 PIBID em comunidades itinerantes junto a acadêmicos do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Essa experiência profissional foi enriquecedora, pois conheci professores doutores que me motivaram a continuar minha carreira docente e a realizar o presente mestrado.

Essa experiência durou 3 anos e foi fundamental para a compreensão ambiental de diferentes espaços, da cultural local, suas manifestações, as relações de poder, os impactos do turismo, e principalmente para a expansão do conhecimento pedagógico o qual ampliou a noção das dimensões complexas de vivências em comunidades consideradas tradicionais. Apreendi mais do que ensinei, referenciando-me na perspectiva Freiriana, envolvi-me com a realidade dos alunos e adquiri novas percepções e representações do que é trabalhar com a exploração turística e a educação em uma comunidade.

Por motivos pessoais regressei para Paranaguá, para continuar os estudos, uma vez que morando e trabalhando na Ilha do Mel, não tinha condições de locomoção diária para o continente. Assim, comecei a lecionar com a disciplina de Sociologia junto ao Ensino Médio e EJA, e com a disciplina de Fundamentos do Trabalho, para cursos técnicos noturnos. Neste período realizei duas pós-graduações da área de Pedagogia Empresarial e Gestão de Recursos Humanos, 4 cursos de extensão universitária, e participei do curso de extensão universitária PACTO (Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio) ofertado pelo MEC.

No ano de 2016 tive a satisfação de ingressar no presente mestrado com o intuito de aprimorar e adquirir novas formas de conhecimento na área das ciências ambientais algo extremamente novo para mim. Tive a ousadia de encarar este desafio para ampliar a tão sonhada postura interdisciplinar e mergulhar na novidade representada pela abordagem fenomenológica firmada em Johann W, von Goethe e utilizar a base teórica decorrente da formação em Sociologia referenciada em Henry Lefebvre.

## 1. INTRODUÇÃO.

O espaço no qual a pessoa interage com os componentes planetários nomeado como natureza ou meio ambiente, sempre esteve presente nas interpretações que as pessoas fizeram e fazem do mundo, na tentativa de compreender o que significa estar vivo e ativo no mundo. Essas interpretações carregadas com perspectivas míticas e racionais ocupam as reflexões as mais diversas de forma que a história da humanidade se organiza nesse sentido, ou seja, na busca de compreensão de como se dá a relação das pessoas com os componentes ambientais. Esse processo se referencia em conhecimentos com base na filosofia, na sociologia e na antropologia entre outras.

Dessa forma as pessoas organizam representações dos ambientes, as quais instigam o pensamento do ser humano, caracterizando-se como uma evolução a qual contou com marcas naturalistas, antropocêntricas, biocêntricas, entre outras.

O estudo dessas representações ganha importância com a citação de Henri Lefebvre<sup>1</sup> (1983, p. 56), ao destacar que as representações por serem, um tipo de conhecimento que se dá como postura do humano, possibilita que ele se reconheça como ser social, ao mesmo tempo em que as interpreta e modifica. Assim interpretar é compreender, e compreender se caracteriza como entender a ação, que se dá por um processo cognitivo de assimilação, pelo qual se viabiliza o domínio intelectual do assunto.

Com essa premissa, as interações humanas com o ambiente se caracterizam, como decorrência da complexidade com que as representações são interpretadas, as quais, ao serem observadas ao nível das pessoas, sofrem interferência da cultura, das percepções pessoais e da cosmovisão. Essas representações também se caracterizam com base em referenciais de poder, como elementos que contribuem para estabelecer e justificar diferentes formas de poder vigentes nas interações humanas.

---

<sup>1</sup> Como orientação do orientador dessa pesquisa, ao citar algum autor no corpo do texto sempre colocaremos todo o nome do autor referenciado e não apenas seu sobrenome, isto para ser coerente com a pesquisa anticolonial que ele desenvolve para então adotarmos a postura nacional de nos referirmos às pessoas pelo nome e não apenas pelo nome familiar.

Esse é tema pela qual perpassa a pesquisa que sustenta este texto, a qual se caracteriza como ao trabalho final do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Ambientais, junto à UFPR. Ela trata das Interações Ambientais e Representações em Henry Lefebvre, como possibilidade de debate referente à compreensão que professores de ensino fundamental e médio, têm da questão ambiental.

Dessa forma a ênfase da pesquisa se direciona na perspectiva de representação de Lefebvre segundo a qual as singularidades, pluralidades, interações e complexidades ambientais, correspondem a etapas de conhecimento próprios de cada pessoa, por serem processos sustentados pelo discurso e pela prática social.

A base operativa/teórica dessa pesquisa se aporta na Fenomenologia Goethiana, na medida em que considera que a organização e emissão, e consequente interpretação e compreensão, das ocorrências vitais e relacionais caracterizadas como representações, dependem do acervo cognitivo de cada pessoa, nomeado por Ernesto Jacob Keim (2015) como Ego Sum, ou seja, eu sou o conjunto de saberes que acumulei em minhas vivências materializadas. Dessa forma as representações são pessoais e individuais.

Essa posição não se confronta com as abordagens postas por Henry Lefebvre, o qual assinala que as representações devem ser situadas dialeticamente para que possibilitem a apropriação da realidade como interação de individualidade que constitui o social. Assim as representações vão além do imediato, ao incorporar o que caracteriza a identidade do emissor e do receptor das mensagens, aqui caracterizadas como registros de representações, que são próprias, particulares e intrínsecas a cada pessoa, o que as constitui um ser social.

Como foco central, essa pesquisa busca a compreensão de que o meio ambiente se caracteriza como interação dos humanos com seu entorno, mediadas por meio de percepções abrangentes. Essa posição evidencia a necessidade de trabalhar as representações, trazendo-as para os debates e reflexões acadêmico-científicas, como contraponto ao senso comum. Assim se pretende apontar que as pessoas debatam a questão ambiental no processo educativo, como compreensão pessoal do tema em estudo, ou seja, como representações que se somam às demais, constituindo uma representação de seu contexto social, nesse caso a temática ambiental.

Sendo assim, o estudo das representações manifesta sua relevância, ao se constituir como forma de entendimento da construção de conceitos e vivências da realidade.

Desta forma, o desenvolvimento dessa pesquisa, ao adotar como fundamento a compreensão de representação, segundo Henri Lefebvre, busca desvelar quais as concepções e representações de professores, de uma escola pública de ensino médio localizada em Paranaguá, referente às interações ambientais. Esse processo investigativo tem o propósito de promover consciência crítica, que apresente os conhecimentos e percepções que os participantes, pesquisador e entrevistados, manifestam como reações decorrentes da enunciação de perguntas relevantes para aprofundar a compreensão do que e como a vida se mantém como processo, nos espaços vivenciados.

Com base nesta perspectiva de representação, como processo dinâmico das interpretações, é que este trabalho se constitui ao analisar as representações decorrentes das transições e movimentos efetuados por meio das formas como os humanos agem ao desencadear e interferir nas interações ambientais. Essa dinâmica de compreensão repercute na responsabilidade decorrente das ações humanas junto aos ambientes, e a compreensão e interpretação dessas interações, pode possibilitar que as representações sejam exploradas, modificadas e ao mesmo tempo compartilhadas.

Neste caso, consideramos que um estudo das representações ambientais envolvendo professores mostra-se como uma forma de compreender as multidimensões dos espaços vivenciados no contexto escolar, o que contribui para novas formas de conhecimento.

Essa compreensão pode viabilizar a eclosão de debate crítico do ambiente, para possíveis acréscimos, valorizando o similar, o diferente e o contraditório, na busca do significado que cada pessoa envolvida (Keim 2018 a), atribui a cada aspecto ambiental debatido e estudado. Assim a pesquisa parte da premissa, de que a sociedade contemporânea está organizada, conforme o contexto civilizatório vigente, mediado pela competitividade e acumulação individualista, o que justifica o debate referente às representações, que justificam e que resistem à possibilidade de interação dessa condição de interação humana.

Assim, essa pesquisa se justifica e se mostra relevante, na medida em que identifica que as representações ocorrem, direcionadas por um viés que valoriza e

prioriza a perspectiva de dimensão tecnológica, em detrimento da dimensão que promove vida com dignidade. Essa diferenciação pode ser atribuída segundo Ernesto Jacob Keim (2018 a) como emancipação dos referentes colonialistas, que permeiam a formação dos docentes, e dessa forma essa posição se consolida na formação dos estudantes como seres planetários.

Nesse sentido, a pesquisa trabalha com a perspectiva de que as representações ocorrem, amparadas em consciência alienada, mítica, ingênua, asséptica, romântica de forma que as interações ambientais sejam percebidas sem o devido questionamento do meio ambiente vivido, mas também pode ser em processo reverso quando predomina consciência crítica e fenomenológica. Essas posições apontadas como hipótese da pesquisa, supõe a falta de interação do ser humano, com o meio ambiente como ser humanizado, pois prevalece sua atuação com os ambientes como ser institucionalizado e alienado de sua humanização.

Em contrapartida essa pesquisa aponta para a interação do ser humanizado em relação à natureza, com ênfase na presença do ser humano, como parte integrante e dependente dela, para a sua existência. Essa posição aponta para o reconhecimento do humano como ser pertencente ao meio ambiente e criador de sua própria história.

### 1.1. JUSTIFICATIVA

O interesse pelo autor Henri Lefebvre decorreu por motivos acadêmicos, ao apresentar em um seminário, o seu livro “A revolução urbana”. Nessa obra, foi possível notar o interesse dos colegas, pelos pensamentos críticos abordados o que possibilitou a compreensão de novas perspectivas para lidar com o contexto dogmático, próprio do mundo no qual vivemos.

Esse autor fornece bases fundamentais para a realização desta dissertação, que se apresentam como uma forma de estudar a questão ambiental em bases postas pela perspectiva de relação da ciência com a vida. Assim, Lefebvre possibilita a compreensão do mundo por um viés mais crítico o que proporciona conhecimentos relevantes não só na área acadêmica mas para a vida.

Esse debate, amparado na representação do humano junto aos ambientes, utiliza como matriz teórica, a obra “*La presencia e a Ausência: contribución de la teoria de las representaciones* (1983)” de Henri Lefebvre. Nela esse autor prioriza a

necessidade de compreender as ausências, como comunicações que não se expressam, bem como as indagações do silêncio, que se mostram presentes nos espaços vivenciados. Com essas posições a pesquisa busca a compreensão da realidade local e global, em sua complexidade, ao considerar a vida como processo que é truncado em sua linearidade, por meio de inúmeras fragmentações e retalhos. Essa observação estabelece mais um desafio para a ciência, pautada na abordagem empírico-analítica, pelo fato dele se concentrar preferencialmente no que é comprovável, e as representações conforme Lefebvre evidenciam uma perspectiva objetiva, mas que também é subjetiva.

Por isso, analisar e compreender as representações existentes, com base referencial em Henri Lefebvre, é se aproximar da realidade vivida e da historicidade por meio do método regressivo progressivo, manifesto como movimento que remete aos ritmos propostos por Goethe. Ao adotar esses referentes se desenvolve uma postura, por meio da qual se desenvolve um contexto de criações e invenções do mundo, configurando-se como possibilidade de fuga das convencionais representações epistemológicas fixas e estabelecidas, como se o mundo se configurasse como algo absoluto, nominado como realidade objetiva.

Esse autor ainda assinala que as representações estão situadas dialeticamente para que possibilitem a apropriação da realidade, indo além do imediato. As representações de Henri Lefebvre, segundo Ernesto Jacob Keim (2017), têm na linguística um importante aliado, considerando: a perspectiva semiótica, na medida em que evidencia a importância dos signos presentes na vida social, ampliando seus significados; a perspectiva semântica na medida em que todos os elementos comunicativos e representacionais constituintes da linguagem se caracterizam como significados próprios e particulares, e na perspectiva da cibernética na qual os elementos constituintes da comunicação e da representações se manifestam como agentes e elementos constituintes de poder que enfatiza o significado de palavras e figuras de linguagem, que manifestam aspectos de relação da vida social, os quais são próprios e particulares de cada pessoa. Assim, as representações quando comunicadas, ganham compreensões diferentes para cada elemento do diálogo.

Dessa forma ao situar Henri Lefebvre, e suas contribuições sobre as representações, no debate referente aos espaços vivenciados, por meio das quais o cotidiano se caracteriza como mediações que se processam como interações que

constituem a vida. Para ele, tanto o concebido quanto o vivido são processos que fundamentam, na configuração das representações, o cotidiano que se caracteriza como mediações que se processam nas interações que constituem a vida.

Henri Lefebvre, considera que as representações:

...são produtos que não derivam diretamente de nenhum dos componentes da prática, senão de suas interferências. Intermediários entre o vivido incerto e o concebido, elabora o conteúdo inerente à forma de relações sociais (natureza, sexo, vida e morte, corpo e espírito, espaço e tempo, debilidade e poder, etc.), dando lugar a representações múltiplas e diversas, flutuantes e fixas, escorregadias e estereotipadas. (LEFEBVRE (1983, p. 199)

As representações são inseparáveis do ser e da natureza, pois estão presentes no cotidiano de maneira intrínseca, na grande viagem de movimento que caracteriza a vida. Nesse movimento é essencial considerar o processo espiral da vida, para observar, perceber e se comunicar com o mundo constituído por diversas representações presentes, ausentes e imaginadas. Para Lefebvre não é possível aprender o mundo (meio ambiente) fora das representações. Nesse contexto é importante diferenciar representações de ideologias.

Este autor embora marxista retornou a Karl Marx, para criticá-lo e superá-lo, dizendo que ideologia não é o mesmo que representação. Ideologia e representação estão interligadas. Para Henri Lefebvre as ideologias, são conjuntos de ideias e pensamentos estabelecidos por alguma forma de poder e as representações podem ocorrer sem que estejam estabelecidas de forma objetiva e concreta.

Por isso, defendemos que as interações ambientais, junto aos espaços vividos como cotidiano se caracterizam como representações, as quais podem ter papel fundamental para a compreensão do meio ambiente e da educação. Na prática docente dos professores, no processo de ensino e de aprendizagem, conforme Ernesto Jacob Keim (2019), “ao praticarmos educação e ensino, devemos considerar a necessidade de compreender a realidade, para superar o senso comum, afim de alcançar diálogos de maior amplitude, para que as representações não sejam reduzidas a meras sombras ou reflexos”.

Portanto, as representações e as interações ambientais ao serem compreendidas de maneira dialética, a partir da prática social, podem viabilizar a elaboração de uma perspectiva interdisciplinar e intersubjetiva e não meramente metodológica. Dessa forma a sensibilização dos professores, amparadas em formas de conhecimento, interpretações e investigações, que utilizem essencialmente o

meio ambiente que vivem, constitui-se como possibilidade de compreender as representações com foco nas interações ambientais. Essa compreensão ganha sentido ao descobrir significados como essência do vivido, na dimensão da complexidade e subjetividade da vivência social e coletiva. Esses significados são como saberes, ciências e conceitos teóricos e epistemológicos.

Neste caso, o debater de questões ambientais, no contexto da educação, promove diálogos dos saberes<sup>2</sup>, que podem elucidar influência da tecnologia e das particularidades culturais. Segundo Ernesto Jacob Keim (2016), é no processo de ensino e de aprendizagem, como foco nas reflexões e debates, que pode ser possível repensar o meio ambiente, e compreender as diversas interações ambientais. Essas múltiplas representações, com ênfase na metamorfose do ser humano, em suas inúmeras manifestações, ampliam sua inserção nos espaços, e nas interações com o meio ambiente, bem como pode desenvolver consciência ambiental, na perspectiva da criticidade e da compreensão fenomenológica.

A partir dessas reflexões iniciais, pretendemos demonstrar que as narrativas sobre as representações em Henry Lefebvre, se manifestam também por meio das interações ambientais que estão isoladas, da natureza.

## 1.2. PROBLEMA.

Com base nesta argumentação enunciamos o seguinte problema que orienta a pesquisa:

Qual a compreensão que professores de ensino fundamental e médio, têm de interação ambiental de natureza interdisciplinar, referenciada em representações amparadas em Henry Lefebvre, com o foco na vida com dignidade?

## 1.3. SUSPEITA

Com base neste problema a pesquisa considera como ponto relevante o seguinte:

---

<sup>2</sup> Diálogos de Saberes é posição Freiriana pela qual os integrantes de um grupo interessado em debater um tema se caracteriza como um conjunto de pessoas que possuem posições referentes ao tema em estudo/debate.

No contexto de complexidade do problema, cabe suspeitar que professores compreendam as representações das interações ambientais segundo diferentes possibilidades argumentativas de natureza política, as quais se manifestam com diferentes formas pelas quais professores lidam com os poderes que sofrem e que exercem.

#### 1.4. PROPÓSITO GERAL (objetivo geral)

Com base no problema e na suspeita se enuncia o seguinte propósito geral:

Identificar e desvelar, as representações das interações ambientais como possibilidade de vida com dignidade, com base nos pressupostos teóricos de Henry Lefebvre, manifestas por professores de ensino fundamental e médio,

#### 1.5. PROPÓSITOS ESPECÍFICOS (objetivos específicos)

Partindo das premissas já expostas apresentamos os propósitos decorrentes que se caracterizam como elementos condutores da dinâmica investigativa:

I. Compreender como as representações com matriz teórica referenciada em Henri Lefebvre, podem contribuir para uma concepção crítica de ambiente.

II. Analisar as consequências decorrentes da aplicação de pesquisa, com entrevista coletiva, para identificar formas de representação de ambiente numa perspectiva multidimensional com foco na vida com dignidade.

III. Debater e refletir mudanças na concepção de consciência de ambiente junto a professores como decorrência do debate desenvolvido na dinâmica de entrevista utilizada na pesquisa.

IV. Compreender como as representações interferem no fazer docente, na perspectiva dos espaços vividos pelos humanos, considerando as interações ambientais decorrentes do processo educativo interdisciplinar.

#### 1.6. DELINEAMENTO METODOLÓGICO.

Esta investigação se caracteriza inicialmente como pesquisa bibliográfica para a construção teórica que deverá orientar o desenvolvimento dos propósitos a que essa ação acadêmica se propõe. A especificidade desta pesquisa inserida em

programa de mestrado profissional, sugere que a finalização do trabalho se caracterize como a produção de um “produto”, que não deve carregar a marca mercantil a que este termo está impregnado na perspectiva semiótica. Assim, o produto se caracteriza como um processo que pode viabilizar a replicação dos resultados dessa investigação, para ampliar o debate que caracteriza o enfrentamento aos problemas ambientais, que colocam em risco a vida na biosfera terrestre.

O primeiro passo foi o levantamento do que já foi publicado como pesquisas similares ao que esse trabalho se propôs investigar.

O processo investigativo que permeará essa investigação se sustenta na fenomenologia amparada em Johann Wilhelm Von Goethe, por meio da qual a pesquisa científica, tem seu foco principal na metamorfose a que o pesquisador se sujeita. Nessa perspectiva o resultado objetivo como resposta ao problema e aos propósitos se caracterizam como decorrência do processo que não se finaliza ao encerrar a redação deste relatório de investigação.

A fundamentação desse processo está disponível na obra de Jonas Bach Junior (2018) e em apresentação de Power Point de autoria de Ernesto Jacob Keim (2018b). Essa abordagem propõe que a investigação científica se caracteriza como processo e não como metodologia pelo fato dela não atender a uma sequência a ser seguida, mas se caracteriza como posturas orientadoras que são regidas pela intensificação, sensibilização e ritmo, caracterizados como *Steigerung* (Paranauê)<sup>3</sup> ou seja, a pesquisa tem início com a reflexão do pesquisador com relação às prerrogativas para a pesquisa, e como consciência de Postura Pessoal; Postura Investigativa; Responsabilidade Investigativa e Propósitos da Pesquisa, assumidos pela pesquisadora. Com base nessas prerrogativas a investigação se desenvolve como ação na qual interagem a todo o tempo a teoria fundamental, o que é investigado (o que se procura), o que é suspeitado, o que é observado e deduzido, e que argumentos são acrescentados ao já conhecido (KEIM 2018b).

---

<sup>3</sup> Paranauê: expressão definida pelos pesquisadores como palavra correspondente a STEIGERUNG a qual na Fenomenologia de Goethe (BACH JR, 2015) corresponde a INTENSIFICAÇÃO, SENSIBILIZAÇÃO E RITMO. A opção por PARANAUÊ se deu pelo fato dessa expressão, na capoeira, representar em português aspectos similares ao da expressão alemã.

### 1.7. O QUE JÁ FOI INVESTIGADO SOBRE O TEMA.

A investigação dos artigos publicados sobre a temática meio ambiente, representações e interações ambientais em educação, iniciou-se com um levantamento mais geral em periódicos, inicialmente na área de ensino de filosofia, sociologia e meio ambiente.

O levantamento considerou os seguintes periódicos: *Ciência & Educação*; *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC)*; *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (Remea)*; Livros relacionados ao assunto tais como *Representações e Meio Ambiente e Representação Social* (2004), *Textos em Representações Sociais* de Serge Moscovici (1995) e a *A la presencia y la Ausencia contribución a la teoría das representaciones* de Henri Lefebvre (1983).

O recorte temporal dos textos compreendeu o período de publicação entre 1996 e 2015, na seleção dos documentos, para assegurar que o texto abordasse exclusivamente a temática interação ambiental sob as perspectivas das representações, adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: possuir as palavras, interações, meio ambiente e representações no título, resumo, introdução, palavras-chave, resenhas, referencial teórico-metodológico.

Foram encontrados artigos sobre meio ambiente com foco em representações e representações sociais de diversos autores brasileiros e internacionais como Marcos Reigota, Jorge Correia Jesuíno, Leanete Thomas Dotta, Rafael Rodrigues Lorenzo Marques, Serge Moscovici, Denise Jodelet, Moñivas Lazaro, Henri Lefebvre, entre outros.

A pesquisa iniciou-se na área da filosofia, sociologia e meio ambiente como citada anteriormente, porém durante a realização foi possível constatar que o assunto das Representações tem sido um tema pertinente para o debate científico, pois existem centenas de trabalhos, dissertações, e teses realizados em diversas áreas de conhecimento. Sendo assim não foi possível delimitar a busca às leituras previstas, sendo que a diversidade encontrada contribuiu ainda mais, para ampliar a compreensão da postura interdisciplinar, que envolve esse tema o que certamente ampliou a pesquisa com diferentes pontos de vista.

Assim, cabe ressaltar a importância das dissertações de mestrado escrita por Maria Cristian Oliveira Proença: *A cidade e o habitar no pensamento de Henri Lefebvre*, apresentada para Universidade de Letras em Coimbra em 2011; a

dissertação de mestrado escrita por Erika Jorge Rodrigues Junior: A natureza do espaço urbano: formação e transformação de territórios na cidade contemporânea” apresentada para a Universidade Federal de Minas Gerais em 2008; a Tese de Doutorado: A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner, escrita por Jonas Bach Junior apresentada para a Universidade Federal do Paraná em 2012; e a Tese escrita Cintia Soares de Oliveira: Henri Lefebvre: possibilidades teórico-metodológicas para Arquitetura e Urbanismo, apresentada para a Universidade Federal do Rio Grande em 2011.

Com base nestas premissas a presente pesquisa aborda as interações ambientais na perspectiva das representações em Henri Lefebvre e as analisa utilizando a abordagem científica própria da fenomenologia de Goethe. Essa opção faz com que essa pesquisa se diferencie das encontradas. A diferença está na forma como pretendemos estudar os fenômenos inerentes ao tema, como processo e não como método, ao tratar da questão multidimensional das representações, a partir das interações ambientais.

A pesquisa se desdobra em 6 capítulos. No primeiro capítulo é apresentado o pensamento de Henri Lefebvre sobre as representações entrelaçando com o tema: interação ambiental e vida com dignidade.

O segundo capítulo, Representação como Interações com o Ambiente, apresenta um histórico das representações de forma resumida, com uma cronologia do pensamento filosófico sobre o tema, explicitando alguns aspectos da teoria das representações em Henri Lefebvre, suas relações com as interações ambientais, e finalmente é enfatizada a importância desse assunto no âmbito educacional com relação às questões ambientais.

O terceiro capítulo, A interdisciplinaridade como postura, apresenta a interdisciplinaridade que perpassa as ligações das disciplinas, como uma crítica às ciências fragmentadas no contexto atual escolar, o que dificulta a efetivação de conexões, interações e interpretações amplas do mundo em que se vive.

O quarto capítulo, Ambiente e Vida Planetária, aborda a filosofia de Leonardo Boff, e de Michel Serres, e descreve a importância da temática ambiental, suas complexidades e crises. Sobre o tema meio ambiente, o capítulo apresenta uma crítica de como ele é conceituado, amparados em uma reflexão do que venha ser meio ambiente, e a relevância de se refletir as interações ambientais no espaço

escolar, para a vida com dignidade. Por fim, tratamos do tema representação e reconhecimento, para promover uma reflexão que evidencia a necessidade de elucidação dos reconhecimentos, como meio pelo qual os humanos se compreendem pertencentes ao meio em que vivem, considerando que a sociedade se apoia em representações de que se reconhecer é necessário e fundamental.

O quinto capítulo apresenta o processo investigativo amparado na fenomenologia de Goethe, os procedimentos adotados na pesquisa, o processo investigativo no contexto Paranauê e o processo investigativo simultâneo que se manifestam pela tríade intensificação, sensibilização e ritmo.

Como considerações finalizadoras o texto apresenta o que é nomeado como Produto Da Pesquisa que se refere à dinâmica adotada nesse processo para que possa ser replicado em novas situações.

## 2. REPRESENTAÇÕES COMO REFERENCIAL DE INTERAÇÕES

Vimos na introdução e no histórico que as representações se caracterizam como importante agente de percepção e identificação, de como os seres humanos e suas interações interpessoais, ambientais e planetárias, permeiam as dimensões em que ocorrem manifestações vitais, de seres humanos. Ernesto Jacob Keim, (2017) aponta que essa vertente do debate referente à vida na biosfera, remete à responsabilidade de cada humano com a vida. Nesse sentido as Representações como Teoria, referenciada em diferentes abordagens filosóficas, sociológicas e antropológicas, convergem, segundo (KEIM, 2019) para quatro perguntas essenciais, ou seja: Como me represento? Como o mundo me representa? O que faço para ser representado? Como o outro me representa?

Essas perguntas contribuem para mediar de certa forma o tema central dessa investigação que pretende compreender como professores incorporam e conceituam o que vem a ser interações ambientais.

### 2.1. BREVE HISTÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES COMO CONCEITO.

Compreender como o mundo, os espaços, os símbolos, os signos, as interpretações e a linguagem se apresentam como elementos referenciais para a vida humana, se caracteriza como um meio fundamental na constituição do que vem a ser representação.

Esse tema é debatido na trajetória da Filosofia, pautado na investigação referente à relação sujeito e objeto e na própria construção do conhecimento. Na Grécia Antiga, por exemplo, a preocupação em desvendar as representações de mundo, já se manifestava nos textos deixados por pensadores como Platão e Sócrates (428-328 a.c) (2017) que definiu as representações como método dedutivo, que promovia cópias da realidade, muito longe de ser real. Outro filósofo foi Aristóteles (384 – 322 a.c) (2017) que apontou as representações como método indutivo, pelo fato delas se caracterizarem como formas de conhecimento. Essas posições se mostram relevantes porque a capacidade de imitar e de criar conhecimentos, possibilitava que os homens se diferenciasssem dos animais, com isso eles diziam que a capacidade de imitar, e de criar conhecimentos se constitui em aprendizagem, as quais que se portam como representações.

Na idade média as representações estavam ligadas ao poder da igreja cristã (católica e romana). A partir do século XVI com o enfraquecimento ao poder eclesial, e início da idade moderna o mundo europeu ampliou sua dinâmica de perceber o mundo com o surgimento das ciências naturais ou filosofia natural. Com essa mudança social e política as representações e percepções evoluíram com as novas formas de concepção do mundo, o que se caracterizou naturalmente algo sempre inesperado frente à mutabilidade.

Descartes (1596-1650) nesse contexto, introduz a noção de ideia, como representação, por considerar as ideias, como imagens das coisas que se apresentam à mente de um sujeito. Essa posição se caracteriza como a representação de um objeto, porém nem sempre as imagens que realizamos mentalmente, para se construir uma representação de algum objeto são verdadeiras, uma vez que ao desconhecemos o objeto, imaginamos e construímos ideias de como possa ser o objeto materialmente, o que pode ocasionar a construção de uma representação diferente do que é na realidade.

As próprias ideias são de certa forma integradas a uma dimensão do imaginário e não são compostas de qualquer matéria. Assim, quando representam alguma coisa, se caracterizam como operações do intelecto, podendo ser dito, que elas de modo algum concernem à verdade ou à falsidade dos objetos. (Descartes, 1974, p.34).

O pensamento de John Locke (1632-1704), nesse contexto é merecedor de destaque, num contexto em que o poder absoluto e a monarquia reinavam em forma de governo autocrata, este filósofo analisou as representações amparadas no poder. Para John Locke (1994, p. 59-60), ninguém está amarrado, por nascimento, a uma comunidade política. Nela as pessoas se inserem por livre escolha. Quando essa escolha se manifesta tacitamente, de forma que seja mediada por um poder supremo como o poder legislativo, manifesto como propósito na maioria (democracia), a pessoa fica na obrigação de garantir o poder que foi conferido a cada membro. A representação assim, atém-se mais ao conteúdo do que ao sujeito. Os sujeitos, representante e representado, estão relativamente em pé de igualdade.

Baruch von Espinoza (1632-1677) com base nos pensamentos metafísicos compreendeu as representações de outra maneira: como uma etapa do conhecimento, na qual é preciso vivenciá-la para sair e superá-la. Talvez seja Georg Wilhelm Friedrich Hegel quem elaborou de forma sutil uma teoria das

representações considerando a interação entre o entre e o sensível e a abstração verdadeira; nela conceito e ideia se manifestam como pensamentos ou como determinações que orientam as relações para se manifestarem em dimensão de espaço e tempo, ou seja, a mediação é a esfera da representação. (LEFEBVRE, 2006, p. 23).

Assim, Georg Wilhelm Friedrich Hegel defende a mediação pela negatividade como estrutura fundamental da realidade e Immanuel Kant (1724-1804) distingue a representação de pensamento ao dizer que: “A representação que pode ser dada antes de todo pensamento, denomina-se intuição. A representação é um processo fundamental, e através de relações entre representações, é que se torna possível o pensamento”. Kant propôs ainda que tanto a representação quanto a relação sintética entre representações são regidas pelas mesmas regras. (1991, p. 81).

Já para Karl Marx (1818-1883) a noção das representações pode ser entendida como a teoria da consciência discutida. E ressalta que “a consciência não pode ser mais do que o ser consciente; e o ser dos homens é o processo de vida real” (2008, p. 19) e existe independente de nós, por isso Marx conceituou as representações como abstrações, que não é dada separadamente da realidade. Para esse autor os cientistas que ficam somente na aparência se perdem e não a teorizam.

O existencialista Martin Heidegger (1889-1976) ao investigar os modos do homem existir no mundo, ser-no-mundo, e para confrontar a metafísica platônica e o positivismo, apresentou uma noção de representação vista como a verdade correspondencial. A representação é então apresentação, mais debilitada e ocultada. Ela se desdobra ao ser e não ser (LEFEBVRE, 2006, p. 21). Jean Paul Sartre também filósofo existencialista reconhece esse carácter qualitativo da imagem quando afirma que “estamos num mundo de representações. O critério passou a ser o acordo das representações entre si. Estamos, assim, desembaraçados do realismo ingênuo” (SARTRE, 1936, p. 85) ou quando conclui que “a imagem é consciência de alguma coisa” (ibidem). Daí a função interrogativa da imaginação, a função de representação, um trabalho que se conjuga com a memória.

Para Paul Ricoeur, autor de: *De l'interprétation essai sur Freud* (1965) A representação como uma tentativa a partir de Freud, as representações são símbolos do arcaico, do sonho e da infância são os mesmos que representam a

nossa imaginação criadora, a nossa aventura espiritual e que representam a projeção das nossas possibilidades. Segundo o filósofo, é apenas no movimento da interpretação que nós percebemos o ser interpretado. Assim sendo, uma reforma da consciência só poderá realizar-se quando se descobre na própria natureza do pensamento reflexivo, uma experiência dialética fundamental.

Os românticos Friedrich Nietzsche e Johann W. von Goethe contribuíram para a análise das representações por meio do diálogo e da poesia, Friedrich Nietzsche afirmava a importância de atentar-se às prosas do mundo para desvendar os segredos das linguagens e os verdadeiros sentidos das representações, ele não era linguista, mas foi considerado um poeta, esse filósofo considerava que o sujeito se representa através do objeto e vice-versa. Já Johann von Goethe quer transcender as representações através da intuição e da captação imediata e direta (Lefebvre, 2006, p. 156).

A representação em Goethe é a mudança no estado subjetivo do sujeito, percebida por ele mesmo, devido à presença objetiva do objeto. O sujeito mantém a percepção de si, com ou sem o objeto no campo de observação. Seu contemporâneo acrescenta “A representação mental é, portanto, uma percepção subjetiva diferente da percepção objetiva dada na presença do objeto no horizonte da percepção” (STEINER, 2000, p.74).

Portanto, as representações e as interações ambientais ao serem compreendidas de maneira dialética a partir da prática social, podem viabilizar a elaboração de uma perspectiva interdisciplinar intersubjetiva e não meramente metodológica. Dessa forma a sensibilização dos professores, amparadas nesses referenciais teóricos, interpretações e investigações que utilizem essencialmente as representações do meio ambiente em que vive, constitui um primeiro passo, para compreender as manifestações de representações, com foco nas interações ambientais ao redescobrir significados, os quais são sentidos como essências do vivido na dimensão da complexidade do corpo frente à subjetividade da vivência social e coletiva.

## 2.2. REPRESENTAÇÕES AMPARADAS EM HENRI LEFEBVRE.

Henri Lefebvre (1901-1991) foi um filósofo marxista e sociólogo francês, em 1928 fez parte do partido comunista francês, escreveu mais de 70 obras, como professor contribuiu para o desenvolvimento da Sociologia e Geografia na perspectiva crítica frente ao positivismo predominante nessas ciências. Teve destaque também pela produção do método regressivo- progressivo, ao analisar a sociedade urbana constituída pela natureza modificada. Na Geografia sua contribuição foi no sentido de o espaço social ser interpretado pelo que é socialmente produzido. Sua tríade teórica constituída pelo vivido-percebido-concebido é muito utilizada em estudos contemporâneos das mais diferentes áreas do conhecimento. Henri Lefebvre autor referencial desta pesquisa se destaca no campo acadêmico, por apresentar uma carga filosófica extremamente crítica em seus trabalhos.

Sua contribuição à teoria das representações é constituída versão triádica da dialética, desenvolvida com base em Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Karl Marx e Friedrich Nietzsche; pela teoria da linguagem baseada em Friedrich Nietzsche; e pela influência da fenomenologia francesa e alemã em seu pensamento, e o que diferenciou este pensamento. Essas posições apontam que ele se diferenciava dos demais filósofos acima apresentados, pela dinâmica de movimento que ele deu às representações, as quais eram interpretadas percebidas e discutidas anteriormente como representações fixas e mentais. Ainda como fundamento de sua investigação, as representações não se distinguem em verdadeiras e falsas, mas estáveis e móveis em reação, superáveis em alegoria (LEFEBVRE 2006, p. 45).

Em sua obra *La presencia y la ausencia, Contribución a la teoría de las representaciones* (2006), Henri Lefebvre procura elucidar o conceito das representações, buscando desfazer a confusão de representação e ideologia. Com intuito de resolver a problemática das representações, e compreender como podemos dominar o conceito das representações para a construção do conhecimento. Nesta obra ele mostra como os filósofos interpretaram e tentaram superar as representações anteriores do seu tempo, mas para Henri Lefebvre a filosofia não é uma “fenomenologia da verdade” mas se apresenta como “fenomenologia das representações” o que poderia revelar um “mundo do avesso”, sem reduzir *a priori* “as filosofias a ideologias definidas por sua

origem social [classes dominantes] ou histórica” (LEFEBVRE, 2006, p. 170). As representações para Lefebvre se constituem como uma porta de entrada para a verdade.

As representações sempre foram indagadas pelos filósofos como um “pano de fundo” um enigma a ser desvendado para compreender o que está por trás dos fatos e ocorrências para encontrar o real significado. Lefebvre contribuiu com esse debate, ao considerar as representações dadas como falsas, também como verdadeiras, pois sua interpretação e compreensão dependiam de diferentes circunstâncias e percepções, ao considerar a dinâmica do contexto social e a ótica subjetiva de cada interpretação, do que se é vivido em nosso cotidiano. “As representações são falsas na medida que apontam e dizem, mas verdadeiras com respeito ao que as suporta”. (LEFEBVRE).

As representações não podem se reduzir apenas a uma sombra, a um eco, a uma reflexão. Enquanto a reflexão crítica considera essa representação com a iluminada e modificada, toda representação inclui uma afirmação e toda representação é imposta e passa por uma realidade (LEFEBVRE 2006 p.108).

Essa breve apresentação mostrou aspectos do pensamento de alguns filósofos renomados a respeito das representações para que desta forma pudéssemos diferenciar o pensamento do autor principal dessa pesquisa. E é nesta perspectiva de pensamento que Henri Lefebvre pode contribuir para a ampliação da compreensão das representações, considerando o que se vê e o que não se vê (presença e ausência) para ampliar o debate das representações dos ambientes vividos percebidos e concebidos, e contribuir para uma construção do conhecimento na perspectiva interdisciplinar intersubjetiva para a conscientização da importância das potencialidades e fragilidades das interações ambientais, buscando e apresentando novos caminhos para compreender o ambiente.

#### 2.2.1. Representações e Interações Sociais e Ambientais.

A abrangência do tema das representações remete a diferentes vertentes em torno dos debates acadêmicos, por essa razão inicialmente apontamos a abordagem das representações sociais com ênfase numa abordagem positivista e sociológica referenciada em Serge Moscovici que assina uma titulação dessa temática como Teoria das Representações Sociais (TRS). Essa abordagem foi

organizada como corpo teórico em 1969, na obra de Serge Moscovici, na qual o conceito de Representações Sociais foi forjado como o cerne de uma teoria que possibilitasse o entendimento de formas de raciocínio, que superassem as limitações das teorias existentes voltadas para a vida cotidiana.

Para esse autor, o tema da relação entre grupos, atos e ideias e imagens resgata o conceito de representações coletivas (RC), inicialmente proposto por Émile Durkheim, na tentativa de valorizar o conhecimento baseado no senso comum para compreender a realidade social baseado nas experiências sociais.

Uma proposta que confrontou essa posição foi formulada por Henri Lefebvre (1980) com a teoria das representações a qual aponta uma representação que se constitui do que é vivido, percebido e concebido, num movimento dialético que nunca cessa, ocupando os interstícios entre o vivido e o concebido. Para Henri Lefebvre (1980, p. 94) as representações "são fatos de palavras e de prática social", caracterizando-se por serem de natureza social, psíquica e política ao mesmo tempo.

Segundo Henri Lefebvre (1980) o espaço vivido é também lugar das ambiguidades das relações sociais, habitado pelas representações, cujos mundos se articulam com o saber, os sonhos, as lembranças e as ficções. É no espaço que se encontra a chave para a compreensão da (re) produção do homem em sociedade, e em decorrência do poder que a representação deste possui para transformar e substituir a realidade vivida e percebida, assim o espaço vivido é sem dúvida um meio de engajamento do homem na ação transformadora.

No debate das representações o psicólogo Serge Moscovici (1969) desenvolveu uma proposta de representação que ele nomeou como Representação Social a qual manifesta o conhecimento a partir do senso comum estabelecido pelo grupo social de forma que ele propõe que:

As representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) Segundo Moscovici as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual, apenas trazem de volta, ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI 2007, p. 58).

No processo de interação social, o sujeito elabora, pratica e constrói o conhecimento e vai se socializando, reconstruindo valores e ideias que circulam na sociedade. Moscovici afirma que: "toda representação é de alguém tanto quanto de alguma coisa. É uma forma de conhecimento por meio do qual aquele que conhece se substitui no que é conhecido" (MOSCOVICI 1969, p. 11).

A expressão representações sociais, também é utilizada por Marcos Reigota (2011) ao ressaltar que as representações se fundamentam em conceitos científicos, na forma como foram aprendidos e internalizados. Esse autor utiliza essa expressão ao tratar as questões ambientais de forma que a representação social está associada ao senso comum que a comunidade tem sobre um determinado tema. Já Serge Moscovici (1978) salienta que os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas podem compor o senso comum.

Sandra Jovchelovitch (2000) aponta os seguintes elementos na construção da representação social: o caráter referencial da representação, o caráter imaginante e construtivo que a faz autônoma e a sua natureza social. Desta forma, ao serem internalizadas, as representações expressam a relação do sujeito com o mundo e ao mesmo tempo situam o sujeito nesse mundo, e ainda propõe "que os processos que engendram representações sociais estão embebidos na comunicação e nas práticas sociais: diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura" (JOVCHELOVITCH, 2002, p. 79)

Segundo Odete Seabra (1996) alinhada à perspectiva mais crítica de análise social, aponta quanto as representações sociais de que "é preciso refletir com base no vivido, mas sem recusar o concebido e sem exaltar a espontaneidade do vivido, pois ele também se determina; tanto que, analisando-o, é possível ver como a parte cega da história diminui assim como o caráter confuso do vivido". E acrescenta, se referindo a Lefebvre que:

...abordando as relações entre o vivido e o concebido Lefebvre mostra-nos que o vivido no âmbito de imediatidades, não coincide com o concebido. Entre um e outro permanece uma zona de 'penumbra' na qual opera o percebido. O percebido corresponde a algum nível de entendimento do mundo, funda atos, relações, conceitos, valores, mensagens, verdades... (SEABRA, 1986, p. 80).

Ao procurarmos conhecer essas representações como agente presente nas atividades escolares teremos subsídios para confrontar as ideias e conceitos dos

professores, possibilitando-nos levantar questões importantes para uma reflexão sobre nossa prática educativa.

O debate em torno das representações no contexto da educação aponta a necessidade de o docente chegar junto aos estudantes sem representação fechada e concebida, para possibilitar a organização conjunta. Esses saberes – acumulados da vivência de diferentes experiências – não podem ser desconsiderados no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que isso promoveria uma ruptura entre as relações vida e escola, aprendizado formal e informal (FREIRE, 2002).

Sendo assim, não são homens vazios e, portanto, não podem ser considerados depósitos de conteúdos (FREIRE, 2003). Dessa maneira, essa pesquisa encontrou nas contribuições elaboradas sobre as representações em Henri Lefebvre, uma maneira de evidenciar as interações ambientais como um discurso atraente que distingue o saber do compreender e valoriza as interações ambientais para compreender o que está por trás das representações, referentes à questão ambiental.

Considerá-las e colocá-las em movimento é dinamizar as representações para os professores, portanto, pode servir de auxílio para desencadear um processo de reflexão e transformação a respeito da temática ambiental, demonstrando que fazemos parte de um todo e que o mundo não existe apenas em função de nós mesmos. Apenas coletivamente e significativamente, se pode construir novas formas de compreender o ambiente e agir sobre ele. Isto não quer dizer que os educadores devem compartilhar conhecimentos científicos, e precisam ter consciência de que embora não tenha se apropriado dessa forma de conhecimento (representações), são de certa maneira detentores de um saber que é fruto da cultura e da vida em sociedade, resultante inter-relações com as pessoas com as quais pensam, sentem e se comunicam.

Mesmo sabendo das dificuldades encontradas para tratar de crise ambiental, nesse debate foi necessário estabelecer um caminho que apontasse sentidos para reorganização da vida, sem considerar aspectos estabelecidos pelo senso comum de destruir matar e explorar aquilo que se apresenta sem valor. Esse desafio encontra um argumento importante em Michel Serres (2009) ao apresentar a reflexão ao pensar sobre a questão ambiental ele afirma que: “Cabe a mim escolher também: hoje, trata-se de fato de uma crise. É preciso, assim, inventar o novo. Seria eu capaz? Nada é tão incerto. Seremos capazes de traçar outros caminhos? Espero

que sim. Mas quais? Ninguém sabe ainda. Seja como for, não há busca mais apaixonante”. (2009 p, 12).

Acreditamos que não há busca mais apaixonante e motivadora que a busca pela continuidade da vida, essencialmente da natureza com a qual vivemos. Para isso cada pessoa precisa se descobrir como parte do ecossistema local, precisamos conhecer irmãos e irmãs, que compartilhem da mesma atmosfera, do mesmo solo, dos mesmos mananciais; precisamos conhecer a história daquelas paisagens, como trabalham com a natureza e como a depredam. “Tudo isso significa saber cuidar do próprio nicho ecológico e esse cuidado com o nicho ecológico só será efetivo se houver um processo coletivo de educação”. (BOFF, 2014 p. 154). Portanto assim pretendemos neste trabalho por meio das interações ambientais, valorizar as trocas de saberes, interpretações das representações de ambiente, para modificar atitudes e práticas pessoais, profissionais e melhorar a qualidade de vida, para que se explorem as representações ultrapassando a redução da realidade, capaz de identificar os elementos que aparecem e se ocultam no processo investigativo.

#### 2.2.2. Representações e Interações Educativas.

Entendendo educação como processo diferente de escolarização, podemos refletir o que permeia a atividade docente na perspectiva de desenvolvimento de uma consciência ambiental e planetária que tenha a vida com dignidade como foco referencial (KEIM, 2018d). É nesse sentido que essa investigação busca a compreensão de como, por meio dos discursos e posturas dos docentes a temática de interações ambientais é debatida e desenvolvida nas atividades docentes.

Essa diferenciação possibilita que se aponte como a dimensão educativa e escolar se amparam e se referendam em muitas formas de representação, colocando em evidência tanto as representações, como apontadas por Serge Moscovici, amparadas no senso comum, quanto as representações apontadas por Henri Lefebvre amparadas na abordagem crítica.

Portanto estudar a teoria das representações no âmbito escolar significa compreender as relações do cotidiano amparado nas práticas sociais e às diversidades grupais, como menciona Moscovici (1976, p. 13) o sistema das representações sociais aponta como: “ um sistema de valores ideias e práticas” com a função de possibilitar a convivência social e a orientação do indivíduo no mundo.

E como menciona Lefebvre (1980, p. 94) as representações "são decorrências de palavras e de práticas sociais". Caracterizam-se por serem de natureza social, psíquica e política ao mesmo tempo pelo fato de serem vinculadas a complexidade da vida. Para ele as representações não são objetos sólidos estáveis, uma vez que são construídos socialmente, e portanto, apresentam essências que são ou não estáticas e imutáveis. Essa visão possibilita a compreensão da complexidade em questão, uma vez que as representações conseguem ter sentidos ambíguos, propondo uma dinâmica aos contextos sociais.

Desta maneira o estudo das Representações Sociais baseado na perspectiva desses autores e aplicado à Educação, se apresenta como um campo promissor para a produção de conhecimento da realidade, das práticas escolares, das relações estabelecidas e das interações ambientais decorrentes do dia a dia. Na prática a pesquisa procurou aprender a estrutura discursiva e simbólica de ambas, debater as representações na escola por ser um cenário de ação e meio de interação social, e analisar as interações que se manifestam por meio dos processos de socializações, aos quais se constituem como indagações que promovem o aprendizado e as partilhas do conhecimento. Com essas posições consideramos a escola como um espaço propício para a realização desse trabalho de pesquisa.

### 2.3. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo apresenta a trajetória do pensamento filosófico referente às representações, com as diferentes vertentes que lhes são atribuídas no contexto da sociedade. A importância dessa posição está na contribuição para a produção do conhecimento, com destaque para as perspectivas de Henri Lefebvre, na medida em que compreende as representações de maneira crítica e em movimento para transcende-las, o que caracteriza uma diferença marcante de seu pensamento em relação aos demais.

Foi destacada a importância das representações e interações no processo educativo ao debater as questões ambientais, o que pode promover diálogos com os saberes, fazendo do espaço escolar um local propício para a criação e reflexão do conhecimento. Com esse enfoque este capítulo evidencia como referencial de análise os seguintes aspectos: que apontam e sinalizam a realidade

Apresentamos neste capítulo:

- i. Representações que apontam, sinalizam e inquirem a realidade, considerando-a como constituída por processos dinâmicos e inacabados.
- ii. As Representações contemplam a diversidade de percepções conforme a diversidade de pessoas envolvidas.
- iii. As representações se manifestam nas presenças e nas ausências.
- iv. As representações se sustentam como importantes na medida em que se amparam em argumentos consistentes (análise crítica e dialética).
- v. As representações transcendem o imediato, e ampliam a compreensão da realidade.
- vi. As representações são simultaneamente de natureza intersubjetiva (objetiva/subjetiva).

### 3. INTERDISCIPLINARIDADE, REPRESENTAÇÕES E AMBIENTE

A interdisciplinaridade ganhou destaque na dinâmica educativa de matriz conservadora da Europa, mais especificamente na França e na Itália em meados da década de 1960, época em que surgiam movimentos estudantis que colocavam em discussão a necessidade de um novo estatuto para a universidade e para a escola (FAZENDA, 1994, p.18). A prática interdisciplinar superaria o que ficou conhecido como crise da modernidade e pela fragmentação dos conteúdos.

A interdisciplinaridade começou a ser abordada oficialmente no Brasil a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nº 5.692/71. Desde então, sua presença no cenário educacional brasileiro tem se tornado mais presente e, recentemente, mais ainda, com a nova LDB Nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Além da sua presença na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática de professores, de forma que a interdisciplinaridade surge como abordagem que aponta para duas vertentes importantes conforme (KEIM, 2019). Uma aponta para Hilton Japiassú vinculado à humanização e à valorização da vida por meio da educação como processo plural e abrangente como superação das classes sociais. A outra aponta para Ivany Fazenda com foco na interação dos conteúdos do processo escolar, o qual atendeu aos princípios postos pela Lei 5692/1971, conhecida como reforma do ensino desencadeada pelos governos do regime militar decorrente do Golpe de 1964, que ganhou destaque na dinâmica educativa de matriz conservadora própria da multifuncionalidade do trabalhador para atender às demandas do mercado de trabalho.

Apesar dessa abordagem legal, a realidade aponta para uma posição contraditória, ou seja, a partir da lei 5.692/71, que se caracteriza como Lei Complementar e não LDB, segundo é apontado por Mirim Jorge Warde (1977) ao destacar que ao qualificar a formação tecnicista instituída com a 5692/71, essa autora argumenta que essa legislação trouxe à tona "(...) a estrutura da escola brasileira: instituição a serviço da reprodução da divisão do trabalho intelectual/trabalho manual ou, o que quer dizer o mesmo, instituição a serviço da reprodução das relações de exploração e dominação" (WARDE 1977, p. 89).

Assim a interdisciplinaridade foi incentivada para a formação tecnicista na década de 1970 com o intuito de aumentar a exploração do trabalhador, a qual tinha caráter educacional sem interesse pedagógico voltado para humanização do indivíduo enquanto estudante.

Portando, nada tem de interdisciplinar. Embora os investimentos se voltem para a formação profissional, técnica, não é essa a formação valorizada, no contexto capitalista vigente, que prioriza a formação intelectual. A consequência desse tipo de investimento, segundo Mirim Jorge Warde (1977), seria, portanto, a dificuldade de acesso aos saberes valorizados na própria sociedade capitalista, pelas classes sempre discriminadas para que se mantenham como classe trabalhadora sem interferir ao *status quo* vigente, já que, "(...) mesmo havendo uma escolarização toda ela voltada para a formação profissional, a escola capitalista é sempre centrada no polo intelectual e cumpre a função de reproduzir a divisão social, ao desqualificar o trabalho manual qualificando o trabalho intelectual" (WARDE, 1977, p. 87).

Isso mostra que a perspectiva da Interdisciplinaridade na década de 1970, era enviesada pois tinha o propósito de formar profissionais multi-funcionais, importantes para a áreas de produção mercantil e não para a autonomia a libertação das pessoas. Neste caso a interdisciplinaridade não tinha carácter intersubjetivo e não estimulava os professores às conexões que humanizam, mas à formação de mão de obra qualificada. (KEIM, 2018 c).

Na perspectiva histórica a interdisciplinaridade surgiu no Brasil com o objetivo de formar mão de obra qualificada e tornar o trabalhador multifuncional, sem ter carácter pedagógico de libertação, pois servia à formação profissional, atendendo à premissa e interesse na exploração do trabalhador e no aumento das produções como base do capitalismo.

Os debates referentes à interdisciplinaridade no cenário brasileiro ganharam destaque frente ao intenso movimento da classe dos trabalhadores como enfrentamento ao que estabelecia a Lei 5692/71, promulgada durante a ditadura militar. Com a queda do regime militar, movimentos populares e de docentes organizados, culminaram com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9394), de 1996 e depois de forma controversa com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1998, ocorreu no acirramento dos debates e práticas de professores nos diversos níveis de ensino na perspectiva de compreender e desenvolver a interdisciplinaridade nas dinâmicas educativas e escolares.

Apesar disso, a interdisciplinaridade em termos de teoria e prática consciente, ainda é pouco compreendida, justamente pela prática ocorrer de forma mecânica, por vezes apenas para atender aos interesses multidisciplinares, sem integração e conexão dos professores. Para Hilton Japiassu (1976) a interdisciplinaridade visa recuperar e dar unidade humana ao processo educativo, por meio da passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade, e assim

sendo, recuperar a ideia primeira, de cultura com foco na formação do homem total, no qual o papel da escola seria de formação do homem inserido em sua realidade, para que o papel do homem como agente das mudanças do mundo fosse alcançado.

Portanto, mais do que identificar um conceito para interdisciplinaridade, o que os autores buscam é encontrar seu sentido epistemológico, uma vez que cada professor tem um conceito do que é de fato a Interdisciplinaridade considerando sua trajetória teórica.

Partindo-se do pressuposto apresentado por Hilton Japiassu (1976), de que a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa, exige-se que as disciplinas, em seu processo constante e desejável de interpenetração, fecundem-se cada vez mais reciprocamente.

Diríamos então, que com a disciplinaridade, é necessário desejar atingir uma postura interdisciplinar, ou seja, ninguém se torna um profissional interdisciplinar por acaso, é preciso buscar se reconhecer como tal, ter interesse em compartilhar e receber o conhecimento, adotar uma postura humildade, pois é preciso considerar que não existem disciplinas mais relevantes do que outras, para não cair na armadilha de acreditar que essa posição possibilita ter mais conhecimento que os outros por estar buscando uma atitude interdisciplinar.

Como citado anteriormente, a interdisciplinaridade pode ser manifestada como postura e atitude de “querer ser interdisciplinar”, o que exige o início de processo de transformação no ser humano de forma constante e contínua. Assim essa pesquisa pretendeu de certa forma, desencadear processos de metamorfoses junto aos professores ao considerar o processo do pesquisador em sua prática investigativa, partindo inicialmente dos questionamentos, debates, indagações e considerações dos espaços vividos percebidos e concebidos, bem como das interpretações críticas das representações do meio ambiente, das interações ambientais e humanas, utilizando como método de pesquisa a fenomenologia de Johann Goethe, para ampliar a compreensão da multifacetada realidade vivenciada.

Portanto saber escutar o outro, trocar experiências, promover diálogos abertos, interagir com os professores pode ser o caminho para encarar o desafio de se tornar interdisciplinar, aberto a transformações para confrontar os paradigmas vigentes. Na verdade, a trajetória da interdisciplinaridade apresentada aqui, se

caracteriza como uma história de resistência sendo resultado de um longo percurso de luta indo contra a interdisciplinaridade que se apropria do mercado e das multifuncionalidades.

Nessa dimensão existe uma complexidade ao interpretar e compreender a interdisciplinaridade, sendo confundida muitas vezes pelos professores com a multidisciplinaridade. Com essa pesquisa entre outros aspectos pretende-se apontar que a compreensão das representações possa se caracterizar com elementos que viabilizem posturas e ações interdisciplinares, que se configure como instrumento para ampliar a interdisciplinaridade, com base nas conexões, e não somente nas ligações, de conceitos, assuntos e conteúdos. A interdisciplinaridade se caracteriza também como processo intersubjetivo transformador para a emancipação da educação, para contrapor a atual abordagem da escolarização que se caracteriza como agente de produto e mercadoria a serviço do mercado.

Essa perspectiva de Educação se restringia à escolarização, segundo Ernesto Jacob Keim, (2018b), coloca a educação como produto a serviço do capital sendo que essa posição inviabiliza a compreensão da interdisciplinaridade como algo sentido e percebido por meio da intensificação, da sensibilização e relação rítmica de cada postura, conteúdo e tema de estudo constituintes do processo educativo conforme aponta a Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti.<sup>4</sup> (KEIM, 2018 d)

Analisando a interdisciplinaridade no contexto ambiental contemporâneo para interpretar as representações como reflexo da realidade, temos a busca de uma postura interdisciplinar, que desencadeia processos de metamorfose, junto a professores, na perspectiva interdisciplinar e intersubjetiva, ao se desenvolver a compreensão da importância das representações referenciadas em Henri Lefebvre, sobre o que significa, para a vida planetária com dignidade de todos os viventes, a expressão interação ambiental.

Um ponto relevante nesse processo investigativo pode ser destacado neste momento da pesquisa, com o fato de as questões ambientais ao serem apresentadas a alguns professores em uma escola pública que atende a uma

---

<sup>4</sup> Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti, se caracteriza como proposta desenvolvida pelo Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim na perspectiva de desenvolver educação anticolonial como resposta para a formação de um homem sintonizado e integrado ao que promove vida planetária com dignidade. Disponível em: [www.profjacob.com.br](http://www.profjacob.com.br)

população de baixa renda, serem transformadas em ação interdisciplinar. Esta percepção se dá pelo fato de as pessoas inseridas na educação estarem isoladas e imersas em processos intersubjetivos e sociais mais amplos, almejando mudanças e soluções significativas nos processos que desenvolvem na *práxis* educativa, na medida em que proporcionam reflexões inéditas.

Afinado nessa perspectiva de a interdisciplinaridade transcender a escolarização, Henry Lefebvre contribuiu com críticas às ciências parcelares e análises fragmentárias. “O problema coincide com a interrogação geral apresentada pelas ciências especializadas. Por um lado, o global, o parcial, com dados mais seguros, porém esparsos. Por um lado, um conceito sem conteúdo, por outro lado, um conteúdo ou conteúdos sem conceitos”. (Henry Lefebvre, 1991 p. 47).

Assim o potencial das representações na perspectiva interdisciplinar proporciona outras maneiras de ver o mundo e encarar seus desafios, buscando caminhos de conhecimento e visões e projeções da realidade subjacente, destacando os espaços vividos como principal cenário, para elucidar as representações com as quais se pretende viabilizar e compreender as dinâmicas e explicações da realidade que é inesgotável.

Neste caso o professor deve questionar porque a educação na escolarização é representada de forma engessada, sem conexões humanas e interações com o meio ambiente? Por que é tão complexo incluir a interdisciplinaridade no contexto social contemporâneo? Por que trabalhar coletivamente é mais difícil?

Para Michael Serres, uma das crises de nosso saber resulta de não sabermos pensar sem os limites impostos pela fragmentação do conhecimento, ao mesmo tempo em que estamos condicionados a resolver os problemas impostos pela necessidade de unir, interagir, entrelaçar, mesclar. Para ele trata-se de estabelecer um acordo entre as disciplinas do conhecimento, criando uma espécie de federação interdisciplinar, onde os múltiplos saberes se conectam e estabelecem uma relação contratual interdisciplinar, entre a instrução e a educação dos saberes científicos da humanidade.

Utilizar as contribuições das representações em Henri Lefebvre é contar com um autor crítico ao filosofar as questões referentes ao espaço ambiental, e para ampliar os conhecimentos interdisciplinares sobre os espaços nos quais se vive. Esta posição se caracteriza por que esse autor enfatiza a relevância do pensamento,

privilegiando a concepção do todo, por meio do conceito de totalidade implícito no método dialético. Assim, a interdisciplinaridade, por meio do diálogo dos saberes, é uma perspectiva estratégica ao enfrentamento da fragmentação dos estudos e vem colaborar, para a construção de um processo de ações que promovam libertação e emancipação.

Porém é necessário enfatizar que a perspectiva da interdisciplinaridade nesta pesquisa, não é só ser interdisciplinar por um tempo determinado ou apenas em alguns momentos esporádicos, ela se apresenta como uma postura que deve ser adotada constantemente e não apenas no âmbito profissional, mas também pessoal. A complexidade da interdisciplinaridade significa, antes de tudo, na busca do “Querer Ser interdisciplinar” (Keim 2017).

Outro importante educador que buscou dar luz ao comportamento interdisciplinar na escola foi Paulo Freire. Segundo o autor, as características de um projeto interdisciplinar, evidenciam-se por partir da possibilidade de rever o velho e torná-lo novo, pois em todo novo existe algo de velho. “Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã”. (FREIRE, 1996, p. 31).

Nesta perspectiva devemos enfatizar que a interdisciplinaridade não deve apenas promover ligações entre as disciplinas, mas manter sua individualidade para integrá-las a fim de superar as fragmentações por meio das conexões constantes que buscam a totalidade.

Como decorrência da reflexão referente à interdisciplinaridade foi elaborado o esquema que segue para evidenciar de forma esquemática, uma abordagem para debater esse tema com docentes que atuam em ensino fundamental e médio. Ele aponta a interdisciplinaridade como processo contínuo e espiral que se auto-alimenta sem que ocorra fechamento de ciclos, os quais se caracterizam como postura e não como metodologia.

É postura, pelo fato de depender do envolvimento de cada pessoa, e do processo que ocorre como mudança interna, decorrente das atitudes de cada um, o que se caracteriza como metamorfose.

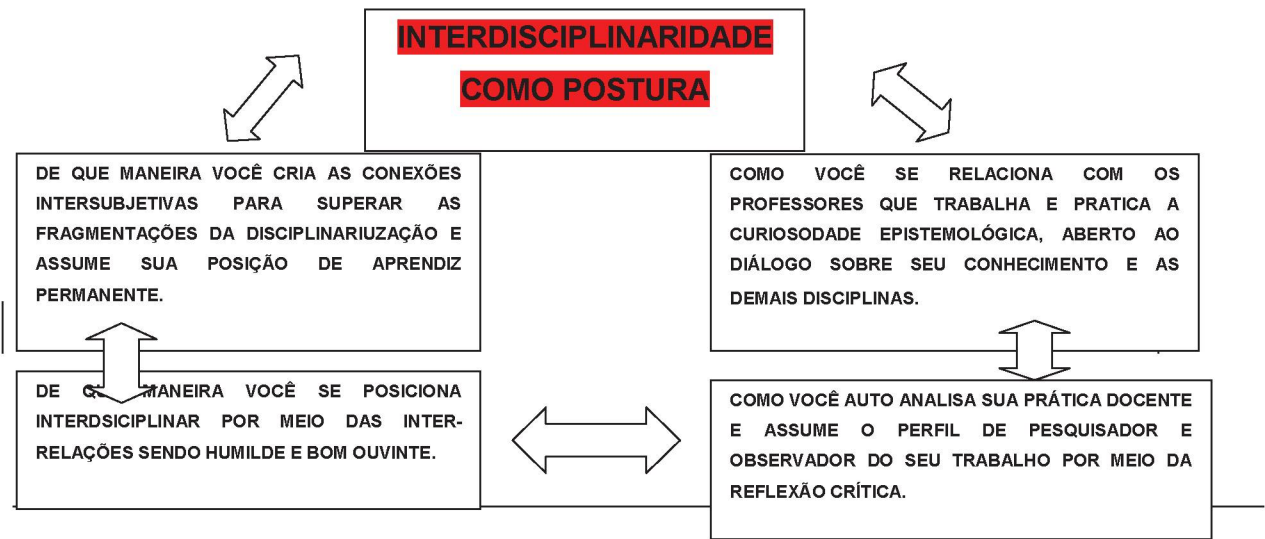
É abertura para o outro, e percepção de que a educação é processo político e interacional, por meio do qual cada pessoa vai se modificando conforme for sua posição de aceitação crítica e fenomenológica, bem como envolvimento para incorporar mudanças e se abrir, para criar conexões que viabilizem compreensões e

geração de diferentes significados e respostas, ao que havia sido interpretado e respondido. É com essa dinâmica que se processa a perspectiva interdisciplinar que Ernesto Jacob Keim também prefere nominar como postura intereducacional (2018 d).

O meio ambiente com suas representações, formas, movimentos, significações de existência, símbolos e historicidade (memórias), caracteriza-se como um estudo interdisciplinar por si só.

A dimensão intereducacional (interdisciplinar) conforme (KEIM 2019) tem como propósito apontar formas pelas quais os elementos de um processo se articulam para gerar um todo que interage sem que tenha a prevalência de algum dos integrantes do processo. O Inter é iteração e não combinação de partes como soma de fragmentos.

FIGURA 1 — INTERDISCIPLINARIDADE COMO POSTURA.



Fonte: O Autor (2019).

3.1. INTERDISCIPLINARIDADE E REPRESENTAÇÃO COMO ATO POLÍTICO.

O campo da educação e o meio ambiente estão em sua essência intrinsecamente associado à pluralidade e à interação disciplinar. As formas tradicionais de ensino organizadas sob o paradigma da ciência tradicional, objetiva, reducionista, reprodutiva e conteudista, desenvolveram ao longo do tempo um tipo de conhecimento pontual, o qual se prende a conteúdos e não abrange a

complexidade da dimensão que promoveria o refinamento do que se chama de humanização, ou seja que contribuísse para eliminar e superar o que promove desumanização e barbárie.

Essa abordagem Freiriana de que oprimido é aquele que teve sua humanidade roubada, remete esse debate à necessidade de caracterizar a educação na vertente humanizadora, como processo essencialmente político. Como decorrência aponto segundo Ernesto Jacob Keim (2011) que política se caracteriza como a consciência, o debate e a responsabilidade assumida pelas pessoas em relação, com base nas forças e poderes que essas pessoas sofrem e também com base nas forças e poderes que essas pessoas exercem em suas interações culturais e sociais.

Por isso compreender as diferentes concepções de consciência das pessoas sobre interações ambientais, é uma forma epistemológica de debater a partir da análise da realidade social, especialmente nas relações que estabelecem e constituem o conhecimento humano. Essas consciências, consideram a subjetividade, a autoconsciência e a capacidade de perceber a relação entre si e o ambiente com os demais viventes e integrantes.

Essas consciências segundo Keim (2016), podem ser compreendidas com as seguintes possibilidades:

- i. Consciência asséptica: é a consciência que acredita que tudo que está acontecendo na sociedade será revelado e se tornará bom e limpo.
- ii. Consciência romântica: é a consciência que acredita que tudo se resolverá e que no final todos os problemas serão resolvidos.
- iii. Consciência Alienada: é a consciência que consiste em postura pela qual o indivíduo não percebe e não questiona a realidade vivenciada.
- iv. Consciência Mítica: é a consciência que consiste em acreditar que algo sobrenatural resolverá todos os problemas vigentes.
- v. Consciência ingênua: é a consciência que consiste em acreditar apenas no senso comum.
- vi. Consciências crítica: é a consciência que tem a capacidade de argumentar e compreender os fatos de forma efetiva e com argumentos defensáveis.
- vii. Consciência fenomenológica: é a consciência que remete ao olhar para si mesmo e a repercussão dos registros que causam movimentos internos intensificados pela sensibilização.

Compreender essas consciências no contexto educacional, no qual estão inseridos os professores de ensino fundamental e médio, por meio da observação com que relação existente, podem auxiliar o compreensão que as representações de

interações sociais em Henri Lefebvre, pela perspectiva do vivido e percebido no espaço escolar oportunizando os debates que considerem que não é só as instituições que estão em crise, mas também a sociedade, e como isto se reflete em sala de aula, pela falta de reconhecimento e valorização do exercício de educar, que se resulta no desânimo e na simples rotina incessante de instruir e ensinar, sem se envolver com a educação e o conhecimento profundo.

O professor Rui Canário da Universidade de Lisboa diz que vivemos um avanço tecnológico e científico, porém, no entanto há uma ausência de maturidade política e social, e para ele, isso é consequência dos modelos das instituições voltadas à disciplinarização.

Sabemos que são tempos difíceis e de baixa motivação, principalmente por parte do Estado que investe na educação apenas para atender interesses de seus propósitos alienantes. Apesar desses aspectos alguns professores resistentes ao sistema, peregrinam e resistem a tudo que está sendo imposto, alguns desistem e seguem as normas sem questionar, os mais otimistas ainda procuram novas estratégias de vencer as barreiras do contexto vigente isolador e procuram possibilidades de lutar contra essa total fragmentação do todo.

Sendo assim, esse texto está sendo escrito e direcionado para essas pessoas, que embora sem motivação alguma persistem em prosseguir, propondo-se a enfrentar as condições existentes acreditando no poder das conexões humanas e da educação, e resistem criando novas estratégias para superar ao que é verticalmente imposto e socialmente vivenciado.

Dessa forma, acredita-se no debate e reflexão sobre a interdisciplinaridade com base nas consciências apresentadas como um ato político, na medida em que se adota postura e posicionamento que a compreenda na perspectiva da responsabilidade com a vida em plenitude. Essa posição com base em Maria Cândida de Moraes (2013), enfrenta as desigualdades e busca a superação das crises existentes no âmbito educacional, com argumentos que apontem para a possibilidade de criar novas alternativas e debates para elucidar, superar e encarar as poli crises de dimensões planetárias, provocadas por um dinamismo técnico e científico que não valoriza a dimensão humana e os elementos construtivos da triangulação da vida, ou seja, - ser humano/sociedade/natureza. Destacamos ainda dessa autora a referência a um professor lusitano, que aponta para o fato de a interdisciplinaridade se fundar no carácter dialético da realidade social, para isso

defende a proposta de que temos que transcender a fragmentação, rompendo as heranças fortes do positivismo.

Se representar e se reconhecer interdisciplinar na perspectiva intersubjetiva leva-nos também a reconhecer a importância de organizar posturas, que nos auxiliem na compreensão das representações para problematizar o real e a realidade vivida, com o propósito de cada pessoa superar a condição de mera individualidade para alcançar a condição de cidadã do mundo e membro de sociedade plural e integrada.

Nesse sentido se soma a posição defendida pela professora Maria Cândido Moraes, ao evidenciar que:

Entretanto não basta mais denunciar! É preciso anunciar novos caminhos, novas propostas, para instaurar uma educação nutridora da cosmovisão, capaz de revitalizar a convivência humana, de regenerar a ética solidária e a responsabilidade social (MORAES, 2016 p, 16).

Essa autora ainda assinala e adverte dizendo que a educação como processo eminentemente político, se manifesta como determinação dos diferentes segmentos da sociedade pois:

Precisamos de uma política de educação integradora de natureza complexa que seja interdisciplinar e transdisciplinar capaz de promover uma educação com duplo compromisso, de lado uma proposta que seja capaz de colaborar para que o sujeito supere e transforme, do outro uma educação no âmbito do estar para que possa sair da opressão que vive ((MORAES, 2016 p, 18).

Com essas posições podemos apontar que um grande desafio seria como trazer essas práticas para a sala de aula utilizando de maneira adequada, consciente e responsável a interdisciplinaridade, para que esse processo intersubjetivo de auto reflexão e auto análise, seja efetivo. Essa observação corresponde ao fato de que não há uma receita pronta, na medida em que é preciso se encarar e descobrir por meio das práticas docentes e sociais, as capacidades e dificuldades que se apresentam, para então superá-las.

Nessa perspectiva é necessário a disposição a auto reformulação, diante das transformações educacionais, pois não se trata mais de uma educação que se resume apenas no intuito de profissionalizar, mas é urgente a necessidade de sensibilizar, empoderar e humanizar os seres humanos, por meio da educação para não ser mais uma vítima que se deixa levar pelo opressor sem questionar e indagar.

Moacir Gadotti e Paulo Freire (1989) revelam que o educador assume a dimensão política de seu papel, quando expõe o conhecimento como algo a ser desvelado, assumindo, junto com o educando, como apreensão do próprio método de conhecer.

Assim, a perspectiva da Interdisciplinaridade destacada aqui é a interdisciplinaridade como um ato político, como uma possibilidade de integração no caráter intersubjetivo para o enfrentamento dos problemas, numa tentativa de promover novas maneiras de olhar e encarar os anseios e desânimos diante da complexidade de educar numa sociedade desigual e injusta, para assim se desprender da orientação positivista imposta pela organização vigente no mundo, mediado pela competição e pela acumulação individualista.

Ainda para apontar que a Interdisciplinaridade se constitui como possibilidade de organizar o debate ambiental, trazemos como observação de ampliação dessa possibilidade, a perspectiva da Transdisciplinaridade, que foi lançada no contexto da educação como possibilidade de organização, que promovesse libertação e autonomia e que abordasse a questão ambiental, com responsabilidade epistemológica e vivencial, cabe destaque para Basarab Nicolescu, (1999) o qual trouxe com sua obra sinais importantes para o debate de a educação se caracterizar como processo transdisciplinar.

Essa proposta iluminou o caminho desta pesquisa, na medida em que ela representa uma base ontológica e epistemológica como maneira de compreender o ser e sua realidade, considerando dimensões como o psico-espiritual e psicossocial, ecológico e sociopolítico.

Partindo dessa ampliação de proposta investigativa cabe destacar o empenho de Ernesto Jacob Keim no debate da Transdisciplinaridade integrada à Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti, ao promover com comunidades originárias o que seria uma proposta de abordagem, na perspectiva de metamorfoses pessoais, de tal forma que contagiassem as pessoas a favor da postura anti-colonial, por meio de postura transdisciplinar, referenciada atualmente como transeducativa<sup>5</sup> (KEIM, 2018 c).

---

<sup>5</sup> TRANSEUCATIVA, no lugar de Transdisciplinaridade, pois se refere a transcender no âmbito educacional.

A interdisciplinaridade desenvolvida como pressuposto referencial da Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti, (KEIM, 2018 d) se apresenta como o SOL DE PASTO<sup>6</sup>, e aponta aspectos, os quais ao regerem a atividade docente, ao ressaltar o valor de cada um (docente e discente e demais membros da comunidade), na perspectiva de mediar atitudes humanas com foco na humanização e vida com dignidade, estimulando posturas afinadas com emancipação e autonomia. O Sol de Pasto possui 8 referenciais de relação, os quais apontam um encadeamento de posturas e sentimentos que promovem interligação entre os componentes integrantes do processo em forma de movimento espiral. Os oito referenciais de relação que compõem o esquema Sol de Pasto, se caracterizam com as seguintes indicações: cultura imaterial (sensibilização); identidade (sentimentos); comunicação e linguagens (percepções), cultura material (elaborações), grandezas, valores e relações (interações/matemáticas); formação e emancipação (conhecimentos/epistemologias); mãe terra e ser humano (relações vitais); corpo e planetaridade (saberes).

A identidade que promove reflexões do quem eu sou, do quem somos e como seremos, a cultura imaterial das transcendências espiritualidades, a comunicação e linguagem que indaga sobre as questões do reconhecimento e das interações e trocas, a cultura material dos meios de produção arte vivências e abrigo, das matemáticas das grandezas valores formas estruturas e medidas, da corporeidade do movimento ética corporal e estética, da pedagogia que valoriza liberdade autonomia e metamorfose, da mãe terra e do ser humano que proporciona uma cosmovisão e responsabilidade ética. No tocante à dimensão pedagógica, essa situação determinará inúmeras diferenças tanto no processo de ensino quanto no de aprendizagem, exigindo um redimensionamento dos atuais encaminhamentos que se manifestam de maneira isolada sem sentido.

---

<sup>6</sup> O Sol de Pasto é um teorema desenvolvido por Ernesto Jacob Keim com base em conhecimentos de povos originários andinos, africanos e brasileiros, com o qual organiza um processo de compreensão e responsabilidade do que vem a ser transdisciplinaridade.

### 3.2. INTERDISCIPLINARIDADE E A FENOMENOLOGIA GOETHIANA.

Johann Wolfgang von Goethe nasceu de uma família nobre em Frankfurt/Main, Alemanha, em 1749, e morreu em Weimar, em 1832. É considerado um dos mais importantes autores de linguagem e literatura de todas as épocas. Escritor de romances, peças de teatro, poemas, e se notabilizou na filosofia e nas ciências como geologia, física e botânica. Suas obras científicas foram tão importantes quanto as poéticas.

Na ciência se notabilizou com pesquisas e descobertas importantes na geologia ao descrever e classificar diferentes minerais, na física ganhou destaque ao produzir um barômetro de pequenas dimensões e escreveu uma teoria das cores que se contrapôs à posição de Newton neste tema; na botânica desenvolveu uma forma diferente de classificar e de estudar os vegetais e na filosofia deixou um legado importante, que viabiliza abordagem científica caracterizada como uma fenomenologia, segundo a qual o melhor resultado de toda pesquisa está no nível de metamorfose que ocorre com o pesquisador, segundo depoimento de Ernesto Jacob Keim (2018a).

Foi no estudo da botânica associado aos postulados filosóficos que detinha de seus estudos com base em diferentes fontes e épocas, que ele criou o conceito de metamorfose como um dos fundamentos de sua fenomenologia da natureza. Esse tema foi para Goethe, segundo Keim, um referencial com o qual delineou processo que revela os sistemas de aprendizagem e de construção de novos saberes e conhecimentos como processo, pelo fato de os avanços ocorrerem de forma progressiva e acumulativa, na medida em que fossem incorporados por quem desenvolvia o processo de busca e investigação. Assim, as mudanças nas pessoas ocorrem como as metamorfoses nos vegetais, considerando que uma vez alcançada uma forma não é possível voltar à forma anterior, e isto é essencialmente interdisciplinar conforme a Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti propõe.

A fenomenologia para Goethe tem a metamorfose como ponto referencial por que ela delineia processo formativo que é próprio de tudo que tem vida, e segundo Ernesto Jacob Keim a educação e as relações com a natureza refletem nas pessoas algo similar à complexidade que conecta com a vida em sua plenitude. Essa posição de investigação e estudo, impede a redução da pesquisa, nas ciências

e nas artes, a uma mera operação mecânica e repetitiva, por isso se caracteriza como processo e não como metodologia, segundo Ernesto Jacob Keim (2018a).

Segundo Jonas Bach Junior :

O diferencial qualitativo da percepção fenomenológica é um ponto de partida da abordagem Goethiana de fazer ciência. O processo da aplicação prática desta fenomenologia recorre a uma forma diferenciada de considerar a dinâmica interativa entre sujeito e objeto. Nela a meta não é colecionar o maior volume possível de representações, mas intensificar a interatividade entre os dois polos da relação: ser humano e natureza. Antes de se preocupar com o resultado, há um foco no processo, este é o ensejo para transformação. (BACH, 2014 p, 176).

Para Goethe a fenomenologia da natureza é um procedimento epistemológico e interdisciplinar, que implica num refinamento da subjetividade, para que esta se torne capaz de permitir que a essência do ser natural, que se expressa em metamorfoses, transpareça ao pesquisador. Esse processo implica na habilidade de o pesquisador permitir que o seu ser, que é foco da pesquisa, adquira a condição de sujeito do processo, para se tornar ativo, cada vez com novas dimensões de complexidade e qualidade cognitiva. Por isso, o conceito de metamorfose da fenomenologia Goethiana só pode ser compreendido dentro da dinâmica cognitiva em que foi evidenciado.

No caminho da fenomenologia Goethiana, o pesquisador numa abordagem interdisciplinar lança-se ao movimento dinâmico dos fenômenos, e emerge em intensificação para apreensão e compreensão dos ritmos. Este caminho de entendimento exige que o pesquisador valorize os processos mentais e estimule os movimentos internos para explorar, criar e desvendar as particularidades intrínsecas da realidade, incluindo a sensibilização para assim se projetar com maior alcance e profundidade. A intensificação, amparada na sensibilização do docente e pesquisador, o que possibilita o mergulho e o aprofundamento na promoção de diálogos sobre o real e o imaginário dando lugar para que o ritmo que caracteriza cada movimento, respeite o nível do movimento deste processo, que é complexo e libertador.

A fenomenologia como processo investigativo, não se caracteriza com uma metodologia pronta, nem com um conhecimento dogmático pré-definido. Assim, o foco e a atenção estão simultaneamente, orientadas e não orientadas, centrada e esvaziada, pois sempre estão em busca da sintonia e reciprocidade ao processo de mudanças, evidenciado como metamorfose.

Como exemplo retorno ao Jonas Bach Junior, que ao se observar uma planta, enfatiza que:

...sabemos que sua existência não é isolada (depende da terra, da luz, do ar, etc. em seu entorno) e seu ser se manifesta em perene metamorfose, ou seja, a sua forma não é estática. A compreensão do objeto real requer um pensar integralizante, que insira os vários elementos percebidos (a planta, a terra, o ar, suas diversas formas ao longo do tempo) (BACH, 2018 p. 49).

A fenomenologia de Goethe analisa os elementos integrantes dos fenômenos. Bach Júnior (2012, pg. 49) aponta que não se trata, em desvendar o começo, o fim ou sua finalidade, mas em apreender o fenômeno como um todo sem se limitar a parcialidades.

O processo de metamorfose exige uma atitude fenomenológica o qual se caracteriza como percepção intuitiva, ou seja, “A intuição é para o pensar o que a observação é para a percepção. Intuição e observação são as fontes do conhecimento humano” (STEINER, 2000, p. 71). O pesquisador numa vertente interdisciplinar analisa os processos orgânicos e inorgânicos da natureza. Essa capacidade e vontade de analisar as percepções, potencializam de forma extraordinária o olhar até que girem no raio de 360 graus. Quem consegue sustentar e compreender este processo, floresce junto ao meio ambiente e começa a enxergar os múltiplos contextos, estruturas e espaços de vivência que ele possibilita. É uma forma de conhecimento que, com intencionalidade, explora as diversas dimensões internas do seu eu em essência, com o propósito de se reconhecer primeiramente para conhecer e compreender a realidade, ao ponto de se confundirem.

Ser interdisciplinar implica em julgar subjetivamente o caminho de sua pesquisa sem neutralidade. O processo investigativo que dá sustentação a essa fenomenologia é a intersubjetividade do pesquisador com base na sensibilização, intensificação e ritmo para de fato compreender o fenômeno em questão. Nesse sentido, Goethe afirma que “jamais o particular pode servir de modelo para o todo”. E reforça sua análise:

Não se pode dizer que o infinito tenha partes. Todas as existências limitadas estão no infinito, mas não são partes do infinito, e sim participam de sua infinitude. Em cada ser vivo existe o que denominamos partes, porém tão inseparáveis do todo que só podem ser nele e com ele. (GOETHE 2012 p. 31).

Analisar os seres vivos com base nesta perspectiva pode ser um caminho para alcançar a postura interdisciplinar, pois a partir do momento que se torna

consciente da sua transformação, o processo intersubjetivo encontra a sintonia no ato de educar. Dessa maneira tudo faz sentido, pois é a partir deste momento que a interdisciplinaridade se faz presente, porque para alcançar esse nível de compreensão a pessoa precisa se auto reeducar para encarar o desafio ousado de embarcar por novos territórios de conhecimento.

O processo de metamorfose ocorre naturalmente, no contexto pessoal e coletivo, portanto, social, pois querendo ou não, a pessoa nesse processo estará sujeita ao processo. Segundo Keim (2011) possibilitar a percepção desse movimento como manifestação vital, como algo interno e inerente a cada pessoa envolvida no processo educativo, é função de cada pessoa enquanto educador ao questionar o significado e relevância dada às transformações subjetivas e coletivas, da dinâmica social. Afinal qual é o verdadeiro sentido da educação a não ser transformar e mudar beneficemente as pessoas para alcançar vida com dignidade.

### 3.3. REPRESENTAÇÕES NA PERSPECTIVA DE HENRI LEFEBVRE E DA FENOMENOLOGIA GOETHIANA.

Henri Lefebvre como pesquisador observou o espaço de modo peculiar ao analisar as transformações do mundo, ele tentou superar as representações existentes considerando as multidimensões da prática do vivido por meio dos movimentos entre o espaço rural e urbano”. As representações devem ser circulares, não fixas. As instituições, os símbolos e os arquétipos, interpretam as vivências e as práticas, de forma que as representações não são circulares e por isso intervêm sem conhecê-las, nem dominá-las”.(Lefebvre,2006, p. 31).

Lefebvre ao pesquisar as representações buscou compreender a dinâmica e as transformações do que chamou de concebido, analisar uma representação na perspectiva do autor é uma tarefa complexa, pois para ele as representações não são simples fatos, nem resultados compreensíveis. As representações vêm dos sujeitos, e não podem se reduzir a uma subjetividade, que, no entanto, têm uma objetividade que não pode se reduzir a um objeto, muito menos a uma “coisa”.

Goethe por sua vez não fez diferente ao pesquisar a metamorfose das plantas e da natureza. Para ele o segredo para alcançar uma ciência dinâmica, era interpretar e investigar as transformações da natureza, para captar a essência do fenômeno. Dono de um pensamento livre diante de modelos tão totalitários de

conhecimentos, promoveu a intuição e a sensibilização no ato da ciência, de forma que a intenção de Goethe não está em fazer uma ciência menos empírica, pelo contrário, é fazer uma ciência que destaque também as experiências sensoriais. Para ele não se pode acessar uma realidade fora de nossas experiências, e essa posição dá outro sentido à epistemologia.

Para ambos os autores o sujeito não é um mero espectador passivo do fenômeno, eles interagem e participam simultaneamente, desse modo rompem com a inércia e valorizam também atuação, intuição do sujeito enquanto pesquisador. Enquanto Lefebvre ressalta sobre as necessidades de interpretar os espaços sob ótica multidimensional, Goethe de modo semelhante valoriza a natureza sem a perspectiva unilateral, uma natureza que interage com pesquisador, mesmo com bases interpretativas distintas esses autores se comunicam.

Lefebvre trouxe uma análise circular e uma contribuição às representações dadas como fixas, colocando-as em movimento ao interpretá-las valorizando as criações dos seres humanos e suas influências, que resultam nas transformações dos espaços, e Goethe intuitivamente se preocupou com a metamorfose da natureza e do sujeito num processo de movimento multifacetado e espiral.

Para Goethe somos embriões em metamorfose e para Lefebvre a metamorfoses dos sujeitos intensifica a criação e transforma a realidade vivida, percebida e concebida numa sequência progressiva e simultânea onde se manifesta a natureza.

Embora esses autores se manifestem a partir de contextos históricos diferentes, Goethe poeta e cientista que se recusava a viver as fragmentações dos saberes científicos, afirmava que “jamais o particular pode servir de modelo para o todo”. Lefebvre filósofo e sociólogo com postura semelhante conseguiu contribuir com seus estudos também na Geografia, por acreditar que compreender o espaços vividos perpassam as fragmentações das ciências pré-estabelecidas. Ambos conseguiram provocar reflexões em torno das possibilidades de elaborar outras formas de se fazer ciência, estabelecendo uma dualidade da relação sujeito-objeto. Suas análises trazem um olhar panorâmico e humano ao interpretar, em linha de continuidade, o movimento vital em uma dimensão transcendental, que supera representações fixas e inalteráveis perpassando as ordens e convenções científicas vigentes.

### 3.4. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo as reflexões até aqui realizadas giraram em torno da interdisciplinaridade, aqui apresentada como postura, não somente como ligações entre as disciplinas, mas algo que se busca para nos reconhecermos enquanto pesquisador, que não se limita somente ao seu campo de conhecimento científico e se dispõe a agregar novos saberes com humildades.

A interdisciplinaridade como um ato político como uma estratégia de superar as normas de educação escolarizada que é fragmentada e burocrática, atua como um ato de resistência que começa por cada pessoa envolvida e engajada na resistência a favor da emancipação da vida com dignidade. Isso significa pensar para além das fronteiras científicas já estabelecidas e consagradas.

A interdisciplinaridade para Goethe, é a priori uma forma de alcançar o reconhecimento da subjetividade do saber. Para esse autor é impossível ser interdisciplinar sem antes procurar o reconhecimento de si mesmo e esse é o primeiro passo para anexar e transcender perspectivas humanas e científicas ao fazer e se caracterizar como ser investigativo.

Assim, o tema que caracteriza esse capítulo se sustenta na interdisciplinaridade no contexto das Representações do que vem a ser vida com dignidade, considerando a perspectiva Lefebvriana com base em elementos indicativos como:

- I. A interdisciplinaridade, como postura que rompe fronteiras e barreiras ao agregar novos saberes.
- II. A interdisciplinaridade confronta as ciências parcelares e fragmentadas.
- III. A interdisciplinaridade se funda no carácter dialético e valoriza as dimensões humanas.
- IV. A interdisciplinaridade como processo interpretativo sem finalização com base na subjetividade e objetividade de cada integrante.
- V. A interdisciplinaridade possibilita junto a seres ativos, sensíveis e disponíveis, metamorfoses intersubjetivas como mudanças efetivas sem retorno.
- VI. A interdisciplinaridade como processo que acolhe o diálogo de saberes.

#### 4. AMBIENTE E VIDA PLANETÁRIA.

O planeta terra está atravessando um momento de crise, como num estado de enfermidade. São visíveis os sinais que o meio ambiente envia ao apontar sua fragilidade. Ele grita por socorro, e muitas pessoas perguntam, porque precisou chegar a esse ponto para que houvesse a consciência, de que os recursos da terra são finitos.

As tecnologias são usadas ainda de forma rudimentar, sem o mínimo de “cuidado” com a natureza. A cultura antropocêntrica ao considerar os seres humanos acima de tudo, distanciando-os da integralidade da relação com o próximo e com o meio ambiente.

Vale ressaltar a necessidade de um olhar global para se fazer frente às questões ambientais, que se não atingem a todos, por questões econômicas e sociais, futuramente atingirão. Leonardo Boff diz: “Se não mudarmos, morreremos”. Ele ressalta a necessidade de uma nova comunicação que seja pautada na compaixão para com a terra. O individualismo recorrente do capital impede que se tenha uma visão da complexidade do problema ambiental no mundo, o sonho de melhorar a qualidade de vida só gerou progresso do capital. Essa foi uma falsa ideia de avanço, hoje, considera-se que o avanço ocorreu, mais foi o avanço para o esgotamento dos recursos naturais.

Com base nessas inquietações trazemos Lefebvre, para neste capítulo, dialogar com outros autores, para a organização de argumentos que possibilitem debater e investigar questões cruciais à vida com dignidade, o que é o foco central do autor referencial dessa pesquisa.

Assim fica no ar a pergunta: Como buscar então um cosmos e não um caos?

Segundo Boff: estabelecendo uma teia de relações, onde os seres humanos possam emergir em uma única entidade, considerando que todo o universo é uma cosmogênese. Boff compreende que após o *Big Bang* a evolução está criando mais e mais seres diferentes e complexos. Quanto mais complexos, mais se auto organizam, mais mostram interioridade e possuem mais e mais níveis de consciência até chegaram a consciência reflexa do ser humano. Ele conclui que tudo se mantém religado, num equilíbrio dinâmico e aberto, passando pelo caos que é sempre generativo e proporciona um novo equilíbrio mais alto e complexo rico em potencialidades.

O planeta terra é organismo vivo em movimento, que estabelece uma relação mútua e interdependente com os seres humanos, e todos os demais integrantes dos ambientes. Neles os seres humanos estão conectados como criaturas vigentes que terão o mesmo destino. Filosofar sobre essas questões ambientais é caminho para alcançar diálogos de maior amplitude e profundidade de forma que a filosofia ambiental se preocupa com o papel do ser humano dentro dele e contribui para uma educação ambiental crítica.

A crise ecológica nos remete a essa cosmovisão referido aos ambientes, e promove interesses de resgate de preservação dos seres vivos que caminham para o caos, se não houver uma mudança nessa atuação que seja marcado por mais respeito, harmonia e amor com o planeta que por enquanto ainda resiste, apesar de fragilizado e que ainda sustenta a vida dos humanos.

#### 4.1. AMBIENTE, MEIO AMBIENTE e EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM DEBATE A SER DEFINIDO

Ambiente e meio ambiente são termos comumente tomados com o mesmo significado. A palavra "meio ambiente" amplia a escala: o "meio" é mais amplo do que o "ambiente". Mas, continua a se considerar apenas o suporte físico e os objetos, ou traços que o identificam. Ao homem é reservado o papel de mero espectador: o que percebe, compreende e sente. Esta expressão "meio ambiente", assim como a de meio, a de ambiente, e as mais "sofisticadamente científicas", como ecossistema e geossistemas foram tomadas de empréstimo pela Geografia de outras ciências, notadamente da biologia que tem o homem como um, entre os milhões de seres vivos que são seu objeto de estudo, porém sabe-se que a questão do meio ambiente é pesquisada por inúmeras áreas de conhecimento.

Geralmente a noção que se tem do meio ambiente é aquela visão predominante e comum associada aos espaços verdes, os jardins, as florestas, praias, pássaros, montanhas, cachoeiras, denunciado segundo Brugger (1999 p,159) pela alienação e ingenuidade. À ingenuidade porque leva à crença de que a questão ambiental tem solução pelo aumento do conhecimento sobre intrincadas relações entre componentes do meio; à alienação porque o humano passa a perceber-se vivendo em um ambiente, e não vivendo o ambiente que também ele faz emergir, mais afinal o que é meio ambiente?

O meio ambiente é o aqui e agora em qualquer dimensão de espaço que o cerca, é onde o ser exercita sua cosmovisão, sua visão do mundo, onde reflete sobre a complexidade do meio ambiente e também aonde se envolve a questão semântica e o imaginário dos seres humanos, e é nesta perspectiva que esta pesquisa utiliza o termo ambiente, para ampliar o seu conceito e o desprender do conceito interligado à natureza. O meio ambiente é a natureza, mas também pode ser representado pela transformação e modificação feita pelos seres humanos nas estruturas que constituem nosso planeta, portanto, resultado do pensamento e conhecimento humano. É o trabalho físico e intelectual sobre a natureza que nunca deixa de existir.

Coimbra descreve o meio ambiente como “Um conjunto amplo de fatores e processos de qualidade em que os indivíduos e as comunidades estão imersos. O ambiente rodeia de forma permanente e cambiante os seres vivos e não vivos que o compõem” (2002 p.,474), e nele se destacam os humanos com suas organizações e construções que interferem de forma significativa na dinâmica organizativa e reativa do planeta. Essa questão transcende as representações pois se configura como intervenções. Dessa forma meio ambiente pode ser um tempo e um espaço de interações e intervenções, mas nunca uma dimensão de neutralidade e passividade.

Essa pluralidade de interpretações do que sejam as interações ambientais, remete a uma aparente falta de rigor na utilização dos conceitos de ambiente e relações com o meio ambiente. Isso dificulta o entendimento para aqueles que se dedicam a estudar as questões ambientais, mas essa dificuldade, afirma-se com a inexistência de sintonia entre diferentes campos de estudo permeados pela perspectiva positivista de ciência. Isso remete a uma aparente falta de rigor na utilização dos conceitos de ambiente e meio ambiente, e isso dificulta o entendimento para aqueles que se dedicam a estudar as questões ambientais.

O criador do blog ambiente ecológico Flávio Nogueira (2011) em seus estudos filológicos, chama a atenção para a redundância que existe na expressão meio ambiente.

O “ ambiente”, já inclui a noção de “meio” e este de alguma forma, a etimologia da palavra meio ambiente. Ele complementa que a palavra Ambiente é composta de dois vocábulos latinos: a preposição amb(o) ( ao redor á volta) e o verbo ire ( ir) que se funde numa aritmética muito simples, amb + ire =ambire. Desta simples operação resulta uma soma importantíssima, ir á volta. ‘Ambiente, pois é tudo o que vai á volta, o que determinado ponto ou ser. “Ambiente” começou como particípio presente do

verbo ambire (Ambiens, Ambientis). Esta expressão reduplicativa existe somente nas línguas portuguesas e espanholas, conhecidas pelos seus excessos. O italiano refere-se tão só ao 'ambiente', ao passo que espanhol adota médio. (NOGUEIRA, 2011 p. 03).

Com relação à natureza é interessante notar que, no caso do Brasil, a Constituição Federal de 1988 não contempla os termos natureza e ambiente, referindo-se apenas ao meio ambiente como objeto de regulação e preservação. Dispõe em seu Capítulo VI Do meio ambiente, no seu artigo n. 225, que:

todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1998, não paginado).

Não há, portanto, na Constituição Federal propriamente uma definição do que seja meio ambiente ou ambiente. Mas a Lei Federal n. 6.938/815, de 31 de agosto de 1981 (já alterada pela Lei Federal 7.804, de 18 de julho de 1989) que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências, estabelece pelo seu artigo 3º. Que “Para os fins previstos nesta Lei, entende-se por: I - meio ambiente, o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite abriga e rege a vida em todas suas formas”.

No sistema jurídico brasileiro foi a Lei 6938/81, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), que definiu o conceito de meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e infra-estrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981, p.01). Além do conceito apresentado pela PNMA, apenas a ISO 14001:2004 traz uma definição sobre meio ambiente: “circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações” (BRASIL, 2004, p. 01).

Em 1972, foi realizada a primeira conferência Mundial sobre o Meio Ambiente em Estocolmo na Suécia, até aquela época o meio ambiente era tido como uma fonte inesgotável de recursos, e essa foi a primeira vez que se utilizou o termo meio ambiente. Esse evento protagonizou a necessidade de uma atitude mundial para preservar o meio ambiente ele foi organizado para responder à crise que já era evidente na década de 1960, em função de grandes desastres e desequilíbrios ambientais.

Essa conferência é considerada um marco histórico, político e internacional, decisivo para o surgimento de políticas de gerenciamento ambiental, direcionando a atenção das nações para as questões ambientais.

Aqui cabe destacar que um dos agentes desencadeadores desse evento e da urgência para tratar das questões ambientais, se deveu à publicação do livro *Primavera Silenciosa*, no qual a autora escreve sobre o uso indiscriminado de inseticidas que promoveriam a morte de todos os insetos e consequentemente a morte das aves gerando um desequilíbrio sem precedentes na biosfera terrestre.

De acordo com Ernesto Jacob Keim (2018) o marco mais desafiador para mudanças de atitudes das nações, com relação ao meio ambiente, ocorreu em Belgrado em Iugoslávia, em outubro de 1975, depois da Conferência das Nações Unidas realizada em Estocolmo em 1972.

Esse evento representa uma posição conceitual que desafia os governos e as nações e organizações de produção de bens, caracterizadas como resposta a desafios postos pelo mercado e não pela vida com dignidade. Assim, nesse seminário foi elaborada a Carta de Belgrado, afirmando a necessidade uma nova ética global, individual e coletiva, que reconheça a dinâmica e a complexidade nas relações entre humanos e natureza e entre seus semelhantes. Essa carta é enfática ao apontar a dimensão filosófica, sociológica e antropológica da realidade ambiental que deve ser referenciada com ênfase nas propostas de Educação Ambiental.

Depois desses eventos cabe destaque para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad), realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro, que ficou conhecida como Rio-92 e Eco-92, a qual marcou a forma como a humanidade encara sua relação com o planeta. Foi naquele momento que a comunidade política internacional admitiu claramente que era preciso conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a utilização dos recursos da natureza.

Mais tarde, de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade *do* Rio de Janeiro aconteceu a Conferência das Nações Unidas Rio +20, sobre o desenvolvimento sustentável. O objetivo da Conferência foi a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes, tais como economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza.

As Conferências Nacionais do meio Ambiente são instrumentos de participação democrática e inclusiva. Uma oportunidade de ouvir os setores público e privado constituintes da sociedade em geral, sobre os principais temas que envolvem o meio ambiente em uma dimensão mais ampla.

#### 4.2. REPRESENTAÇÕES DE MEIO AMBIENTE

É notório que o debate referente à caracterização e diferenciação de ambiente e meio ambiente se desenvolva em cenário de especificidade linguística e política, pois envolve diferentes circunstâncias de significados, bem como de forças e poderes.

Marcos Reigota (1998) fez um levantamento sobre a Representação de meio ambiente e para esse autor “o meio ambiente centra-se nesta ótica globalizante, em que o mesmo é definido como um conjunto de interações entre os aspectos sociais e naturais, além dos processos históricos, políticos, filosóficos e culturais” (2009, p. 45).

Ainda nessa busca de sentido e consistência para esse debate temos Lucie Sauvié, que em seu livro *Educação Ambiental Possibilidades e Limitações* (2005 p.317,318), que descreve sete tipos de argumento para indicar o que vem a ser ambiente:

- i. Meio Ambiente – natureza (para apreciar, para respeitar, para preservar). Na origem dos atuais problemas socioambientais existe essa lacuna fundamental.
- ii. Meio Ambiente – recurso (para gerir, para repartir). Não existe vida sem os ciclos de recursos de matéria e energia entre o ser humano e a natureza, que é importante eliminar.
- iii. Meio Ambiente – problema (para prevenir, para resolver). Exige o desenvolvimento de habilidades de investigação crítica das realidades do meio em que vivemos.
- iv. Meio Ambiente — sistema (para compreender, para decidir melhor). Pode ser apreendido pelo exercício do pensamento sistêmico: mediante a análise dos componentes e das relações do meio ambiente como “eco-sócio-sistema”.

v. Meio Ambiente — lugar em que se vive (para conhecer, para aprimorar). É o ambiente da vida cotidiana, escola, casa e trabalho.

vi. Meio Ambiente — biosfera (onde viver junto e a longo prazo). Leva-nos a considerar a interdependência das realidades socioambientais em nível mundial, vida cotidiana, na escola, em casa, no trabalho etc.

vii. Meio Ambiente — projeto comunitário (em que se empenhar ativamente). É um lugar de cooperação e de parceria para realizar as mudanças desejadas no seio de uma coletividade.

Lucie Sauvié ressalta de maneira bem ampla, diversos tipos de representações dos ambientes, seu pensamento contribui para ampliar a noção da complexidade de ambiente e algumas das dimensões existentes. A análise dessas proposições permite identificar uma pluralidade de correntes de pensamento sobre a temática ambiental.

Por certo, a proposição de meio ambiente mostra-se pertinente sob certos aspectos e em determinados contextos, principalmente no âmbito educacional como quando se torna a chave que permite dar início a um diálogo entre os professores de diversas áreas do conhecimento. Para as questões ambientais e política do meio ambiente, as representações podem significar uma motivação para promover debates pertinentes ao assunto em questão.

Assim como propõe Pina (2004 p. 45) “Qualquer proposta de definição de meio ambiente deverá considerar a complexidade que o tema envolve”. Portanto a discussão entre as concepções de “ambiente” e “meio ambiente”, a que se propõe esse trabalho, pretende possibilitar um diálogo entre o que se percebe como definições oriundas de um senso comum e da ciência, buscando ampliar o horizonte do conhecimento humano e discutir de maneira sistêmica e participativa a questão ambiental, para dessa forma, possibilitar por meio do diálogo, a compreensão de representação de interação ambiental que os professores têm, levando em consideração a multiplicidade do conceito e a variedade das interpretações do que trata o meio ambiente.

#### 4.3. ONTOLOGIA E INTERAÇÃO AMBIENTAL.

No contexto contemporâneo a tecnologia exerce importante influência na condução das interações das instituições desenvolvidas por humanos, com o propósito, entre outros, de facilitar as relações e interações com os ambientes onde a vida se processa com o foco de consolidar diferentes formas e dimensões de poder, a percepção das conexões tecnológicas, avançam constantemente, porém as interações humanas se tornaram menos frequentes, com a ausência de uma consciência crítica, que faz com que as interações ambientais não consigam ser percebidas com o devido questionamento do meio ambiente vivido.

Esse contexto social que é fundamentalmente ambiental, político e econômico, resulta na falta de interação do ser humano, como ser humanizado, pois prevalece sua atuação com os ambientes como ser institucionalizado. Assim a interação do ser humano humanizado, em relação à natureza, pode ser sentida com mais ênfase, de forma a superar uma condição de Representação, instituída da presença do ser humano, como parte integrante da natureza e totalmente dependente dela para a sua existência.

Essa posição aponta para a necessidade dessa Representação do ser humano como elemento dependente e passivo, ou ativo que gerencia as relações ambientais sempre a seu favor, como se fosse agente criador independente de sua história.

Ernesto Jacob Keim e José Carlos da Silva no livro “Capoeira e Educação pós-Colonial” (2012), relata sobre a responsabilidade individual de cada pessoa como cidadão planetário. Uma pessoa com dimensão planetária se caracteriza como um todo complexo que interage com o meio ambiente e que este todo complexo é dinâmico, como um ser constituído por natureza (2012 P, 52) ontológica, pelo fato de o humano se apresentar como dimensão:

- i. Biológica na medida em que são constituídas por células, tecidos aparelhos e sistemas;
- ii. Psicológica pelo fato de possuírem pensamento estruturado e organizado, discernimento, inteligência, emotividade, sociabilidade vontade e afetividade;
- iii. Social por terem capacidades de interações mediadas, que viabilizam família, sociedade, profissão, economia, política e religião;

iv. Transcendente e histórica ao apresentarem capacidade de organização que os faz assumir compromissos éticos e morais, ter capacidade de superar e se impor aos demais viventes e ter noção de tempo e de espaço com aos quais estabelece valores e faz julgamentos além de criar e criticar;

v. Unicitária por possuírem natureza, capacidade e condições de serem únicos, imprescindíveis e insubstituíveis, podendo se apaixonar, rebelar odiar, perdoar e amar.

Essa citação evidencia que o humano se caracteriza como humano na medida em que se reconhece caracterizado por um conjunto de aspectos que constituem uma dimensão do saber acadêmico nomeado Ontologia, o qual tem uma diversidade muito grande de referências, por ser um tema recorrente a filósofos, antropólogos e sociólogos. Nesse sentido cabe destaque para Georg Luckács com sua Ontologia do Ser Social, por meio da qual desafia as pessoas a reconhecerem e abandonarem posições de reificação<sup>7</sup> para assumirem posições de responsabilidade interativa com agentes e elementos constituintes dos ambientes em suas múltiplas possibilidades.

Assim, esse ser ontológico, como descrito acima, na organização planetária vigente, é classificado como cidadão planetário por ser aquele que vive em comunhão e em contato com a natureza e que se sente parte de todo o processo vital do nosso planeta. Para ampliar a compreensão de que somos cidadãos planetários, e responsáveis por este planeta que acolhe o mundo no qual vivemos, é fundamental que se tenha consciência crítica e fenomenológica das crises, que são decorrentes da relação que as instituições criadas pelos humanos, promovem junto aos ambientes. Essa observação evidencia a questão dos humanos se estabelecerem com a natureza, sem considerar a premissa, de que o cuidar da natureza significa a sobrevivência e a qualidade de vida para todos os viventes, lembrando sempre que estamos inseridos no mesmo espaço cósmico.

Debater essa questão remete a Ernesto Jacob Keim (2018 c) ao apresentar que a vida com dignidade, pode ser apontada como o atendimento fundamental do

---

<sup>7</sup> Reificação é uma palavra adotada por Georg Luckács, para apontar o comportamento humano que valorize objetos ou instituições, como se elas tivessem vida própria e que essa vida, passa a ter mais valor e ser mais importante e significativa que a própria vida da pessoa.

que foi nomeado como Princípios Eco Vitais, os quais apontam para os seguintes pontos essenciais à vida:

ALIMENTO, bom e suficiente para garantir a vida como estado de saúde, capaz de resistir às enfermidades e capaz de possibilitar ao humano, o aproveitamento pleno de suas potencialidades.

ABRIGO, que atenda às necessidades de proteção e comodidade necessárias para o bem-estar e o pleno uso das potencialidades, de cada pessoa e de seu grupo social.

OCUPAÇÃO, que valoriza a capacidade potencial de criação, relação e produção de cada pessoa, como ser que se responsabiliza com as consequências geradas por suas ações, como um meio de interação com os demais, para superar as necessidades coletivas e sociais.

AFETO, como meio que promove amorosidade, carinho e sensibilidade das pessoas, com quem gera e promove vida, bem como, é meio para promover sexualidade, referenciada na comunhão do prazer que gera mais vida

PARTILHA, como possibilidade de garantir a todos os benefícios do que é produzido pela humanidade e como forma de promover uma visão de responsabilidade coletiva, como requisito básico e fundamental, para promover a ética universal dos seres humanos.

CUIDADO, como responsabilidade coletiva com o bem-estar de todos, ao ponto de promover relações e medidas, que desencadeiam posturas de atenção, respeito e valorização das diferenças e dos diferentes, mediados pela compaixão.

ESPIRITUALIDADE, entendida como a consciência e vocação de todo ser humano em Ser Mais, de forma consciente de que tudo e todos se desenvolvem em íntima relação de ECO-desorganização/organização e de que tudo e todos interagem de forma que transcendem a materialidade referenciada em padrões limitados e limitadores de tempo e espaço. (2018 d apresentação 4.3)

Esses aspectos segundo Ernesto Jacob Keim, devem ser considerados como referenciais para debater a integridade da vida, independente do que pretendem as relações de poder jurídico ou econômico.

Leonardo Boff, em sua obra Saber Cuidar publicada em 2014, promove uma reflexão sobre a necessidade de saber cuidar o nosso único planeta, com o outro, com a sociedade sustentável, com os animais, com os pobres, com o corpo, com o nosso espírito, nossa alma e nossos demônios interiores. Para Boff (2014 p, 176) o

ser humano é portador de liberdade e de responsabilidade, a liberdade é dada como capacidade de modelar a matéria ancestral, é a possibilidade de cultivar anjos bons ou demônios interiores, devemos cuidar dos nossos sentimentos, sonhos, desejos, do imaginário, das utopias.

O cuidado é caminho para oferecer a direção certa, nesse caso, para este autor, antes de refletir sobre o cuidado com a natureza é necessário refletir sobre o cuidar de cada um por si e para si, pois a partir desse cuidado com a própria vida, é que as pessoas humanas podem dar o valor que a Terra, chamada por ele como “Gaia o superorganismo vivo”, merece ter harmonia e sintonia da vida e toda sua biodiversidade. Para Leonardo Boff:

O distanciamento do homem com a natureza (terra), resultou no antropocentrismo e na ilusão do homem em acreditar ter capacidade de dominá-la, o erro brutal foi ter esquecido nossa união com a terra. Por sentir-nos filhos e filhas da terra, vivenciamo-la como Mãe generosa. Ela é um princípio generativo. Representa o feminismo que concebe, gesta e dá à luz. Emerge assim o arquétipo da terra como grande Mãe, Pachamama e Nana (BOFF, 2014, p. 86).

O ser humano é natureza, não apenas interage com ela, devemos procurar uma interação que nos possibilite conhecê-la, para que seja possível garantir uma sobrevivência harmoniosa e tornar mais segura a continuidade de nossa existência no cosmo. Com essa premissa as interações humanas com o ambiente se caracterizam como decorrentes de complexas representações, as quais, ao serem observadas ao nível das pessoas, manifestam-se como cultura ou mesmo percepções pessoais ou de cosmovisão, mas se estas representações são estabelecidas com base em referenciais de poder, elas se caracterizam como elementos que contribuem para estabelecer e justificar diferentes formas de poder, como modelos de gestão ou formas de governo (KEIM, 2017).

Nesse sentido, na contemporaneidade, temos o que se convencionou chamar como mundo globalizado, o que estabelece, em relação à história pregressa, na qual todas as relações planetárias, humanas e ambientais se desenvolveram e se desenvolvem com determinado grau de interações. As interações sociais com o meio ambiente ampliam a biodiversidade que interage com os humanos e suas instituições ao ponto de colocá-las como elementos naturais do meio ambiente, como observam Keith Brown Júnior e André Víctor L. Freitas (2002):

Uma vez reconhecido o fato de que a alta diversidade biológica local pode ser compatível com a presença de atividades humanas ajustadas

empiricamente à dinâmica da renovação do sistema, pode-se pesquisar em que medida ela resulta dessas próprias atividades. Ou seja, como certo tipo de uso humano do ambiente contribui para aumentar a diversidade ecológica (FREITAS, 2002 p. 39)

Essas interações humanas com o espaço e toda sua dinâmica de vida são fundamentais para a existência humana, e as interações ambientais representam essa sobrevivência. Nesta perspectiva é fundamental analisar os processos ambientais, como agentes com potencial para transformador os meios e as abordagens que a educação e em especial a escolarização destinam para a temática da vida e em especial para a vida com dignidade.

Assim, como afirma Jacobi (2003): “O papel dos professores é essencial para impulsionar as transformações de uma educação que assume um compromisso com a formação de valores de sustentabilidade, como parte de um processo coletivo” (p. 204).

Neste contexto as interações ambientais emergentes trazem à tona, novas maneiras de adquirir o conhecimento, e compreender a complexidade das inter-relações que ocorrem no ambiente sempre em construção e transição. Uma construção que ao contrário de privilegiar o capitalismo e o consumo em excesso, valoriza a vida e sua natureza. É necessário um novo paradigma que reinvente o significado de valor e uso de ambiente por meio da sensibilização e não apenas da razão. Essa harmonia é essencial para continuidade de vida no planeta.

A esse respeito, Leff (2001) acrescenta que:

Deste modo a racionalidade ambiental se funda numa nova ética que se manifesta em comportamentos humanos em harmonia com a natureza; em princípios de uma vida democrática e em valores culturais que dão sentido à existência humana. Estes se traduzem num conjunto de práticas sociais que transformam as estruturas do poder associadas à ordem econômica estabelecida, mobilizando um potencial ambiental para a construção de uma racionalidade social alternativa (LEFF, 2001, p. 85).

Em 1990 Michel Serres publicou a obra em *“Le Contract Naturel”* e faz uso de sua genialidade para pensar a relação ser humano e natureza, e as interações ambientais, ele faz a comparação dos humanos como parasitas e a natureza como hospedeira. O parasita agarra tudo e não dá nada, o hospedeiro dá tudo e não agarra nada. Para Serres (1990, p.58) a Terra existiu sem os nossos inimagináveis antepassados, e poderia muito bem existir hoje sem nós e existirá amanhã ou ainda mais tarde, sem nenhum dos nossos possíveis descendentes, mas nós não podemos existir sem ela. Por isso, é necessário colocar bem as coisas no centro e

nós na sua periferia, ou melhor ainda, elas por toda a parte e nós no seu seio, como parasitas. O autor ainda ressalta que a natureza reduz-se à natureza humana que, por sua vez, se reduz à história ou à razão, ou ainda a natureza se reduz às representações que fazemos dela.

Na obra *O Mundo Desapareceu* Serres destaca que...

Pela primeira vez, um sábio alerta que a Terra participa da batalha e pode ganhar, perder ou matar. Em Goya, a lama prevalece e os combatentes afundam. Começamos a pensar um pouco mais longe: que a Terra e os homens poderiam mesmo perder juntos. (SERRES, 2011, p. 131).

Serres foi muito pontual nesta reflexão ao dizer que é necessário ter a conscientização da relação de dependência que temos com a natureza, pois é ela que nos fornece todas as condições vitais de existência, o alojamento, o aquecimento e a comida, como está destacado nos Princípios Eco Vitais (KEIM, 2018d) destacados anteriormente.

Ele destaca a importância de pensar um novo equilíbrio, delicado, que aproxime as pessoas e as faça pensar sobre isso, esse seria o que ele chama de um contrato natural de simbiose e reciprocidade.

Promover a discussão com as referências propostos é fazer com que o professor planeje possibilidades de analisar as interações ambientais a relação sujeito natureza criando ferramentas de mediações, para alcançar as reflexões e diálogos desejados. Cabe à filosofia da educação refletir sobre as interações humanas como o meio em que se vive. Essa aproximação da filosofia com a educação tem fornecido contribuições importantes, partindo da perspectiva sustentável, e tem servido para ampliar os debates sobre as interações ambientais, além de reaproximar o homem da *physis*, tão venerada na antiguidade.

Segundo Carlos Porto Gonçalves (1990, p, 30) a *physis* é a totalidade de tudo que pode ser apreendido em tudo que acontece e que é percebido pela pessoa. Assim, a *physis* é significativa desde a aurora, ao crescimento das plantas, e ao nascimento e desenvolvimento dos animais e do homem. Ela é o conceito mais amplo e radical e dela depreende tudo que floresce e se vai. A *physis* é a compreensão da natureza e de tudo que é essencial para a existência humana, e com ela se espera que a natureza volte a adquirir tal representatividade. A *physis* não se caracteriza como representação pois ela é essência constitutiva do cosmos.

Neste caso cabe ao professor assumir essa responsabilidade e encarar o desafio complexo de educar, não apenas ensinar ou instruir, para isso é necessário analisar quais são as representações de ambiente dos professores, o que se entende sobre interações ambientais e como eles se reconhecem como partícipes nessas interações com o meio ambiente vivido.

O professor ao assumir essa responsabilidade, tem em certa medida um apoio importante nos pressupostos de Educação Ambiental, a qual é considerada em alguns setores educacionais como o agente educativo capaz de proporcionar vivências interativas e integradoras com o meio ambiente que partilhamos. É nessa perspectiva, que a Carta de Belgrado elaborada ao final do encontro realizado em Belgrado, Iugoslávia em 1975, promovido pela UNESCO, indica os elementos capazes de promover debate reflexivo para o alcance de uma nova ética global. Esses elementos indicativos de ação, para a elaboração das Diretrizes Básicas do Programa de Educação Ambiental se apresentam como:

1. A Educação Ambiental deve considerar o ambiente em sua totalidade – natural e criado pelo homem, ecológico, econômico, tecnológico, social, legislativo, cultural e estético.
2. A Educação Ambiental deve ser um processo contínuo, permanente, tanto dentro como fora da escola.
3. A Educação Ambiental deve adotar um método interdisciplinar.
4. A Educação Ambiental deve enfatizar a participação ativa na prevenção e solução dos problemas ambientais.
5. A Educação Ambiental deve examinar as principais questões ambientais em uma perspectiva mundial, considerando, ao mesmo tempo, as diferenças regionais.
6. A Educação Ambiental deve se basear nas condições ambientais atuais e futuras.
7. A Educação Ambiental deve examinar todo o desenvolvimento e crescimento a partir do ponto de vista ambiental.
8. A Educação Ambiental deve promover o valor e a necessidade da cooperação a nível local, nacional e internacional, na solução dos problemas ambientais. (CARTA DE BELGRADO, 1975).

Esse documento continua sendo um marco conceitual no tratamento das questões que envolvem o pensar ambiental para a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida das pessoas. A particularidade importante que ele carrega está no fato de colocar de forma direta aspectos filosóficos que questionam as formas econômicas e a ideologia de mercado vigente em nosso contexto civilizatório de matriz eurocêntrica.

#### 4.4. REPRESENTAÇÃO E RECONHECIMENTO NO DEBATE AMBIENTAL.

Representar-se para a sociedade como um cidadão ético, preocupado com o próximo e sustentavelmente correto em relação ao meio ambiente não é uma tarefa fácil, a problemática em questão é reconhecer-se como tal, de forma verdadeira e significativa em suas experiências diárias, para estimular uma identidade ambiental. Para Keim:

A identidade dos humanos como relação passa pela cultura que é algo mutante e que se condiciona às fronteiras que se estabelecem, bem como aos respectivos entre-espacos, numa perspectiva permanente de construção e reconstrução dos ambientes e dos sujeitos (KEIM, 2012 p, 53).

Assim a representação tem um forte destaque no debate referente à educação e aos ambientes, considerando as complexas problemáticas do contexto atual, principalmente quando se tem em conta a abrangência e o alcance das redes sociais, por meio das quais, as identidades se mostram como representação para atender a uma necessidade posta, como presença social, sem a necessidade de ser verdadeira.

Pode-se notar que temos uma grande preocupação com nossa representatividade no contexto de realidade social, diferente do contexto da virtualidade pois nela, a troca de valores, pode ser substituída numa dimensão que ultrapassa o entendimento esperado de forma responsável, pela e com a vida. Assim, é importante debater qual é efetivamente a necessidade de consumo, que nos representa de forma positiva, para sermos aceitos na sociedade, e isso não contribui para a construção de sociedade justa, solidária, participativa e emancipada. De acordo com o polônes Zygmunt Bauman ao destacar que:

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais (BAUMAN, 2008, p. 20).

A comunicação acima citada promove a reflexão sobre a representação por meio do consumismo, sem necessidade de representar o ter, para obter reconhecimento e aceitação social.

Axel Honneth, sucessor de Habermas, filósofo e sociólogo e diretor do Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt (Escola de Frankfurt), buscando construir uma teoria crítica social de caráter normativo, parte da perspectiva de que o conflito é intrínseco tanto à formação da intersubjetividade como dos próprios sujeitos. Ele destaca que tal conflito não é conduzido apenas pela lógica do auto conservação.

Trata-se, sobretudo, de uma luta moral, visto que a organização da sociedade é pautada por obrigações intersubjetivas. Nesse sentido, o autor adota a premissa de Hegel, para quem a luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de suas identidades gera “uma pressão intrassocial para o estabelecimento prático e político das instituições garantidoras de liberdade. (HONNETH, 2003, p. 29).

Axel Honneth (2003) desenvolveu nesta obra a teoria do reconhecimento a partir de três categorias: a primeira o reconhecimento de dependência absoluta, designada pela fase infantil, no qual a mãe e filho se encontram em um estado de relação simbiótica, por meio de uma relação de amor que se atualiza por um jogo de dependência, o segundo : o reconhecimento da sociedade e as relações de direito que segundo ele é ancorado na concepção de status: onde o sujeito só consegue ser reconhecido devido à sua participação ativa e por meio do direito, por meio do qual, os sujeitos se reconhecem reciprocamente como seres humanos dotados de igualdade. A terceira e última dimensão de reconhecimento se constitui com as relações de solidariedade, que promovem algo além do respeito universal.

Esse filósofo destaca a necessidade de construir teorias críticas com base na intersubjetividade para compreender os conflitos morais. A teoria do reconhecimento elaborada por Honneth, recorre ao pensamento de Hegel, ao contrariar o modelo hobbesiano que considera o homem como ser animal que busca a auto preservação e auto proteção concorrendo entre si, e propõe uma nova forma de analisar o reconhecimento com base no auto reconhecimento, com foco nas potencialidades dos sujeitos em sintonia, para desta forma, terem a capacidade de construir novas formas de interpretar sua própria identidade, o que consequentemente resulta em novas formas de lutas por reconhecimento. Para ele a luta social não é uma luta por poder, mas uma luta por visibilidade.

A teoria do reconhecimento, tal como inicialmente desenvolvida, pensa os conflitos sociais como buscas interativas pela consideração intersubjetiva de sujeitos e coletividades. Partindo do problema mais amplo desta pesquisa, pretende-se

buscar respostas, a partir dessas reflexões com ênfase na intersubjetividade dos sujeitos, partindo do viés do reconhecimento recíproco para dialogar e refletir o ser ontológico, na perspectiva das relações e seu reconhecimento ao ambiente, como também sendo não apenas parte da natureza, mais integrador em toda sua totalidade da mesma.

Com essa posição, pessoas acreditam que ao reconhecer-se desse modo, com base nas interações ambientais, cada pessoa poder ampliar seu entendimento e necessidade de compreensão do ambiente, sem desprezar o ato filosófico. Esse processo hermenêutico de representação e reconhecimento, convida o humano. Essa dinâmica nos convida a repensar as interações e relações intra-sociais, as quais se dão por meio das lutas por reconhecimento, para compreender as representações existentes, pois acreditamos que se reconhecer pode possibilitar um processo profundo de encontro com a subjetividade, por meio do estímulo ao reconhecimento, que fortalece as reflexões como uma maneira de responder aos conflitos internos.

Dessa forma ao se considerar a realidade da educação e da qualidade de vida apontada no meio ambiente em que se vive, esse trabalho busca:

A compreensão de como os aspectos de incompletude e imponderabilidade propostos pelas teorias do caos, complexidade e quanta para debater as representações existentes, com o foco de compreender as interações ambientais, na perspectiva interdisciplinar considerando essa temática e esse processo de natureza intersubjetiva e transformadora para ressignificar o meio ambiente vivido (KEIM, 2017 p. 34)

Para fundamentar essa posição Ernesto Jacob Keim (2018 d), destaca que as representações também passam por um viés de Interculturalidade que se expressa como referencial de representação e reconhecimento, ao propor que a Interculturalidade: promove encontros e organiza o diálogo interativo que inova e transforma; Busca ações e políticas transformativas do que desumaniza, para ampliar a humanização, superando as relações de interação opressora em interações propositivas de libertação; A dinamicidade intercultural é comunicativa e dialogal e reconhece o outro como portador de valores transculturais, com os quais dialoga a interage; e A Interculturalidade rompe fronteiras e questiona conhecimentos cristalizados e dogmatizados.

#### 4.5. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este capítulo aponta aspectos referentes às forças que as representações têm, no trato com as interações ambientais, frente aos desafios da natureza. Vimos que é essencial interpretar os significados dos acontecimentos de maneira crítica e dialética, por meio de prática social educativa. Essa posição se traduz em uma dimensão de decodificação das imagens e das representações construídas na trajetória da vida, para compreender as interações com o meio ambiente, as quais dão suporte a uma ampla conscientização ambiental.

Nesse capítulo ficou exposto que é fundamental compreender as representações com foco nas interações com o meio ambiente, ao apontar para a importância, do saber cuidar do planeta, como caminho para confrontar crises ambientais e promover a interação responsável do homem com a natureza.

Como síntese, esse capítulo apresenta como contribuição para atender ao que é proposto no problema e nos propósitos da pesquisa, as Representações inerentes à questão ambiental que se caracterizam como Lefebvrianas ao conter os seguintes elementos indicativos:

- i. Compreender a complexidade do que caracteriza meio ambiente, que se mostra como algo que não se define, pois depende de incontáveis representações.
- ii. As Representações de ambiente e meio ambiente implicam na responsabilidade do saber cuidar da natureza.
- iii. Os princípios eco vitais se apresentam como representações inerentes à responsabilidade como seres planetários.
- iv. Evidenciar a importância da representação e do reconhecimento para refletir sob perspectiva crítica a relação ser humano junto aos ambientes que vivem
- v. Compreender que as representações têm um foco na perspectiva ontológica dos integrantes dos ambientes planetários.
- vi. Perceber as Representações como interação da vida como processo caótica, infinita e eterna e, portanto, dinâmico, subliminar e inacabado

## 5. PROCESSO INVESTIGATIVO.

Neste trabalho o processo investigativo se ampara na fenomenologia desenvolvida na obra científica e literária de Johann Wolfgang von Goethe (1742-1832), resgatada por Rudolf Steiner (1861-1925), com perspectivas epistemológicas, manifestas como processo que viabilize a compreensão da natureza do tema em estudo e qualifique o envolvimento do pesquisador. Essa abordagem também é relevante pelo fato dela ser processo dinâmico que viabiliza a compreensão da natureza como um todo, considerando as complexas e inúmeras influências externas e internas, que caracterizam o que nominamos como meio ambiente (KEIM, 2018).

Essa perspectiva, considera que o desenvolvimento de uma pesquisa ao adotar a fenomenologia como referencial, coloca-se frente ao desafio de romper com o convencional, na medida em que a fenomenologia como abordagem de pesquisa, caracteriza-se como postura investigativa e não como método pré estabelecido. Essa é uma questão que demanda empenho de pesquisadores na área, das ciências humanas, ao incorporar procedimentos, propostos por Ricardo Guelman (2012), por Jonas Bach Junior (2015) e por Ernesto Jacob Keim (2016).

Estes pesquisadores apontam que a fenomenologia lida com a perspectiva de ampliar os questionamentos referentes ao tema em estudo, para compor e diversificar a visão sobre o que caracteriza o cenário, e o que vem a ser o fenômeno a ser percebido.

Desta forma esse processo investigativo se caracteriza em síntese, em praticar o olhar para o outro, na tentativa de superar a visão individual e pré-concebida do investigador, para mergulhar no tema em questão, ao ponto de o tema e o investigador se confundirem. Esse processo de interação dinâmica que envolve os diferentes integrantes do processo, traz a possibilidade de promover metamorfoses a que o pesquisador fica sujeitado. Toda essa complexa dinâmica se caracteriza com parte do fenômeno investigativo.

Com base nessa perspectiva filosófico-metodológica, essa investigação se desenvolveu com o propósito de trazer o tema das representações, para o debate referente às questões ambientais e a culminante integridade da vida. Dessa forma a pesquisa se desenvolveu amparado na perspectiva crítica de Henry Lefebvre para organizar duas ações como resultado, ou seja:

- A organização de um roteiro (Produto da Investigação) para investigar se programas de ensino, projetos de pesquisa, textos acadêmicos e propostas de educação ambiental, entre outros, comporta vertente de percepção ambiental amparada em representação, interdisciplinaridade e vida planetária com foco na vida com dignidade.
- A aplicação desse roteiro para análise das informações coletadas em entrevista coletiva, para verificar qual a compreensão que professores de ensino fundamental e médio tinham de meio ambiente e de vida com dignidade focada na perspectiva da representação Lefebvrina.

O desenvolvimento e resultado desse processo estão descritos nos itens desse capítulo.

### 5.1. A PESQUISA COMO PROCESSO E NÃO COMO MÉTODO

A fenomenologia como processo investigativo, amplia o foco da sociedade e da cosmovisão dos envolvidos de maneira intersubjetiva, para ver e entender a natureza do mundo. Essa abordagem busca superar a dinâmica metodológica convencional, amparada na objetividade que reduz o foco investigativo a um ponto, podendo, por exemplo, “focar nas bolhas do caldo efervescente, sem atentar para o fogo que as origina” (Pilon p. 359).

Assim nesta pesquisa a dinâmica utilizada na perspectiva da fenomenologia desenvolvida por Goethe, envolve três movimentos, conforme Keim (2017): O primeiro movimento se refere à intensificação e à percepção sensorial acurada; O segundo se refere à sensibilização e percepção temporal com foco na ampliação do ver e sentir; e O terceiro movimento investigativo se refere ao ritmo como contemplação e atenção ao que a intuição e percepção do pesquisador pode revelar, diante dos movimentos, decorrentes do processo e dos integrantes materiais e não materiais que o constitui. Um ponto importante a destacar se refere ao fato de esses três movimentos ocorrerem de forma simultânea, não havendo um sequenciamento ordenado para sua aplicação, por isso se caracteriza como processo investigativo, e não como metodologia segundo Ernesto Jacob Keim (2015).

Essa tríade: Intensificação, Sensibilização e Ritmo como referencial muitas vezes subjetivo, mas presente nas ações e interações humanas em relação e interação com todos os componentes planetários, objetivos e subjetivos, é apresentada a seguir com esclarecimentos que fundamentam a dinâmica dessa modalidade de fazer ciência, diferente das formas convencionais.

Dessa forma o processo se desenvolve a partir da percepção do pesquisador, que se envolve em processo no qual ocorre a intensificação, a sensibilização e a identificação do ritmo que permeia o que está sendo investigado, juntamente com seu entorno e circunstâncias objetivas e subjetivas. Essa tríade deve estar presente na postura e capacidade de observação do pesquisador, em cada um dos encontros com os entrevistados, no caso da entrevista em grupo que está em foco nessa pesquisa, como processo de coleta de dados, a qual tem como foco investigar como as Representações segundo Lefebvre se apresentam no debate referente aos ambientes e a vida com dignidade.

FIGURA 2 — PROCESSO INVESTIGATIVO SIMULTÂNEO



Fonte: Ernesto Jacob Keim (2017).

A figura 2 mostra como esse processo ocorre durante a pesquisa em andamento onde intensificação, sensibilização e ritmo, ocorrem simultaneamente como processo ininterrupto e sempre inconcluso. Esses três aspectos estão detalhados a seguir conforme Jonas Bach Junior (2016) e Ricardo Goelman (2001):

i. Aspectos do Procedimento Investigativo – Intensificação – caracterizado pela intensificação dada pela percepção sensorial acurada e se desenvolve com a observação espacial do cenário investigado, bem como dos acontecimentos que lhe são inerentes. Neste momento é importante ativar a sensibilização para identificar a energia do espaço, as cores, os cheiros, as características e as particularidades do meio, e dos envolvidos na investigação. Descrever o que se sente é fundamental neste momento, valorizando os sentidos e as sensibilizações, sendo necessário observar o que não vê, e escutar o que não é falado e para tal o pesquisador deve usar a intuição, valorizando esse momento como fundamental na pesquisa, Rudolf Steiner definiu isso como estado “experiência outra”.

ii. Aspectos do procedimento Investigativo – Sensibilização – caracterizado como a sensibilização ou percepção temporal denominada por Goethe como “passo-água” ou “passo-folha”, é o momento para alcançar a consciência, a imaginação e a fantasia, inerente ao tema e aos integrantes do processo, sendo necessário “mergulhar e molhar-se” para compreender as movimentações internas da imaginação, isso facilita o acompanhamento e a dinâmica dos fatos. Nesse momento não ocorre observação de maneira fragmentada, pois todo o processo é visível. Como no processo de crescimento das plantas, elas crescem mudam de cores, de formas, de folhas, começamos a ver as imagens se transformando e transformando e vemos o pesquisador que também se transforma. Assim, é importante observar detalhadamente o processo de metamorfose, para não cometer suposições e consequentemente afastando-se do rigor necessário para qualificar a pesquisa. Nesse momento é dada a largada para o processo de metamorfose.

iii. Aspectos do processo Investigativo – Ritmo – caracterizado como a percepção do ritmo que impregna o ambiente, como postura das pessoas e também a dimensão imaterial do tema em estudo. Esse momento foi denominado por Goethe como “passo-ar” ou “passo-flor”, sendo essa a hora de colocar em prática o gesto anímico e empático, isto é, relativo à própria alma, na medida em que o pesquisador tem que observar e obter sozinho a percepção do fenômeno e compartilhar o que sente e o que vê com o que realiza, percebe e intui. É preciso ter interesse e admiração pelo fenômeno estudado, para realizar a pesquisa, pois o amor, a afetividade e o interesse pelo outro, é fundamental para o processo de pesquisa em questão.

Estes três Aspectos Estruturantes da fenomenologia Goethiana apontam para a necessidade de o pesquisador desenvolver uma imersão interior, porém acordado, como foco nas reflexões internas, para imergir também na essência da natureza, a fim de conhecer profundamente o que é o fenômeno, independente do que seja, ou de como se caracteriza, pois na fenomenologia de Goethe a natureza é fenômeno vivo e dinâmico. Esse processo se caracteriza como a unificação da mente com a natureza, que pode ser desde uma planta, um riacho, um pássaro ou como neste caso as representações de ambiente segundo Lefebvre.

## 5.2. PESQUISA CIENTÍFICA NO CONTEXTO PARANAUÊ.

O esquema/teorema Pesquisa Científica no Contexto Paranauê, (figura 2) aponta os passos necessários para desencadear a postura investigativa referenciada na fenomenologia Goethiana. Assim, conforme Ernesto Jacob Keim, (2018) aponta que...

Deve-se notar que o primeiro passo é o investigador assumir as prerrogativas para o pesquisador se assumir como pesquisador, depois deve se intensificar, sensibilizar-se e alcançar o ritmo necessário para atender aos requisitos pessoais indicados como: postura pessoal, postura investigativa, responsabilidade investigativa e dinâmica a ser adotada na pesquisa, para então iniciar o processo em sua objetividade temática. É importante observar que entre o que convencionalmente se apresenta como etapas de metodologia científica temos nuvens, isto por que elas se interpenetram e se separam e se reorganizam conforme o processo se desenvolve, e entre cada uma delas se tem uma curva reversa, próprias do povos andinos, a qual representa o constante movimento de auscultar o passado que está à frente e é conhecido do pesquisador para o que se caracteriza como futuro e que não se encontra no raio de conhecimento do pesquisador. (KEIM, 2018).

Esses aspectos que constituem o processo investigativo nomeado Paranauê, auxiliam a compreensão ampla da pesquisa científica no contexto da fenomenologia Goethiana. Assim, nos parágrafos seguintes registro as palavras emitidas por Ernesto Jacob Keim, (2019) que tem a abordagem de ciência, com base na fenomenologia Goethiana no contexto das ciências ambientais e na pedagogia como foco central de estudo, e por ser algo inédito e novo, foi mais adequado tratar desse tema como abordagem de autoria do próprio autor e orientador desse trabalho acadêmico.

Assim, a compreensão do esquema, Pesquisa Científica no Contexto Paranauê, implica no conhecimento de aspectos preliminares os quais se caracterizam como Prerrogativas para a Pesquisa as quais se caracterizam como o reconhecimento e a clareza que o pesquisador tem de que ao iniciar uma pesquisa ele precisa identificar o grau de curiosidade que ele alimenta pelo tema em estudo.

Mas a curiosidade depende da capacidade do pesquisador ter iniciativa e ousadia que são elementos fundamentais para desencadear a criticidade que possibilita a identificação de como o tem em estudo tem relação com as condições de vida das pessoas e demais viventes relacionados ao tema em questão.

Esses aspectos são liminares, mas para que tenham conotação de profundidade investigativa é fundamental que tenham ao iniciar a pesquisa, uma breve base teórica que garantirá a compreensão da importância e relevância do que será alvo da investigação e esse conjunto ganha sentido na medida em que eles estejam atrelados à uma significativa percepção histórica e Consciência crítica e também fenomenológica das Forças e Poderes inerentes ao Tema Investigado.

Todos esses aspectos apontados como Prerrogativas para a pesquisa mostram que pesquisar é também um ato político, pelo fato de estabelecer todos esses vínculos fundamentais para estabelecer a responsabilidade necessária do investigador sobre o que decorrerá de seu resultados, argumentos e premissas.

Partindo dessas premissas temos que esclarecer que o pesquisador, por ser pessoa com identidade única e intransferível, deve manter uma Postura Pessoal a qual se caracteriza de acordo com a fenomenologia Goethiana, conforme postura e atitude de realizar um mergulho em si mesmo como busca de sua individuação (Jung) e de sua identidade como pessoa e indivíduo integrado em sistema social para se ver na investigação e na pesquisa. Esse propósito contribui para que o investigador se abra para a intuição e percepção acurada, reconhecendo que está inserido em contexto determinado e competitivo, compreendendo-se em processo de metamorfose. Ainda como postura pessoal é fundamental que o pesquisador seja sereno para incluir, perceber e contextualizar, refinando seus sentidos e sentimentos.

Como Postura Investigativa do pesquisador, a abordagem Paranauê de fazer pesquisa, defende a posição de que esse momento se caracteriza como etapa em que seja possível superar as percepções sensoriais, que podem se parecer tanto como aparências, quanto como potências, de forma a compreender a investigação

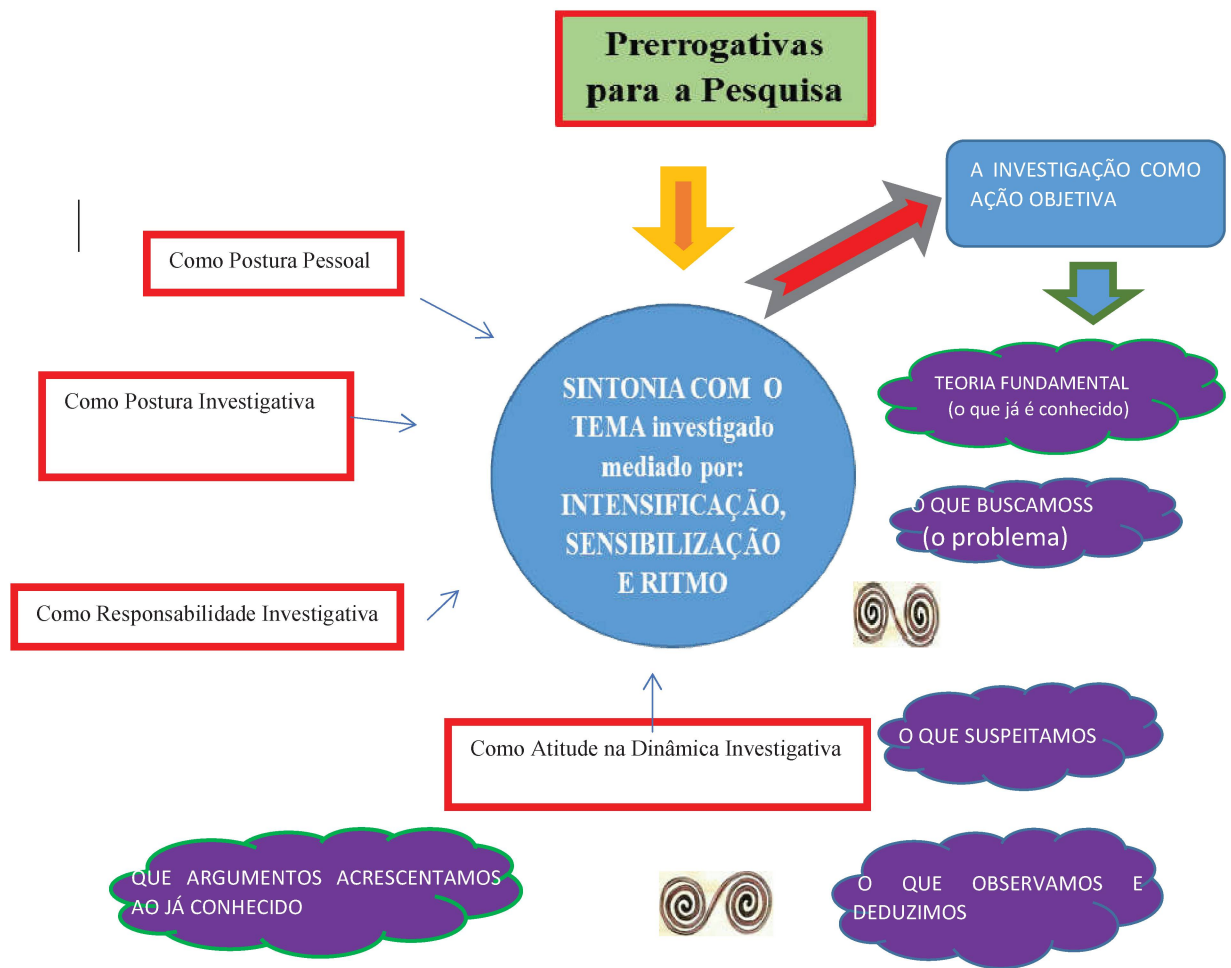
como complexificação e não como simplificação. A Postura Investigativa é relevante pois ela contribui para compreender a historicidade e a cosmovisão do tema, com base em tempo, espaço e conhecimento, para identificar os ritmos e a intensificação, que se caracterizam como elementos geradores de metamorfose;

Como Responsabilidade Investigativa, a proposta de fazer pesquisa com base na fenomenologia Goethiana ao ser assumida pelo investigador e pesquisador no sentido implica em que ele compreenda a responsabilidade, inerente à pesquisa, mediada pela consciência crítica, ao lidar com a política e a ideologia próprias das investigações, referenciando-as em tríades e não em dualidades, como nos exemplos que seguem, ou seja: entre Unidade e Diversidade o investigador deve buscar um terceiro elemento equilibrador como por exemplo a Interação, ou entre Expansão e Contração pode-se considerar o Pulsar, entre incontáveis outros exemplos.

Como Atitude na Dinâmica Investigativa, a proposta Paranauê coloca o pesquisador como quem conduz o processo investigativo, compreendendo que toda pesquisa se caracteriza como interação que se sustenta na diversidade de abordagens teóricas que sustentam fazeres simultâneos ou não, mas que contribuem para desencadear diferentes metamorfoses, sempre incompletas, inconclusas e inacabadas. Uma atitude importante do pesquisador é de estar atento para perceber a interação que ocorre entre agentes e fatores de materialidade, imaterialidade e não materialidade, os quais possibilitam inúmeros encontros complexos com múltiplas abordagens e abrangências, as quais podem aprimorar a capacidade do pesquisador perceber a diversidade de ritmos e sensibilizações inerentes ao tema em pauta.

Essas posturas são processos cíclicos, os quais florescem durante a pesquisa e não terminam ao final do tema estudado, pois ao se defrontar com a cotidianidade e dinamismo da vida, o pesquisador percebe que se desprende das linearidades e despertou a sensibilização e intuição com seus ritmos internos, isso se caracteriza como processo de metamorfose em andamento.

FIGURA 3 — PESQUISA CIENTÍFICA NO CONTEXTO PARANAUÊ.



Prof. Dr. Ernesto Jacob Keim

Prof. Dr. Jonas Bach Jr.

Fonte : [www.profjacob.com.br](http://www.profjacob.com.br) Acesso: 12/02/2017.

A figura 3 de autoria de Ernesto Jacob Keim (2018) mostra o desenvolvimento da pesquisa, note que não tem fim e todas as ações são contínuas. Nelas o pesquisador deve estar preparado para identificar em tempo real tudo que está acontecendo a sua volta numa dimensão tridimensional. Esse processo investigativo não possui etapas definidas, sendo, portanto, um processo dinâmico que contrapõe o método positivista de se fazer ciência, possibilitando ao pesquisador mais liberdade ao captar e elaborar a pesquisa.

As posturas apresentadas auxiliam ao pesquisador ao seu posicionamento. Segundo Ernesto Jacob Keim (2017): a postura pessoal se refere ao mergulho em si

para se ver na pesquisa, é o momento de refinar os sentidos. A postura investigativa se caracteriza então como um momento de superação das percepções sensoriais que possibilitam identificar os ritmos e promover a intensificação que se caracterizam como elementos fundamentais para que ocorra a metamorfose. A postura de responsabilidade, a qual o pesquisador deve assumir ao realizar a pesquisa, implica em assumir consciência crítica para que a pesquisa como dinâmica, manifeste-se como processo interativo com encontros complexos com múltiplas abordagens.

Na postura Goethiana de pesquisa científica, não há separação entre sujeito e objeto, o sujeito não é um simples observador apático, na percepção fenomênica o sujeito participa e se transforma também durante o processo investigativo. Dessa forma, o respeito aos passos apontados anteriormente, apresentam-se como aspectos cruciais, para alcançar os resultados esperados pela pesquisa para a construção de base teórica necessária para o desenvolvimento contínuo da temática investigada.

Ao ser adotada essa postura investigativa, o propósito foi de clarear o que caracteriza as representações de ambiente conforme as premissas de Lefebvre, a fim de valorizar as interações ambientais na perspectiva intersubjetiva. Essa posição é referencial para a compreensão de como a fenomenologia referenciada em Goethe, pode promover reaproximação efetiva dos seres humanos com a natureza planetária, tendo como culminância a vida com dignidade.

### 5.3. OS PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS DESENVOLVIDOS

Com a finalidade de desenvolver resposta ao que está posto no problema central e no Propósito geral da pesquisa, para atender às expectativas produtivas do processo investigativo, relata-se como a pesquisa desenvolveu duas atividades interdependentes, ou seja: Instrumento para identificar a percepção de interação ambiental e de vida com dignidade e entrevista com professores para identificar como aspectos de representação ambiental e vida com dignidade são percebidos por esses profissionais.

### 5.3.1. Roteiro para Investigação de Interação Ambiental e Vida com Dignidade.

O processo investigativo culminou com a interpretação das respostas e dados coletados na entrevista coletiva, mas para alcançar esse propósito foram destacados dos capítulos 2, 3 e 4 dessa pesquisa, elementos extraídos da matriz teórica que constituem os elementos indicadores do Roteiro de Investigação, que foi utilizado e validado de forma preliminar, na análise dos argumentos coletados nas entrevistas.

Um ponto importante nesse processo é o fato de, durante todo o processo, as ações decorrentes da pesquisa estiveram vinculadas ao problema e ao propósito geral da pesquisa, ou seja:

- i. Qual a compreensão que professores de ensino fundamental e médio, têm de interação ambiental de natureza interdisciplinar, referenciada em representações amparadas em Henry Lefebvre, com o foco na vida com dignidade?
- ii. Identificar e desvelar, as representações das interações ambientais como possibilidade de vida com dignidade, com base nos pressupostos teóricos de Henry Lefebvre, manifestas por professores de ensino fundamental e médio.

A ação apontada acima como “Roteiro para Investigação de Interação Ambiental e Vida com Dignidade” representando o Produto Final da Pesquisa, conta com um roteiro detalhado de ações para utilizar os Elementos indicativos desenvolvidos a partir dos capítulos dessa dissertação referentes à construção teórica, abordando três blocos, ou seja:

Do capítulo dois resultaram os seguintes elementos indicativos:

#### Indicadores de Representações Referentes às Interações Ambientais

- i. Representações que apontam, sinalizam e inquirem a realidade, considerando-a como constituída por processos dinâmicos e inacabados.
- ii. As Representações contemplam a diversidade de percepções conforme a diversidade de pessoas envolvidas.
- iii. As representações se manifestam nas presenças e nas ausências.
- iv. As representações se sustentam como importantes na medida em que se amparam em argumentos consistentes (análise crítica e dialética)
- v. As representações transcendem o imediato, e ampliam a compreensão da realidade.
- vi. As representações são simultaneamente de natureza intersubjetiva (objetiva/subjetiva)

vii. Do capítulo três resultaram os seguintes elementos indicativos:

viii. Indicadores de Representações referentes à interdisciplinaridade inerente aos ambientes planetários:

ix. A interdisciplinaridade, como postura que rompe fronteiras e barreiras ao agregar novos saberes.

x. A interdisciplinaridade confronta as ciências parcelares e fragmentadas.

xi. A interdisciplinaridade se funda no carácter dialético e valoriza as dimensões humanas.

xii. A interdisciplinaridade como processo interpretativo sem finalização com base na subjetividade e objetividade de cada integrante.

xiii. A interdisciplinaridade possibilita junto a seres ativos, sensíveis e disponíveis, metamorfoses intersubjetivas como mudanças efetivas sem retorno.

xiv. A interdisciplinaridade como processo que acolhe o diálogo de saberes.

Do capítulo quatro resultaram os seguintes elementos indicativos:

Indicadores de Representações referentes à questões ambientais inerentes aos ambientes planetários:

i. Compreender a complexidade do que caracteriza meio ambiente, que se mostra como algo que não se define, pois depende de incontáveis representações.

ii. As Representações de ambiente e meio ambiente implicam na responsabilidade do saber cuidar da natureza.

iii. Os princípios eco vitais se apresentam como representações inerentes à responsabilidade como seres planetários.

iv. Evidenciar a importância da representação e do reconhecimento para refletir sob perspectiva crítica a relação ser humano junto aos ambientes que vivem

v. Compreender que as representações têm um foco na perspectiva ontológica dos integrantes dos ambientes planetários.

vi. Perceber as Representações como interação da vida como processo caótico, infinita e eterna e, portanto, dinâmico, subliminar e inacabado.

No capítulo seis desse texto temos a construção da tabela que orienta o “Roteiro para Investigação de Interação Ambiental e Vida com Dignidade” que se caracteriza como o Produto Final da Pesquisa.

### 5.3.2. Entrevista coletiva com professores para investigar representações de Vida com dignidade e Interação Ambiental

O processo investigativo de caráter mais objetivo da pesquisa se caracterizou como uma coleta de dados por meio de Entrevista Coletiva com aplicação de procedimentos investigativos amparados na Fenomenologia Goethiana. Foram entrevistas, seis professores de ensino fundamental e médio, para verificar como esses professores compreendem as representações de interações ambientais, para identificar se essa compreensão, incorporava a vida com dignidade e se correspondiam aos preceitos que amparam a abordagem teórica de Representações conforme Lefebvre.

Esse processo foi coordenado pela pesquisadora ao aplicar a dinâmica investigativa, caracterizada como Entrevista em Grupo, amparada em três perguntas pré-estabelecidas, conforme a temática da pesquisa, ou seja:

- i. Qual é a representação, que professores atribuem às interações e intervenções dos humanos, junto aos ambientes planetários para alcançar vida com dignidade?
- ii. Como as pessoas se reconhecem e se representam como integrantes das dinâmicas próprias dos ambientes aos quais elas interagem para alcançar uma vida com dignidade?
- iii. Como você se reconhece e se representa quanto às pessoas e aos ambientes como quem busca vida com dignidade?

Essas questões preliminares atenderam ao que é proposto pelo problema central, e pelo propósito geral da pesquisa.

A autora desta dissertação, nesse processo investigativo atuou, com base na comunicação acadêmico-científica, e utilizou os depoimentos como fonte de dados.

Foram cinco encontros, antecedidos por um processo preparatório que contou com contato e reunião com a coordenação da escola, para solicitar a realização da pesquisa em seu espaço físico. Com os pré-requisitos definidos para a

participação dos professores como entrevistados (professor com mínimo 5 anos de experiência), foram selecionados seis docentes, os quais voluntariamente, apresentaram disponibilidade de horário e interesse para participar da pesquisa. Esses docentes assinaram o Termo de Consentimento para utilização de seus argumentos na pesquisa.

Na transcrição das entrevistas foram utilizados pseudônimos no lugar dos respectivos nomes de cada participante e essa transcrição se baseou em gravação em áudio das reuniões do grupo, autorizada pelos entrevistados. Depois de quinze dias foi marcado a data e hora da primeira entrevista coletiva.

A primeira entrevista coletiva aconteceu na sala de laboratório, a entrevista aconteceu normalmente teve duração de 45 minutos. Após 15 dias a segunda entrevista aconteceu na sala de professores com duração de 34 minutos. E após 15 dias a terceira aconteceu na sala de multimídia com duração de 26 minutos e essa entrevista contou com algumas interrupções por conta da equipe técnica da Secretaria de Educação que visitava a escola no dia e horário da reunião. A quarta entrevista foi o encontro mais prolongado pelo fato de a pesquisadora apresentar o resultado dos debates realizados nos três encontros anteriores, como respostas às três perguntas apresentadas ao grupo.

Essa apresentação teve o propósito de os participantes compreenderem o que é representação, reconhecimento, interação, intervenção e vida com dignidade, segundo as opiniões por eles emitidas, frente à teoria desenvolvida nessa pesquisa, tanto no que se refere às Representações segundo Henry Lefebvre, quanto ao que trata a fenomenologia de Goethe. O encerramento desse encontro ocorreu com a organização dos integrantes em dois trios, para que relatassem entre si lembranças de suas vidas, em que vivenciaram representações, reconhecimentos, interações e intervenções seguido de uma roda de conversa para a finalização.

No dia seguinte, ocorreu um quinto encontro no qual foi realizada uma dinâmica com os professores, com o propósito de aproximar e explorar as representações por meio das interações com a realidade local, buscando as paisagens, os espaços vividos, percebidos e concebidos pelos seres humanos como representações de a vida com dignidade representar o elo da pesquisa com a temática do programa de mestrado em Ciências Ambientais a que esse trabalho está vinculado (PROFCIAMB).

Essa dinâmica teve início com a proposta, pela qual, cada integrante do grupo escreveu um conto livre em que os personagens deveriam apontar concepções de representação e reconhecimento, interação e intervenção, que possibilitem vida com dignidade. Em seguida cada um leu seu conto para os demais, afim de identificarem de que forma os personagens e os diversos contos manifestavam formas de reconhecimento, representação, interação e intervenção para a vida com dignidade, vale ressaltar que esse encontro não foi gravado, para que os participantes se sentissem mais a vontade da dinâmica em questão.

Como fechamento dessa atividade, os professores fizeram um desenho coletivo com giz d'água, o qual como manifestação coletiva representasse, em que consiste, a vida com dignidade.

Com a redação e a confecção dos desenhos, atendemos à necessidade de resgatar por meio da escrita e do desenho o acesso subjetivo para alcançar o íntimo de cada integrante.

Esse procedimento tem base teórica amparada em uma alternativa para as pessoas se expressarem, por meio dos registros e repercussões decorrentes do bombardeio de imagens que se tem nos ambientes por onde as pessoas circulam. Essa dinâmica possibilitou o desenvolvimento das representações de si mesmos e dos ambientes como o da escola, da comunidade, da casa e de outros espaços onde ocorrem as interações ambientais, estimulando a percepção das representações mentalmente criadas no cotidiano. Foi um momento para que ficasse expresso o que não foi dito em palavras, ou seja, representou o silêncio do saber contido.

Ao se estabelecer uma relação entre a imagem interior e a representação exterior do ambiente construído por meio do registro do que está no interior de cada um, foi possível estabelecer uma imersão, que pode favorecer a identificação de elementos de composição e evidenciar a gestão da aparência, nos quesitos forma e funcionalidade. Essa possibilidade favorece o surgimento de postura criativa e participativa do professor, na intervenção ou na formação de seu meio ambiente.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas com sucesso, sem interrupção. Vale ressaltar que a primeira entrevista se deparou com dificuldades em obter respostas dos sujeitos, sendo necessário estímulos por parte da pesquisadora para que os sujeitos emitissem suas opiniões.

Como esclarecimento referente à metodologia de Entrevista em Grupo, tem-se que todas as entrevistas devam ser submetidas à avaliação de um especialista. Esse procedimento investigativo se caracteriza como processo contínuo e não como eventos isolados, desencadeando a dinâmica de, no encontro seguinte, a primeira ação, ser a de apresentar uma retrospectiva (revisão) do anterior, retomando o que foi escrito, por meio das questões semi-estruturadas apresentadas ao grupo, para aprimorar a compreensão e aprofundar o tema podendo animar o surgimento de novas questões e dúvidas.

O propósito foi coletar interpretações de representações de interação ambiental e trazer reflexões sobre as representações na perspectiva de Henry Lefebvre. Dessa forma a cada dia os três aspectos característicos da abordagem científica coerente com a fenomenologia de Goethe, amparada na Intensificação, na Sensibilização e no Ritmo, identificado como *Steigerung*, que foi traduzido por Ernesto Jacob Keim e Jonas Bach Júnior, para o vernáculo pátrio como Paranaúê<sup>8</sup>. (KEIM & BACH Junior, 2017).

Cabe destaque que esta pesquisa está organizada de acordo com a fenomenologia de Goethe, a qual caracteriza a pesquisa científica como processo investigativo, em que o foco principal deixa de ser a obtenção de resposta ao problema proposto ou a obtenção de uma conclusão, mas o propósito mais amplo é o de promover mudanças na capacidade organizativa, representativa, criativa e intuitiva do pesquisador. (KEIM, 2017).

Esse processo de mudanças que não retrocede, é designado na fenomenologia de Goethe como Metamorfose, e ela ocorre simultaneamente como vários processos, ou seja, a investigação referente ao tema em estudo se amplia e novos pontos ficam evidentes e merecem atenção, e mudanças ocorrem na capacidade reflexiva e investigativa do pesquisador.

Assim, durante o processo o cenário investigado se altera exigindo permanentes adequações nos procedimentos, segundo Jonas Bach Júnior (2017) e

---

<sup>8</sup> . Paranaúê: PARANAÊ, expressão definida pelos pesquisadores como palavra correspondente a STEIGERUNG a qual na Fenomenologia de Goethe (BACH JR, 2015) corresponde a INTENSIFICAÇÃO, SENSIBILIZAÇÃO E RITMO. A opção por PARANAUE se deu pelo fato dessa expressão, na capoeira, representar em português aspectos similares ao da expressão alemã.

Ernesto Jacob Keim (2018). Essas alterações colocam a abordagem de ciência amparada na fenomenologia Goethiana em confronto com a abordagem convencional empírico-analítica, pelo fato de o problema, os propósitos e os procedimentos metodológicos se adequarem conforme o processo apontar sua coerência e necessidade.

6. REFLEXÕES AMPARADAS NAS ENTREVISTAS COM OS DOCENTES

Neste capítulo descritivo da presente pesquisa, apresentamos a metodologia utilizada para desenvolver a dinâmica Entrevista em Grupo, bem como o debate referente ao que foi coletado nesse processo investigativo.

A importância dessa modalidade de entrevista está na perspectiva de os entrevistados sofrerem mudanças nas concepções primeiras que tinham sobre o tema investigado, isto pelo fato de a cada encontro as respostas e resultados anteriores serem apresentados, o que proporcionou um processo de continuidade e construção conceitual coletiva.

6.1. OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes da pesquisa para aplicação dos elementos investigativos das representações lefebvrianas, na questão ambiental com foco na vida com dignidade, no contexto da educação escolar, são seis professores de diferentes áreas do conhecimento, com atendimento ao pré-requisito de ser professor há pelo menos cinco anos e apresentar interesse pelo tema e disponibilidade de horário para participar dos cinco encontros solicitados para realizar o processo de entrevista em grupo. Na Tabela 1 apresentamos esses docentes nominados agora como sujeitos da pesquisa com identidade não revelada.

QUADRO 1 — SUJEITOS DA PESQUISA.

SUJEITOS DA PESQUISA	IDADE	TEMPO DE MAGISTÉRIO	FORMAÇÃO
PROFESSOR A	37	12	PEDAGOGIA
PROFESSOR B	49	27	MATEMÁTICA
PROFESSOR C	36	09	FÍSICA
PROFESSOR D	54	17	LÍNGUA INGLESA
PROFESSOR E	47	19	HISTÓRIA
PROFESSOR F	46	22	LINGUA PORTUGUESA

Fonte: O Autor (2018).

A fundamentação teórica que acompanhou a escolha dos sujeitos da pesquisa, se amparou em autores que analisam o ciclo de vida profissional dos professores a partir do foco na carreira.

Foi de especial importância a obra “O ciclo de vida dos professores” Michaël Huberman (2000), analisando os ciclos de vida profissional de professores do ensino secundário. Para Huberman esse processo de carreira é identificado em cinco fases.

A primeira fase denominada por estabilização trata de uma escolha subjetiva frente a um ato administrativo, o professor passa a se ver com seus olhos, como quer ser visto pelos olhos dos outros, e este é um processo marcado pela dificuldade de fazer uma escolha que representa uma identidade profissional (2000 p. 40).

A segunda é a da fase da diversificação a qual segundo Cooper (1982) resume a questão nos termos seguintes: “Durante esta fase o professor busca novos estímulos, ideias e compromissos. Sente a necessidade de se comprometer com projetos de algum significado ou envergadura, procura mobilizar esse sentimento, acabado de adquirir, de eficácia e competência. ( 2000, p.42).

A terceira fase é a de pôr em questão sua opção profissional, a qual consiste em fazer um balanço de como as pessoas examinam o que o professor fez de sua vida profissional, passando a encarar novas hipóteses, por sua vez com algum pânico de seguir outras carreiras, durante o pouco tempo que ainda é possível. Esta é uma fase que corresponde as várias fases “arquetípicas” da vida, nesta fase as pessoas examinam o que fizeram da vida e encaram tanto a perspectiva de continuar o mesmo percurso como a de se embrenharem na incerteza (2000 p.43).

A quarta fase denominada de serenidade e distanciamento afetivo segundo Peterson (1964) os professores do grupo etários do 45-55 anos, começam a lamentar o período do “*activismo*” (Era jovem cheio de força, nesse tempo... em alguns casos mentem uma quantidade de aventuras aos seus alunos” (2000 p. 44).

E a quinta e última fase a do desinvestimento é o momento em que a vida humana evoca um fenômeno de recuo interior, a postura em geral é positiva, na qual as pessoas libertam-se progressivamente, sem lamentar o investimento ao trabalho para consagrar mais tempo a si mesmas, aos interesses exteriores à escola e a uma vida de maior reflexão, de maior carga filosófica (2000 p. 46).

Diante da reflexão sobre o ciclo de vida dos professores proposta por Huberman que trata das fases vivenciadas por professores no decorrer de suas carreiras, esta pesquisa verificou em qual das fases os entrevistados se

encontravam para dessa forma reunir argumentos de análise do desempenho de cada um no processo de entrevista coletiva. A leitura dessa autor foi importante pois representa o processo-vital a que o ser humano está sujeito, para que a própria pessoa e o coordenador da entrevista consiga compreender sua trajetória e amadurecimento humano e também profissional.

Portanto, foi importante trazer para esse contexto a dinâmica de classificação feitas por Huberman, a qual foi tomada como referência para a seleção e reconhecimento dos professores participantes da pesquisa. Com ela se desenvolveu a possibilidade de compreender a trajetória profissional como uma construção que se dá em função de determinadas condições institucionais e da necessidade de responder a desafios específicos voltados para a representação que cada pessoa faz de si, de seu desempenho e função profissional e de sua representação como ser planetário. A consciência desses aspectos classificatórios fez sentido para ampliar a compreensão dos sujeitos da pesquisa, para ampliar a sua multidimensionalidade, como um todo.

Por fim realizar a leitura da obra “O ciclo de vida dos professores”, foi uma forma de corroborar para a compreensão do conceito de representação em Henri Lefebvre, para articular o campo da dialética e da fenomenologia e pesquisar a intersubjetividade dos envolvidos na pesquisa. Acerca das representações, Lefebvre (2006 p, 182) se pergunta como alcançar as vivências, as experiências, e como conhecê-las sem reduzi-las ou ignorá-las.

Para um melhor entendimento, essa pesquisa, se baseia na teoria das representações em Henri Lefebvre, sendo necessário ressaltar que para esse autor, as representações são “contemporâneas da constituição do sujeito, tanto na história de cada indivíduo, como na gênese do indivíduo em escala social” (LEFEBVRE, 2006, p. 30 e 104). Elas são formadas, portanto, entre as representações chamadas “sociais” ou “coletivas” e aquelas provenientes da vivência social dos indivíduos, o que justifica a necessidade de analisar o cotidiano e as experiências dos professores para enriquecer o significado das representações e seus elementos durante e na interpretação do que é organizado durante as entrevistas.

## 6.2. PERCEPÇÃO PRELIMINAR

As questões que orientam esse processo como já destacado, referem-se à vida com dignidade e aos saberes sobre ciências ambientais, na perspectiva das Representações conforme Henry Lefebvre, numa visão crítica das relações sociais. Desse ponto de partida a entrevista em grupo com professores se amparou em três questões, como destacadas a seguir:

- i. Qual é a representação, que professores atribuem às interações e intervenções dos humanos, junto aos ambientes planetários para alcançar vida com dignidade?
- ii. Como as pessoas se reconhecem e se representam como integrantes das dinâmicas próprias dos ambientes aos quais elas interagem para alcançar vida com dignidade?
- iii. Como você se reconhece e se representa quanto às pessoas e aos ambientes, como quem busca vida com dignidade?

Essas questões foram debatidas em cinco encontros como relatamos a seguir e o primeiro ponto que se destaca na análise das respostas, foi no sentido de identificar qual a tendência de abordagem científica que permeia as opiniões e as falas dos professores entrevistados, considerando as abordagens: positivista, crítica e fenomenológica.

Dessa forma temos que da primeira questão - Qual é a representação, que professores atribuem às interações e intervenções dos humanos, junto aos ambientes planetários para alcançar vida com dignidade? – Possibilitou identificar que a abordagem positivista se manifestou claramente quando o Professor D apontou que “A interação é como modelo a ser seguido, e como atitude em busca de referências e exemplos” e também ao destacar que “é pelo trabalho e reciprocidade, junto com responsabilidade com o outro, e pelas conexões de vínculos, que a interação se dá na relação com gente e não com coisas e objetos.

Neste caso o professor argumenta sobre os modelos impostos que devemos seguir no nosso trabalho profissional, quando interagimos apenas com coisas. Essa posição aponta para o legado do positivismo que se manifesta muitas vezes como imposições burocráticas e como fragmentos, o que pode impossibilitar as pessoas

de compreender que as interações se manifestem com e entre pessoas, mas também com animais, flores, celulares, com a arte, etc.

A abordagem crítica foi identificada quando o Professor A diz que: “A interação ambiental se dá como ajuda quando me preocupo com o outro, por sermos seres sociais”. Neste caso quando o professor A relata sobre interação, associando-a com ajuda e reciprocidade, ele aponta a compreensão crítica da importância das relações sociais para encarar o desafio das interações ambientais, como um processo coletivo e social.

Quanto à abordagem fenomenológica foi identificada na fala do professor F ao dizer que “Interação é como sinônimo de compartilhamento que se dá nos pequenos gestos e atitudes que fazem toda a diferença na dinâmica da vida”. Neste caso quando o professor (F) relata que interação é o mesmo que compartilhamento ele está sendo fenomenólogo ao chegar na essência do que venha a ser interação ambiental.

Na perspectiva de como as representações foram apontadas nas falas dos professores, percebeu-se que os professores as consideram como sendo dinâmicas, quando os Professores dizem que “Interação ambiental se dá como aptidão para mudança e aperfeiçoamento”; “Interação e intervenção como aprendizado constante, falta de interação pelo excesso de isolamento: interação se dá também em rotatividade”. Neste caso quando os professores dizem que interação se dá como aptidão e mudança, e interação como rotatividade, possibilita a interpretação de que as representações são reconhecidas como dinâmicas.

As representações foram apresentadas com suporte em saberes diversificados, sem alguma menção referente a “diálogo de saberes”.

Em relação à segunda pergunta: - Como as pessoas se reconhecem e se representam como integrantes das dinâmicas próprias dos ambientes aos quais elas interagem para alcançar vida com dignidade? As reflexões e análises decorrentes foram as seguintes: foram identificadas abordagem positivista quando o professor A se manifestou dizendo “Representação como exemplo de superação e sucesso. Representação de sucesso como reconhecimento e plenitude, reconhecimento profissional, maternal, conjugal, reconhecimento pelo imaterial como sentimentos e conquistas, adquiridos ao longo da vida. Necessidade do reconhecimento pela representação do outro”. Neste caso quando o professor diz que as representações se baseiam no sucesso, como necessidade do reconhecimento pela representação

do outro, ele aponta uma abordagem positivista; nem sempre ter sucesso, proporciona o reconhecimento, isso é uma visão amparada no senso comum que sustenta de certa forma, as abordagens positivistas.

Foi identificada abordagem crítica quando o professor A disse que “representação e reconhecimento, como movimento indissociável, representação como uma luta em si mesmo”; “Representação do eu em diversas dimensões de ambiente; representação e reconhecimento como opostos; representação pelas relações de poder e interpessoais. As representações como exemplo que se dá no espaço escolar pela tríade aluno-professor-aluno”. Neste caso quando o professor reconhece que a representação e reconhecimento são movimentos indissociáveis, ele tem uma abordagem crítica, pois ao procurar o reconhecimento não deixamos de nos representar, sempre representamos algo a alguém e vice versa.

Foi identificada abordagem fenomenológica quando o professor D disse que: “Representação como complexidade; reconhecimento como necessidade de aprovação do olhar do outro; representação como ação profissional, que tem como consequência o reconhecimento. O reconhecimento pela atividade profissional mesmo que tenha sido representada de forma coloquial em certos momentos. Representação e reconhecimento pela aprovação do olhar do outro, como movimento de auto - análise e revisão do eu”. Neste caso quando o professor, relata que a representação e o reconhecimento é um movimento de auto-análise e revisão do eu, ele teve uma abordagem fenomenológica, pois ele compreende que a representação e o reconhecimento possibilitam a reflexão de quem é realmente. Esse é o desafio do processo investigativo em questão, despertar o encarar-se para si mesmo, para chegar o mais próximo possível de sua essência.

É necessário enfatizar que nas duas primeiras reuniões com relação às duas primeiras perguntas, nada foi falado ou manifestado na direção da expressão vida com dignidade. Essa ausência mostra que o tema das representações foi o mais debatido ao longo das entrevistas, o que possibilita especular que as representações sejam um tema mais recorrente na vida dos entrevistados, do que o tema vida com dignidade. Em relações aos relatos e as opiniões dos sujeitos o tema das representações teve mais prestígio pelo grupo, o que nos leva a uma reflexão importante: Em um mundo escravo das representações o tema vida com dignidade não tem importância, e levanta a pergunta, se representar vida com dignidade, é mais importante que alcançá-la?

O terceiro encontro que tratou da questão: Como você se reconhece e se representa quanto às pessoas e aos ambientes como quem busca vida com dignidade? Debateu como as pessoas se reconhecem em processo que visa a vida com dignidade, necessitou da interferência da pesquisadora, para animar o grupo a se referenciar a essa temática. Essa interferência se pautou na premissa de que para alcançar vida com dignidade é preciso valorizar e preservar o meio ambiente, que se manifesta em diferentes formas. Nesse sentido os seres humanos precisam ampliar sua conscientização e representatividade do que venha a ser, e como alcançar vida com dignidade. Essa pode ser uma maneira de repensar o tema interações ambientais com sintonia para a harmonia do processo vital.

A vertente de representação que está inserida na síntese decorrente do debate referente à terceira pergunta à luz das anteriores, aponta para aspectos de matriz positivista quando os Professores (D, A) dizem que ser digno é ter vida com dignidade; que embora a sociedade não seja justa nós podemos ser dignos e podemos alcançar vida com dignidade e também ter reconhecimento.

Quando os professores fazem essas afirmações é importante considerar, segundo Lefebvre, que ser digno não é um ato isolado, mas coletivo. Assim é necessário enfatizar que a dignidade deve chegar a todos como uma busca constante. A segunda resposta também se revela como positivista e egocêntrica, por desconsiderar que toda interação se dá no coletivo.

Como síntese e finalização das entrevistas destaca-se a seguir os aspectos de finalização atribuído pelo grupo a cada uma das três perguntas, considerando que cada encontro, era iniciado com a apresentação da síntese do encontro anterior.

Assim, como resultado dos debates referentes à primeira pergunta, temos:

- i. Que as interações são importantes para a continuidade da vida, que estamos distantes da natureza mesmo inseridos nela.
- ii. Que a interação não é uma questão de escolha, mas de sobrevivência.
- iii. Que a interação é a troca de conhecimento diário.
- iv. Que a interação é prejudicada pelo ritmo acelerado da vida das pessoas dependentes do capital.

Em relação à segunda pergunta temos:

- i. Que alcançar vida com dignidade é algo complexo.

- ii. Que as pessoas se representam também para alcançar vida com dignidade.
- iii. Que a desigualdade social não contribui para alcançar vida com dignidade.

Em relação à terceira pergunta temos:

- i. Que ser digno é ter vida com dignidade.
- ii. Que embora a sociedade não seja justa nós podemos ser dignos e alcançar vida com dignidade e ter reconhecimento.

Também como síntese das entrevistas, com foco na matriz central dessa pesquisa cabe destaque para a teoria das Representações amparada em Henry Lefebvre, caracteriza-se como abordagem referenciada na Teoria Crítica, destacam-se as seguintes observações coletadas nas transcrições dos debates:

- i. Que a interação é algo complexo.
- ii. Que a interação é prejudicada pelo ritmo acelerado da vida das pessoas dependentes do capital.
- iii. Que a desigualdade social não contribui para alcançar vida com dignidade.

Essas observações, coletadas no viés da Teoria Crítica, aponta que os professores destacam a complexidade da interação ambiental, sob a influência do capital e do mercado, apontando que a desigualdade social é um elemento que prejudica o processo das interações ambientais, mostra que estão articulando seus argumentos na perspectiva crítica, pois compreenderam que as interações ambientais atuais, movidas pelo capital e pelo mercado, destroem os ambientes e consequentemente diminuem as possibilidades de vida com dignidade.

Também nas entrevistas como um todo, essas observações mereceram destaque pelo fato de a fenomenologia de Goethe, ser a matriz metodológica da pesquisa, e nesse sentido, foram identificados discursos fenomenológicos quando os professores dizem que:

- i. Que a interação não é uma questão de escolha mais de sobrevivência.
- ii. Que as interações são importantes para a continuidade da vida, que estamos distantes da natureza mesmo inseridos nela.
- iii. Que a interação é a troca de conhecimento diário.

Essas observações reforçam a argumentação fenomenológica, quando os professores relatam que interação não é escolha e sim sobrevivência, que interação é vida, que estamos inseridos na natureza e não sentimos isso, e que interação é a troca diária, os entrevistados apontam argumentos de matriz fenomenológica pois a essência das interações ambientais é o processo dinâmico das trocas diárias que se caracterizam fisicamente na vida e consequentemente na proximidade e interação simbiótica dos humanos com os ambientes planetários.

6.3. OS ARGUMENTOS DAS ENTREVISTAS E O ROTEIRO PARA INVESTIGAÇÃO DE INTERAÇÃO AMBIENTAL E VIDA COM DIGNIDADE

Neste item apresentamos o Quadro 2 que se caracteriza como o Roteiro para Investigação de Interação Ambiental e Vida com Dignidade, para apontar como os elementos indicativos desse instrumento avaliativo se mostram presentes nas opiniões dos professores investigados.

O preenchimento desse roteiro se deu com a leitura atenta das transcrições das entrevistas para identificar cada um dos elementos indicativos das três categorias abordadas, por isso foram realizadas três releituras, cada uma para identificar os elementos de cada aspecto investigado.

QUADRO 2 — ROTEIRO PARA INVESTIGAÇÃO DE INTERAÇÃO AMBIENTAL E VIDA COM DIGNIDADE COM REGISTROS REFERENTES AOS RESULTADOS DA ENTREVISTA EM GRUPO DESENVOLVIDA NESSA PESQUISA.

Elementos Indicativos	Manifestações dos Docentes Entrevistados
INTERAÇÕES AMBIENTAIS	
Representações que apontam, sinalizam e inquirem a realidade, considerando-a como constituída por processos dinâmicos e inacabados.	Eu penso que a gente não é dono da verdade Então vai aprendendo no convívio social Estudando para que a gente sempre possa melhorar Eu penso assim então que a gente está em constante Mudança e aperfeiçoamento ( Professora C). Sim o professor é um mediador, se o professor não tiver a intervenção e a interação fica vazio o conhecimento e não se faz a troca constante é uma Aprendizagem constante, se não você pode derrepente ter um todo ali mais objetivamente você pode não estar chegando no seu conhecimento com aquela realidade social , você não vê aquela realidade social e não só com os alunos mas na comunidade escolar toda e também no caso a sociedade.( Professor D)
As Representações contemplam a diversidade de percepções conforme a diversidade de pessoas envolvidas.	Durante as entrevistas cada professor interpretou as representações de maneira subjetiva inerente de cada ser.
As representações se manifestam nas presenças e nas ausências.	E você está explicando incansavelmente ali que você diminui o tempo da explicação, você achou que não tinha atingido e de

	repente você encontra na rua com esses alunos e se depara com discurso sobre você, ver que eles compararam você no meio daquele caos explicando Anotando explicando anotando explicando. Então de repente eu me vi a representar uma representação de que tanto faz se eu estivesse ali e no reencontro fora de sala de aula de uma forma bem coloquial foram verdadeiros ao expor seus sentimentos. (Professor E).
As representações se sustentam como importantes, na medida em que se amparam em argumentos consistentes (análise crítica e dialética)	A gente faz isso também o tempo todo as vezes a gente precisa desse referencial do outro para enxergar o mundo . Porque às vezes só do teu ponto de vista Você acredita que tá indo tudo bem Como que isso chega no próximo Como é essa devolutiva é complicado. É igual escrever um comunicado está claro na sua mente mas não está claro na mente do outro é difícil. (Professor B)
As representações transcendem o imediato, e ampliam a compreensão da realidade.	A representação se faz presente em todos os lugares, estamos nos representamos e sendo representados e a gente se representa a todo momento para alcançar vida com dignidade. (Professor A).
As representações são simultaneamente de natureza intersubjetiva (objetiva/subjetiva)	É um reconhecimento não em valores monetários mais em valor de vida que não tinha essa auto-avaliação até 2015 quando eu estava na sala de aula, era só aquela vivência de executar um papel de professora, mais eu também sou mãe também sou esposa, também sou L..., aonde eu estava no meu dia -a-dia ,eu sempre brincava com as professoras ei não esqueça de dar oi para o espelho e se reconhecer.(Professor B)
INTERDISCIPLINARIDADE	
A interdisciplinaridade, como postura que rompe fronteiras e barreiras ao agregar novos saberes.	
A interdisciplinaridade confronta as ciências parcelares e fragmentadas.	<p>Sabe o que mais me chamou atenção agora, o que a professora falou anteriormente sobre a fragmentação, como você disse sobre as representações de papéis, cada um representa um papel, a aluno tem uma representação na escola e ele não deixa que a gente veja quem ele é realmente, muitas vezes a gente vê os alunos na biblioteca a gente não vê o aluno além de aluno só se você tiver um convívio mais íntimo que você consegue identificar quem é o aluno e o professor. (Professor c).</p> <p>Eu vejo um isolamento em todos os setores no meio escolar, existe alguma coisa institucional e uma política também dessa forma não acontece aqui se tivesse eu falaria mais eu vejo em outras escolas isso, mais em outras escolas que eu trabalho eu vejo um distanciamento da equipe diretiva um distanciamento dos funcionários, não dizendo que isso acontece em todas as escolas mais existe uma espécie de normatização comportamental. ( Professor D).</p>
A interdisciplinaridade se funda no carácter dialético e valoriza as dimensões humanas.	A interdisciplinaridade se fundou no carácter dialética a medida em que valorizou a historicidade e as vivências não só profissionais, mas humanas dos entrevistados. A perspectiva fenomenológica se preocupa não só com os resultados mais também com a ontologia de cada sujeito subordinado a entrevista em questão.
A interdisciplinaridade como processo interpretativo sem finalização com base na subjetividade e objetividade de cada integrante.	
A interdisciplinaridade possibilita junto a seres ativos, sensíveis e disponíveis, metamorfoses intersubjetivas como mudanças	

efetivas sem retorno.	
A interdisciplinaridade como processo que acolhe o diálogo de saberes	A interdisciplinaridade se fez presente, na medida que buscamos promover um diálogo aberto que estimulasse o falar do eu, junto com os demais colegas de várias disciplinas, transcendendo a multidisciplinaridade, ser interdisciplinar também pode se caracterizar como reconhecimento do eu na perspectiva fenomenológica.
QUESTÕES AMBIENTAIS	
Compreender a complexidade do que caracteriza meio ambiente, que se mostra como algo que não se define, pois depende de incontáveis representações.	
As Representações de ambiente e meio ambiente implicam na responsabilidade do saber cuidar da natureza.	Porque não é uma questão de escolha e sim de sobrevivência, precisamos do meio ambiente. (Professor B) As interações ambientais estão em todo lugar, interagir é aprender todos os dias, quando sai de casa eu andei pensando nisso realmente como disse o Professor B não é uma escolha é uma necessidade e a intervenção é importante para a vida com dignidade porque interferir promove mudanças numa realidade desde que seja positiva. (Professor C )
Os princípios eco vitais se apresentam como representações inerentes à responsabilidade como seres planetários.	
Evidenciar a importância da representação e do reconhecimento para refletir sob perspectiva crítica a relação ser humano junto aos ambientes em que vivem.	Sim, complementando a fala do Professor D, daí parece que viramos robô do trabalho, a gente se desconecta né? Mais na verdade não a gente se conecta todos os dias mais sem dar conta a natureza se transforma em coadjuvante (risos) incrível isso a gente se esquece dela vivendo e sobrevivendo por ela. (Professor E)
Compreender que as representações têm um foco na perspectiva ontológica dos integrantes dos ambientes planetários.	Porque não é uma questão de escolha e sim de sobrevivência, precisamos do meio ambiente. (Professor B) Sim, complementando a fala do Professor D, daí parece que viramos robô do trabalho, a gente se desconecta né? Mais na verdade não a gente se conecta todos os dias mais sem dar conta a natureza se transforma em coadjuvante (risos) incrível isso a gente se esquece dela vivendo e sobrevivendo por ela. (Professor E).
Perceber as Representações como interação da vida como processo caótico, infinita e eterna e, portanto, dinâmico, subliminar e inacabado.	É engraçado como somos dependentes do meio ambiente e não se damos conta, o que aconteceu para que chegasse a esse ponto, como é possível destruir o que nos dá vida mesmo, interação é importante isso me remeteu uma lembrança da minha infância acredito que quando a gente é criança a gente dá mais valor para o meio ambiente pelo fato de usufruir mais dele, brincar e tudo mais depois a gente cresce e parece que nos desconectamos. (Professor D).

6.4. REFLEXÕES FINALIZADORAS.

Com base nas entrevistas foi possível constatar que as representações são criadas e reinventadas na vida das pessoas, e que as interações são primordiais para a subsistência da vida humana. Embora a sociedade contemporânea esteja

desconectada da natureza, os entrevistados reconheceram a necessidade dos debates para que se despertem novas interpretações e representações do ambiente.

As interações ambientais foram relatadas pelo grupo como compartilhamento e troca e essa análise estimulou a conversa sobre a fragilidade das relações humanas, na qual esse compartilhamento hoje, foi substituído pela troca, o que nos remete a pensar que o reconhecimento pessoal sobre a temática em questão, jamais poderia ser debatida e alcançada em conversas baseadas no senso comum.

As interações são definidas pelo grupo como relações complexas. Eles relataram, que é por meio das interações ambientais, que o ser humano se desenvolve e constrói sua história, ao mesmo tempo em que destrói diretamente ou indiretamente a natureza. A interdisciplinaridade foi manifestado nos debates, Percebe-se no desenrolar dos debates, conforme sua transcrição, que se amplia a consciência de que é pela interação ambiental que os humanos serão capazes de mudar esse problema, ou seja, como afirmam os participantes da entrevista, de que não é uma questão de escolha, pois, essa troca de interações se caracteriza como uma questão de sobrevivência.

Os entrevistados foram positivistas, críticos e fenomenológicos em suas repostas e consideraram as perguntas pertinentes ao contexto social em questão, por meio da reflexão crítica da educação, foi possível pensar nas mudanças de atitudes capazes de transformar o pensamento, em ações produtoras e responsáveis, em prol da continuidade da vida. Nesse sentido foi percebido um processo de mudança discursiva pela qual a abordagem positivista predominante no início, perdeu presença nos demais encontros, de forma que passou a predominar abordagens discursivas críticas e fenomenológicas.

As representações na perspectiva de Lefebvre, auxiliaram na compreensão ampla dos professores o que possibilitou novas interpretações do ambiente. Segundo Lefebvre, as ações manifestadas pelo pensar, falar, escrever e agir, não são fixas nem inalteráveis, buscando no movimento do objeto a compreensão da contradição que os cerca, e essa interpretação foi constada durante as entrevistas. Esse modo de enxergar as representações deixou patente na medida em que os argumentos não se prenderam em verdades absolutas e intocáveis. Essa observação nos permite analisar as formas de vida decorrentes das representações e seus ritmos em tempo e espaço, corroborando para uma maneira de enxergar a

dinâmica das relações humanas com o meio ambiente, bem como a possibilidade de produzir ciência de modo mais argumentativo com conotação de libertação e emancipação.

Viver é representar (se), porém transgredir as representações. Falar é designar o objeto ausente passar da distância à ausência apaziguada pela representação. Pensar é representar, porém, superar a representação. O conceito de representação implica-explica a linguagem. Nem o suporte (conteúdo e prática) nem a relação (formal) bastam para compreender a representação, sem a palavra e o escrito. (LEFEBVRE, 1991, pg, 97).

O legado de Lefebvre se mostra desafiador para combater as verdades verticalmente impostas e o niilismo negativo tão presente, que leva a sociedade a caminhar de mão dadas na direção da destruição e da barbárie.

A Pachamama se apresenta enfraquecida e doente. É necessário elaborar um novo viés de cooperação, os filhos da terra têm que se agarrar às suas raízes para uma mudança radical, capaz de reestruturar a relação ser humano natureza, respeitando sua perspectiva complexa.

Nesse processo de retomada da saúde planetária, vem a questão da vida com dignidade, posta como referencial que se ampara na fenomenologia de Johann Wolfgang von Goethe, a qual se caracteriza pela compreensão do fenômeno, que inicialmente se revela como superação da visão individual e se manifesta como processos de metamorfose. Reconhecer essa possibilidade pode ser um foco essencial do investigador para a compreensão de que o fenômeno da vida e do cosmos não tem fim, pois está vinculado à infinitude e à eternidade.

## 6.5. SÍNTESE GERAL COMO FINALIZAÇÃO.

As representações em Henry Lefebvre se organizam em torno de um conceito social que se apresenta no cotidiano, a essência da natureza está dentro das pessoas e precisa ser despertada para transcender a consciência baseadas no senso comum para adentrar-se em um nível de relação com o meio ambiente genuinamente humana. A fenomenologia Goethiana, foi essencial para a comparação das análises das representações e interações ambientais.

Nas entrevistas ocorreu o predomínio do tema das representações, o que motivou novas e continuadas reflexões. Durante as entrevistas foi possível notar a satisfação dos professores em poderem compartilhar seus pensamentos e suas histórias de vida. Vale destacar que a perspectiva fenomenológica da pesquisa possibilita as falas com liberdade, por isso, conseqüentemente, durante as entrevistas foi possível interagir os debates com histórias de vida pessoal e profissional dos entrevistados.

Nesses debates as Representações em Lefebvre, puderam ser constatadas na medida em que os participantes modificavam suas posições, a cada encontro, quanto a compreensão de interação ambiental, identificando-se cada vez mais como troca e compartilhamento.

Constatou-se também que os participantes se mostraram dispostos a participar da pesquisa, mostrando diferentes interesses na identificação da matriz teórica que subjaz as representações em Henry Lefebvre. Durante as entrevistas, se constatou que a perspectiva do autor é apresentada em focos diferentes, e proporcionaram novas maneiras de vivenciar uma situação com base numa crítica contextualizada de mundo, ocasionando encontros transformadores

A prática da entrevista coletiva, revelou que a partir da pesquisa empírica se deu a conciliação da representação e do reconhecimento do ser humano nos espaços em que interage. Esse debate proporcionou o desenvolvimento do pensar crítico, que envolve o tema das representações. Nesse debate a temática vida com dignidade não teve muita relevância e essa lacuna nos remete a uma reflexão sobre uma possível falta de conexão com a natureza.

Esse pensar e esse debate se configura definitivamente como processo interdisciplinar como postura que busca com humildade agregar novos saberes, considerando a complexidade em conceituar o meio ambiente, o que se mostra ao

final dessa pesquisa como algo a ser definido. Nessa definição é fundamental que fique posta a responsabilidade do saber cuidar da natureza, e incorporar os princípios eco vitais que podem garantir aos seres planetários condições de vida com dignidade. Com essa perspectiva essa pesquisa trouxe a fenomenologia Goethiana como um processo investigativo, que contrapõe o método positivista de fazer ciência, incorporando mais uma alternativa de pensar a pluralidade e a amplitude do tema estudado, com foco nas representações e nos reconhecimentos.

Assim, debater e analisar as representações em Henry Lefebvre, foi uma maneira de mostrar o poder das representações e acreditar na capacidade de ver o que tem por “detrás dos acontecimentos” e da dinâmica complexa em que vivemos. Essa análise mostra que é possível compreender e chegar o mais próximo possível das reais interpretação das representação de interações ambientais e, portanto se constata ser esse um conceito muito útil para analisar criticamente o cotidiano. A compreensão da problemática ambiental, com base nas percepções complexas das representações de meio ambiente, como forma de conhecimento e da relação ser humano com a natureza, na dimensão do vivido, percebido e concebido se apresenta como uma parte relevante nesse processo.

Assim ao observar a força que as representações têm como poder de interação nas interações ambientais junto aos professores, se tem que esse tema pode auxiliar a encarar os desafios da natureza, diante de uma sociedade conectada intensivamente com a tecnologia. A observação do contexto atual, e a interpretação dos significados dos acontecimentos de maneira crítica, reflexiva e dialética, por meio de prática social educativa, a qual pode traduzir-se em uma dimensão de decodificação das imagens, das representações construídas em sua trajetória de vida através das interações com o meio ambiente, os quais são suportes a uma ampla conscientização ambiental.

Portanto até o momento dessa pesquisa, concluímos que a problemática ambiental nos dias atuais nos remete à apreensão do lugar vivido, perpassando o cotidiano, junto aos acontecimentos em escalas regionais, nacionais e internacionais, e aponto consequências possíveis apontadas pela falta de conexão com a natureza, o que caracteriza a complexidade das questões ambientais.

Desta forma consideramos que ao debater e analisar as representações de Lefebvre com foco nas interações com o meio ambiente, ampliou-se a capacidade cognitiva de compreender o meio ambiente e seus significados. Nessa dimensão as

representações se apresentaram como um conceito útil para analisar criticamente o cotidiano, e a complexidade da vida.

E finalmente, identificamos que as contribuições decorrentes do pensar fenomenológico pode ampliar a compreensão das representações com foco nas interações ambientais, pois, pode reaproximar o ser humano com a natureza seja ela qual for. Nesse texto apontamos a fenomenologia Goethiana como possibilidade de promover o auto reconhecimento do pesquisador, como base inicial dos trabalhos como postura de preparação para as esperadas transformações ou metamorfoses que passa como pessoa e como investigador.

E assim, espera-se que o interesse por esse tema se propague, pois, um trabalho deste porte não se encerra com a escrita da pesquisa, ao se considerar que o vivo nunca se acaba, apenas se metamorfoseia.

## 7. PRODUTO FINAL.

### **Roteiro para Investigação da abrangência de Representações quanto à Interação Ambiental e Vida com Dignidade**

Como produto final desse trabalho de pesquisa atendendo a um propósito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais, foi elaborado um roteiro amparado na construção teórica dessa pesquisa com o propósito de viabilizar processo de investigação, análise e avaliação de postura de educação relacionada às Ciências Ambientais, considerando As Representações de Interações ambientais; de Representações de Interdisciplinaridade; e de Representações referentes à Questão Ambiental.

A utilização desse roteiro se resume a orientar a busca de aspectos nos textos avaliados, que correspondam ao que é apontado pelos indicadores propostos em cada um dos três blocos.

#### **Passo a passo para utilização deste roteiro:**

- i) Selecione o projeto a ser analisado com relação a interação ambiental e vida com dignidade.

Exemplos: horta escolar de alcance comunitário na escola, ou projeto relacionado a sociologia ambiental.

- ii) Leia e Analise o projetos e seus relatórios.

- iii) Leia os elementos indicativos de interação Ambiental.

Verifique qual desses elementos está presente no projeto em análise.

Em seguida assinale a lacuna ao lado com ( X ) quantas vezes, cada elemento foi identificado, na análise do projeto sobre interação ambiental.

- iv) Leia os elementos indicativos de representações de Interdisciplinaridade.

Verifique qual desses elementos está presente em seu projeto, e assinale ( x ) quantas vezes, cada elemento foi identificado, na análise do projeto sobre interdisciplinaridade.

- v) Leia os elementos indicativos de representações de questões ambientais.

Analise qual desses elementos está presente em seu projeto, e assinale ( x ) quantas vezes, cada elemento foi identificado no que se refere a representações de questões ambientais

- vi) Identifique os elementos indicativos que se manifestaram no seu projeto, e quais apareceram com mais frequência e quais não apareceram com muita frequência.
- vii) Descreva um parecer sobre essa análise e as comparações, destacando o que predominou e o que foi apontado como menos presente no projeto em estudo.

O propósito desse roteiro é chegar o mais próximo possível da essência das representações sob a perspectiva crítica e fenomenológica.

QUADRO 3 - ROTEIRO DE INVESTIGAÇÃO DA ABRANGÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES QUANTO À INTERAÇÃO AMBIENTAL E VIDA COM DIGNIDADE

.ELEMENTOS INDICATIVOS	REGISTROS DAS OCORRÊNCIAS
<b>REPRESENTAÇÕES DE INTERAÇÕES AMBIENTAIS</b>	
Representações que apontam, sinalizam e inquirem a realidade, considerando-a como constituída por processos dinâmicos e inacabados.	
As Representações contemplam a diversidade de percepções conforme a diversidade de pessoas envolvidas.	
As representações se manifestam nas presenças e nas ausências.	
As representações se sustentam como importantes, na medida em que se amparam em argumentos consistentes (análise crítica e dialética)	
As representações transcendem o imediato, e ampliam a compreensão da realidade.	
As representações são simultaneamente de natureza intersubjetiva (objetiva/subjetiva)	
<b>REPRESENTAÇÕES DE INTERDISCIPLINARIDADE</b>	
A interdisciplinaridade, como postura que rompe fronteiras e barreiras ao agregar novos saberes.	
A interdisciplinaridade confronta as ciências parcelares e fragmentadas.	
A interdisciplinaridade se funda no carácter dialético e valoriza as dimensões humanas.	
A interdisciplinaridade como processo interpretativo sem finalização com base na subjetividade e objetividade de cada integrante.	
A interdisciplinaridade possibilita junto a seres ativos, sensíveis e disponíveis, metamorfoses intersubjetivas como mudanças efetivas sem retorno.	
A interdisciplinaridade como processo que acolhe o diálogo de saberes	
<b>REPRESENTAÇÕES DAS QUESTÕES AMBIENTAIS</b>	
Compreender a complexidade do que caracteriza meio ambiente, que se mostra como algo que não se define, pois depende de incontáveis representações.	
As Representações de ambiente e meio ambiente implicam na responsabilidade do saber cuidar da natureza.	
Os princípios eco vitais se apresentam como representações inerentes à responsabilidade como seres planetários.	

Evidenciar a importância da representação e do reconhecimento para refletir sob perspectiva crítica a relação ser humano junto aos ambientes em que vivem.	
Compreender que as representações têm um foco na perspectiva ontológica dos integrantes dos ambientes planetários.	
Perceber as Representações como interação da vida como processo caótico, infinita e eterna e, portanto, dinâmico, subliminar e inacabado.	

FONTE: O Autor (2019).

O produto em questão elaborou as sínteses acima, extraídas ao longo das reflexões do trabalho, e considera-as útil para aqueles que necessitarem interpretar as diversas representações apresentadas, em projetos, trabalhos acadêmicos, e etc., Esse produto foi elaborado na tentativa de apresentar as representações segundo Henry Lefebvre, e interpretá-las de maneira crítica sob a perspectiva do autor. Segundo Lefebvre, o olhar crítico ao interpretar um fenômeno neste caso as representações, possibilita a auto avaliação e transformação junto ao desenvolvimento do seu trabalho, seja ele qual for. Essa maneira pode possibilitar a visão integradora dos elementos exteriores e passando a considerar parte desses elementos, isso se caracteriza por seu reflexo de consciência e pode possibilitar em uma ampla compreensão do fenômeno chegando o mais próximo possível de sua essência e de seu significado.

Espera-se que esse roteiro seja útil para todos aqueles que buscam caminhos e compreensões sobre a essência do que está à volta dos viventes, com a possibilidade de chegar o mais perto possível da perspectiva fenomenológica e crítica.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação: Referências. Rio de Janeiro, p. 24. 2002.

ADAMS, Eillen. Arte e construção ambiental. Londres: Longman, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada \_ vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar.( 2008 p. 20).

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano\_compaixão pela terra**. Ed. Petrópolis . RJ.VOZES. 2014. p. 176-86.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº5692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau.

BRASIL. **Lei nº 7804, 23 de novembro de 1989**. Política Nacional do Meio Ambiente.

BRASIL. **Lei nº 6938, 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.

BROWN JUNIOR, K.; FREITAS, A. V. L. **Diversidade ecológica no Alto Juruá: Juruá avaliação, causas e manutenção**. In: CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. B. (Orgs.). Enciclopédia da floresta – o Alto Juruá: Práticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Companhia das Letras.( 2002. p. 33-42).

BRUGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** 2a ed.Florianópolis: Letras contemporâneas. (1999 p.159).

CUNHA, Erika Jorge Rodrigues. A natureza do espaço urbano: formação e transformações de territórios na cidade contemporânea.

DESCARTES.R. Meditações .IN : **Os Pensadores**. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo.

FAZENDA IVANI. **Interdisciplinaridade um projeto em parceria**. São Paulo. Editora Loyola, (2002. p. 18)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. (1996 p. 31).

GOETHE, Johann Wolfgang von. Ensaios científicos : **Uma metodologia para o estudo da natureza** : coletânea | seleção e tradução dos textos de Goethe, Jacira Cardoso. \_ São Paulo : Barany Editora. (2012 p. 30).

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des)Caminhos do meio Ambiente**. 14 ed. São Paulo. Contexto. ( 2008 p. 30).

HONNETH, A. – **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad: Luis Repa. São Paulo: Ed. (2003 p. 83)

HUBERMAN, M.; **O ciclo de vida profissional de professores**. In: Nóvoa, A. (org) Vida de professores. Porto Editora. (2000 p. 40- 41- 42-43 -44 - 46).

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 196, n. 118. (2003 p. p.189-205).

JAPIASSU, JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade Interdisciplinaridade e patologia patologia do saber**. Rio de Janeiro Janeiro: Imago, 1976.

JODELET, Denise **Représentations collectives aux représentations sociales: éléments pour une histoire**. Les Représentations sociales. Paris: PUF. (1989 p.62-86).

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**. Petrópolis: Vozes (2000 p. 79).

JUNIOR ARLINDO PHILIPPI. PILICIONE, CECÍLIA MARIA **Educação e Sustentabilidade**. 2 revisada e atualizada Coleção Ambiental, USP Barueri.:São Paulo. Jaz o Manole 2014. Vários autores Bibliografia \_ ISBN: 978-85-204-3200-6.( pg, 324- 356 -474).

JUNIOR, Jonas Bach. **A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner** Tese de Doutorado. Curitiba 2012.( Pg.44 -71). Acessado em : 29 de novembro de 2017.

Junior. Jonas Bach. **O CONCEITO DE METAMORFOSE E A FENOMENOLOGIA DA NATUREZA DE GOETHE** Griot –Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.10, n.2, dezembro/2014/www.ufrb.edu.br/griot. ( p, 176, 184). Acesso em 10 de janeiro de 2017.

KANT, Crítica da Razão pura. In: **Os Pensadores**, quarta edição, volume 1. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 81. Grifo nosso.

KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da insurreição para a emancipação humana: Ontologia e Educação em Lukács e Freire**. Jundiaí: PACO editorial, 2011.

KEIM, Ernesto Jacob. SILVA, Carlos José. **Capoeira e Educação Pós Colonial**. Jundiaí: Pacco Editorial. (2012 p. 52).

KEIM, Ernesto Jacob. **Interações de Rudolf Steiner com a Educação anticolonial**. Curitiba: Editora UFPR, Educar em Revista, n. 56. ( 2015 p. 85-100).

KEIM, Ernesto Jacob. BACH JR, Jonas. **Educação, Ciência e Fenomenologia amparada em Goethe**. No Prelo. (2017)

KEIM, Ernesto Jacob. Informações coletadas em encontros de orientação e durante aulas referentes ao programa PROFICIAMB. Pontal do Paraná: CEM UFPR, 2018 a

KEIM, Ernesto Jacob. Power Point: **Educação, Fenomenologia, Ciência e Goethe**. Site: [www.profjacob.com.br](http://www.profjacob.com.br), Pontal do Paraná: CEM UFPR, 2018 b

KEIM, Ernesto Jacob. Power Point: **Interdisciplinaridade na Pedagogia da Pachamama**. Apresentação 1.3. Site: [www.profjacob.com.br](http://www.profjacob.com.br), Pontal do Paraná: CEM UFPR, 2018 c

KEIM, Ernesto Jacob. Power Point: **Pedagogia da Pachamama/Tayta Inti**. Site: [www.profjacob.com.br](http://www.profjacob.com.br), Pontal do Paraná: CEM UFPR, 2018 d

LEFF, Henrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade**, poder. 7 ed. Petrópolis: Vozes. (2009 p. 54-85-158).

LEFÈBVRE, H. La presencia y la ausencia: contribucion a la teoria de las representaciones México, Fondo de Cultura Económica. (1983 p. 19-21-23-30-31-45-47-56-58-91-94-104-156-199).

LEFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEFÈBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Éditions Anthropos: Paris, 1986.

LEFÈBVRE, Henry. **O direito a cidade**; Tradução Cristina C Oliveira – Itapevi SP: Nebli, 2016. ( 1991 p.47)

LOCKE, John. **Segundo Tratado sobre o Governo**. Petrópolis: Editora Vozes, (1994 p.59-60).

MORIN, Edgard. **O Método 1: A natureza da natureza**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, editor: Francisco Lyon de Castro. Publicações América Europa LTDA. Edição nº 1060284327(2003. p.53)

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade, educação. Fundamentos Ontológicos e Epistemológicos**. Campinas São Paulo, Papirus. Coleção Práxis (2016 p. 161 - 18). ISBN.978.85.449.0166.3.

MARX, Karl; ENGEL, Friedrich. **A Ideologia Alemã**.3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. ( p. 19).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Médio**. Brasília, DF, 2000.

MOSCOVICI. Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes. (2003 p.11-58).

NOGUEIRA, Flávio. Blog. <https://flavionogueira.wordpress.com/meio-ambiente/etmologia/> Data da publicação 23/01/2009 .(Sem página). Acesso em 30 de dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Cintia Soares. Henri Lefebvre: **Possibilidades teórico-metodológicas para Arquitetura e urbanismo**. Tese de Doutorado . Rio Grande do Norte 2012. Acessado me 23 de outubro de 2018.

Pina A.T.M, Luz A.C.R, Barros M.F.G., Santiago P.C., Silva L.P. 2004. **Concepções de Meio Ambiente de alunos de uma Escola de Ensino Fundamental de Belém**. In: Enc. Nac. Didática e Prática de Ensino, 12, Curitiba. Anais .Curitiba: PUCPR.

PROENÇA, Maria Cristina Oliveira - **A cidade e o habitar no pensamento de Henri Lefebvre. Coimbra** : [s.n.], 2011.

RAUL, Ladim Filho, Descartes: Ideia e Representação Um caso enigmático: As Ideias Materialmente .PPGLM/CNPq ( 2016, p.11).

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Ambiental**. São Paulo: Cortez (2008, p.45).

Revista Ciência & Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência. e- ISSN 1516-731.

Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências. ( RBPEC). e- ISSN 1984-2686.

REMEA -REVISTA ELETRÔNICA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.e- ISSN 1517-1256.

RICOUR. Paul ( 1984) Temps et Récit II, Paris , Seuil.( S/Página).

SANTAELLA, Lucia. **Estética: de Platão a Pierce**. São Paulo: Experimento, (1991 S/pg)

SARTRE, Jean Paul. **A Imaginação** (trad. Manuel João Gomes), Lisboa Difel. ( 1936 p. 85).

SAUVIÉ, Lucie, **Educação Ambiental Possibilidades e Limitações**. Educação e Pesquisa São Paulo, v.31. (2005 p. 317-318).

SEABRA, Odete C. de L. **A insurreição do uso**. In: MARTINS. José de Souza. (Org.) Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, (1996 p. 80).

SENADO FEDERAL (1988). **Constituição Federal do Brasil de 1988**, Capítulo VI, n. 225. Disponível em: . Acesso em : 16 de janeiro 2018.

SERRES, Michel. Hermes: **Contrato Natural**, Flammarion, 1990.( 2014 p. 12-34-158).

SILVA, Lilian Salles. **Imitação e representação: uma ponte para o prazer de conhecer em poética de Aristóteles.** Acessado em : 29 de novembro de 2017.

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI. **Programa de pós- graduação em mestrado e doutorado em Designer.** Disponível em: <http://ppgdesign.anhembi.br/wp-content/uploads/102-Dissertacao-Dora-Lilia-de-Campos-Sabor.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2018.

WEB ARTIGOS. Imitação e representação. **Uma ponte para o prazer do conhecimento em poética de Aristóteles.** Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/imitacao-e-representacao-uma-ponte-para-o-prazer-de-conhecer-em-poetica-de-aristoteles/4784>. Acesso em 17 de janeiro de 2019.

WARDE, Mirim Jorge. **Educação e Estrutura Social: a profissionalização em questão.** São Paulo: Cortez & Moraes.( 1977 p. 89-187).

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO COMPLETA DAS ENTREVISTAS.

Qual é a compreensão da importância da interação e da intervenção das pessoas junto aos ambientes para alcançar vida com dignidade?

A partir do momento que eu me preocupo com a outra pessoa Eu vou buscar ajudá-la. Nós somos seres sociais ninguém é tão perfeito que não precise viver sozinho precisamos da ajuda dos outros. (Professor A).

E nós temos que lembrar Que boa parte da nossa vida está no nosso dia-a-dia Está no nosso ambiente de trabalho quem me conhece praticamente há trinta sabe, minha fala é essa você não pode ir pra casa com uma sobancelha só, com preocupação chateado com algo que aconteceu porque pessoas erram na tentativa de acertar e isso pode causar uma mágoa em alguém naquele momento que não está muito receptível para a tua opinião por outro lado você tem que entender que poderia ter sido ao contrário Que poderia ter sido contigo então eu penso assim boa parte da nossa vida está no trabalho Não tem motivo que justifique que eu fique chateada Com aquilo que eu escolhi a trabalhar como uma profissão Afinal de contas eu poderia ter escolhido qualquer outra profissão porque eu escolhi ser professora Com escola com educação mesmo porque alguns São educadores de mesa de escritório Não é no pé do chão de sala de aula onde realmente a vida Acontece Isso é o mais valioso porque gente lida com gente E pessoas têm sentimentos E eu também tenho sentimentos e não posso esquecer de algo que eu tenha dito Ou que eu venha dizer também possa atingir de uma maneira Não muito agradável e isso a gente sempre tem que estar se policiando Não que você não vá omitir sua opinião mas que Nessa situação possa ficar muito magoado ou muito contente e servir de estímulo Para que ela vá adiante e depois Ainda consiga atingir seus objetivos. (Professora B)

Eu penso que a gente não é dono da verdade Então vai aprendendo no convívio social Estudando para que a gente sempre possa melhorar Eu penso assim então que a gente está em constante Mudança e aperfeiçoamento ( Professora C).

Eu acho que a figura do professor é modelo, estou falando enquanto a profissão de professor de sala de aula ou não de sala de aula Não importa eu por exemplo que estou lá na biblioteca me peguei pensando nisso Será que eu sirvo dê exemplo eu sirvo de exemplo sim? Eu sirvo de modelo sim, o que você faz deixa de fazer ,isso é se inserir , no fundo no fundo se inserir não implica você ditatorialmente

impor uma coisa, é o teu jeito de fazer aquilo. Quando você está na escola você tem um jeito de fazer as coisas, ali você é uma figura pública, você está ali e passa a ser um exemplo e querendo ou não o aluno vai ver você e observar tudo. Ele chega para família dele e apresenta quando vê a gente em locais públicos aquele ali aquele ali é meu professor.( Professor D).

Sim o professor é um mediador, se o professor não tiver a intervenção e a interação fica vazio o conhecimento e não se faz a troca constante é uma Aprendizagem constante, se não você pode derrepente ter um todo ali mais objetivamente você pode não estar chegando no seu conhecimento com aquela realidade social , você não vê aquela realidade social e não só com os alunos mas na comunidade escolar toda e também no caso a sociedade. Na minha opinião não está separado a sociedade da escola, muitas vezes eu percebo no meio escolar na questão da estrutura a gente está com está tendo um problema muito sério com a questão do isolamento. A interação está um pouco fragmentada e você acaba Prejudicando o conhecimento como um todo.( Professor E)

A questão da interação que é super importante eu tenho uma palavra que eu gosto muito vou pronunciar lá em inglês Share O que é Share? Share significa compartilhar Independente dos horários independente do local de trabalho eu acho que isso é super importante mesmo. Às vezes acontece de forma muito pequenininha mas é muito importante quando isso acontece porque marca. Então essa questão do exemplificar do compartilhar essa questão do pensar realmente é muito bom, nós estamos dentro de uma comunidade onde é muito importante essa questão. Porque não compartilhar eu posso ficar quietinha do meu jeito mas eu estou compartilhando isso é muito bom, as nossas realidades são diferentes mas dentro do nosso contexto escolar tem um grande impacto. (Professor F)

2- Como as pessoas se reconhecem e se representam. E como as pessoas são reconhecidas e representadas nos ambientes aos quais elas interagem para alcançar uma vida com dignidade ?

No ponto de vista do aluno como integrante de um determinado grupo ele é de um jeito E como o indivíduo ele é outro Nós também inclusive somos assim temos vários papéis desempenhamos papéis e existe também um reducionismo na função do papel do professor, o professor de história pode ser história mas

compartilha e não é só simplesmente um professor de história ele também é um modelo quando o aluno sai da sua sala no ano seguinte ele se vê fazendo o que você faz . (Professor D)

A palavra que foi usada nesta questão representatividade, Eu tive uma experiência ontem por exemplo talvez essa pergunta seja bem pertinente nesse sentido porque muitas vezes a gente não percebe Como ocorre essa representação Porque daí é o outro que tá vendo você será que você tá percebendo como outro te vê. Por exemplo ontem quando eu sair para almoçar encontrei alguns alunos de um colégio que eu lecionava o ano passado Os três meninos pararam para falar comigo E essa turma era uma turma grande na época que eu dava aula para eles e eles perguntaram para mim Professora porque você nos abandonou ? Aí você para e pensa será que eles estão falando isso porque eles me vem com uma professora” boazinha” que aceita e tem uma flexibilidade ? Então no primeiro momento eu pensei e respondi não eu não abandonei vocês na verdade eu não consegui aula nessa escola e eles falaram assim poxa professora eu tirei oito e eu não fiz nada eles não citaram o nome obviamente eu aqui também não iria falar por questões éticas então de repente você estava ali naquela turma quero uma turma efervescente. E você está explicando incansavelmente ali que você diminui o tempo da explicação Você achou que não tinha atingido e de repente você encontra na rua com esses alunos e se depara com discurso sobre você, ver que eles compararam você no meio daquele caos explicando Anotando explicando anotando explicando . Então de repente eu me vi a representar uma representação de que tanto faz se eu estivesse ali e no reencontro fora de sala de aula de uma forma bem coloquial foram verdadeiros ao expor seus sentimentos. (Professor E).

Eu vou falar assim pouco da minha vivência eu tô vivendo um momento tão pleno da minha vida que quando a gente faz 50 anos começa a ver tudo que aconteceu a família que você construiu alegria de ter 3 filhos que preenche o coração de mãe e de professora Batalhadora desde faz tempo e eu tenho assim uma gratidão tão grande pela vida que eu me vejo sendo pesquisadora o tempo todo , inclusive eu estava pesquisando sobre as ficha de matrícula de aluno da onde vem essa criança que estão vindo de outros bairros de Paranaguá que eu não tinha conhecimento até semana passada das matrículas novas que estão chegando. É tão incrível é tão querido você poder estar acompanhando tudo isso eu não estou mais na sala de aula Isso está me proporcionando o tempo para que eu possa fazer

pesquisas que em sala de aula não dava devido ao PTD e PPC semana pedagógica, como da para contribuir de maneira muito mais avançada do que só lá na disciplina de ciências e matemáticas. E eu assim estou tão feliz digo por mim que por tá fazendo essa pesquisa hoje fora da sala de aula esses aprofundamentos não ficar na superfície, na sala de aula não tinha como contribuir com as pedagogas e hoje eu consigo ir lá mergulhar na informação conversar com os pais cara a cara. Como vai ser o boletim amanhã ? Amanhã será um dia mágico pois haverá entrega do boletim eu não estava no primeiro bimestre fazendo esse acompanhamento e amanhã terei oportunidade, daí vem aquelas coisas lindas, Poxa!!! Eu já estudei aqui eu me lembro da Senhora professora Li.... Então tem uma construção de vida que ficou realmente marcada para algumas pessoas , chega um ponto que L.... deu aula pra costeira inteira. Ué que coisa engraçada , e ao mesmo tempo querida não tem uma rua que você entre e não tenha um aluno que diga oi professora. É um reconhecimento não em valores monetários mais em valor de vida que não tinha essa auto-avaliação até 2015 quando eu estava na sala de aula, era só aquela vivência de executar um papel de professora, mais eu também sou mãe também sou esposa, também sou L..., aonde eu estava no meu dia -a-dia ,eu sempre brincava com as professoras ei não esqueça de dar oi para o espelho e se reconhecer. ( Professor B)

Eu me polio muito assim nas minhas falas eu sempre faço essas reflexões de como eu estou atuando eu sou muito sincera em reconhecer que eu não consigo separar a L.. pessoal da L....pedagoga, eu não consigo eu não sei se alguém consegue na área de educação fazer isso, é uma mistura assim dentro da gente , as vezes dentro da gente , quando eu digo assim eu não concordo com a postura de tal aluno ou daquele professor mais eu penso assim bom eu não vou julgar eu não estou aqui pra isso se a pessoas faz errado ou certo, mesmo que dentro de mim eu acho errado , enquanto pedagoga eu não posso eu acho que uma luta assim dentro da gente, pra não levar para o pessoal.( Professora A).

Eu vejo que muitas vezes Intencionalmente ou não você depende do outro no olhar do outro, e às vezes você não sabe o que realmente está acontecendo porque muitas vezes a pessoa pode não falar Às vezes a gente não tem essa noção que podemos ser uma referência às vezes você pode ser aquele que chega atrasado porém você é aquele que sai mais tarde porque muitas vezes você tá ali na dinâmica do dia a dia dando aquela atenção para o aluno no corredor às vezes o

referencial vem depois . Muitas vezes ocasional no encontro no corredor ou no encontro fora do colégio aqui nós temos um respeito enquanto profissionais um pelo outro, talvez você mesmo enquanto pesquisadora esteja nos observando como uma referência a questão de querer estar aprendendo sempre de estar se revendo o tempo todo às vezes eu também já fui questionada por algum pai alguma mãe que não compreendeu porque que eu estava ensinando aquele conteúdo por exemplo, o aula de golpe militar muitas vezes o pai não aceita que vem que o filho compreendo uma visão contrária da dele politicamente ideologicamente Aí você pega o teu PTD de todo as diretrizes as bases curriculares e mostra esse cidadão vai ser um sujeito ele pode ser atuante se ele quiser, é direito do seu filho ter acesso a esse conhecimento.

As vezes você se torna uma referência e muitas vezes você não percebe, as vezes alguém de uma Universidade, as vezes aquele aluno que fica sabendo que você estava em tal escola e vai estudar naquela escola por causa de você, você entra numa faculdade ou em uma Universidade e vê seus aluno lá, eles eram crianças depois no ensino médio mais tarde já estão produzindo, alguns dizem viu professora me espelhei em você ou na escola quando a escola é acolhedora que um perfil aqui do colégio, aqui tem a interação e essa interação e intervenção é de anos.

A gente faz isso também o tempo todo as vezes a gente precisa desse referencial do outro para enxergar o mundo . Porque às vezes só do teu ponto de vista Você acredita que tá indo tudo bem Como que isso chega no próximo Como é essa devolutiva é complicado. É igual escrever um comunicado está claro na sua mente mas não está claro na mente do outro é difícil. (Professor B)

Esses dias eu estava vendo uma entrevista que dizia assim mais títulos São escola Estamos numa outra fase A fase de aprender com os alunos Os alunos já aprenderam com a gente a fase que estamos vivenciando é complexa pois agora é a fase de aprendermos com eles O professor ainda não percebeu que ele tem muito a aprender com aluno, Não só na matéria mais na mídia .Essa representação do eu não fica só nossos iguais.

Cada um tem a sua visão de mundo, onde foi construído o seu caráter dentro de um mundinho particular de sua família e todos nós foi assim então não dá para bater o martelo e dizer Isso é assim e acabou E às vezes eu sempre digo para você que a gente tem um problema muito sério com o dicionário Nós usamos termos pesados para dizer coisas Claras E por dizer aqueles termos pesados vamos ter

então um debate , não vamos ter um debate vamos ter uma conversa Trankila horizontal não tem nada vertical que caia aqui em cima das nossas cabeças Você está dando aqui uma oportunidade da gente Colocar nossa expressão Nosso Sentimento e tem coisa mais querida que isso então troca o termo debates por um termo mais tranquilo. Muitas vezes as pessoas pensam nesse momento ai não vou falar nada será que o que eu falar está correto. Simples se não entenderam vão te perguntar clareia mais um pouco A minha geração tem muito isso sabe ai não vou falar porque tá errado só tem um jeito de saber falando.( Professor B ).

#### SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA. ( 2º ENCONTRO)

Nesta etapa da pesquisa foi reapresentada as perguntas realizadas no encontro anterior e as respostas dadas pelos entrevistados na tentativa de promover novas reflexões e afirmações a respeito das respostas dadas no encontro anterior.

Desta forma foi apresentado novamente as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa e questionou-se mais uma vez se eles concordavam com as observações das análises realizadas pelo pesquisador amparada nas reflexões dos dados coletados. As respostas foram essas :

Sim continua esse pensamento acredito que a interação se dá porque o ser humano é um ser social. (Professor A).

As vezes as pessoas são criticadas ou por não entender porque as pessoas se aproximam por afinidades e às vezes não tem necessariamente nada contra essas pessoas, como algo natural que surge sem planejar e vai trazendo essas pessoas sem pensar de forma natural, as pessoas começam se aproximando com essa ideia de troca de acrescentar experiência e até mesmo de descontração no ambiente de trabalho.( PROFESSOR B)

Uma coisa que eu não concordei por com a interação pelo trabalho, você não interage só com gente mais também com animais e com o celular hoje, em uma representação de uma obra de arte, em algumas vezes até mesmo com um vaso de flor a gente interage. ( Professor C)

Nós observamos também não só a escola e as pessoas mais também o que compõem o ambiente que nos estamos, nossa vida às vezes acaba boa parte dos dias dentro das escolas, eu aqui porque só trabalho nessa mais vários outros

colegas entre três quatro escolas, ao longo da semana. Observando elementos da natureza, as aves que fizeram ninho aqui na nossa escola, e que já estão adentrando para o pátio de cá, fazendo ninho na Araucária, toda estrutura de natureza ao qual estamos inseridos que faz essa escola ser o que ela é a cinquenta e poucos anos.(Professor B).

Essa questão a L..., colocou eu achei pertinente porque tem muitos colégios que você não vê quintal, você não vê o sol, você não vê as pessoas passando interagindo, só vê corredor uma negócio fechado e isso consequentemente afeta com a interação. E também a de se lembrar que o social deles também é a escola, que se dão pelos diálogos e pelo olhares, eu trago esse olhar de outro espaços alguns professores só daqui porque só trabalham aqui. (Professor A)

Eu estou aqui a 22 anos e meio aqui nesse Colégio e essa questão do compartilhar e interagir é diferente ela muda a todo ano, mudam as pessoas e os contextos históricos. E só complementando o que o Professor D falou , eu tenho o exemplo das orquídeas que faleceram e eu as replantei e todo dia conversando com ela, todos os dias e não era a época pra ela mais ela nasceu novamente com três novos botões e agora as flores estão aparecendo isso é interagir também a planta é um ser vivo como os animais. (Professor D)

Eu vejo um isolamento em todos os setores no meio escolar, existe alguma coisa institucional e uma política também dessa forma não acontece aqui se tivesse eu falaria mais eu vejo em outras escolas isso, mais em outras escolas que eu trabalho eu vejo um distanciamento da equipe diretiva um distanciamento dos funcionários, não dizendo que isso acontece em todas as escolas mais existe uma espécie de normatização comportamental, eu vejo pessoas que me conhecem vinte anos inclusive da equipe diretiva que já foram meus alunos que até dois três anos atrás me chamavam pelo nome , e hoje eles chamam de professora e aos poucos essas identidade vão se perdendo esses contatos aí você passa ser professora e professor, esse formalismo que eu entendo que muitas vezes é necessário ainda mais num colégio de porte maior , eu também estranhei porque os colégios que são concursados não interagiam com os colegas não concursados, esse não é o colégio que deixei quando eu sai daqui e quando eu retornei eu achei isso muito estranho cada um na sua caixinha, teve um época que eu fiquei afastada daqui e quando eu

retornei também senti qualquer coisa assim estranha acredito que quando eu voltei eu senti que mudou bastante replanejamento de professores, uns mudaram, outros se aposentaram, por políticas públicas de diminuição de turmas que influência muito também , mais aqui por ser um espaço menor aqui não tão visível aqui a nossa escola tem um perfil de escolha acolhedora de realmente interagir para saber se outro esta bem , se mostrando preocupado com os alunos a mesma coisa nesse sentindo há ainda muita fragmentação. Inclusive no encontro em áreas a gente não tem espaço para fazer as conversar na escola, não temos mais tempo para dialogar, nem autonomia, para planejar fazer projetos e a gente vê que não há má vontade e um certa dificuldade. (Professor E).

Eu acho que sim essas reflexão foi coerente as representações são isso mesmo ao tempo todo talvez não para todas as pessoas , as vezes tem pessoas que acreditam que não precisam se rever já tem uma postura pronta, eu penso que o olhar do outro revela muito sobre nós mesmos nessa questão de representatividade e de repente você não está totalmente consciente disso as vezes é o outro que traz tanto o lado positivo quanto o negativo, como você falou as vezes a gente que os alunos não estão nem aí e aí mais tarde você vê que você fez uma diferença e muitas vezes você pode agir de mesma forma mais não atingir a outra turma que não terá a mesma visão um outro olhar sobre aquilo ou não eu acho que isso é sempre instável. É uma questão pessoal mais eu vejo que muitas pessoas tem uma representatividade própria e adota com uma postura e pronto se fecha ali. E as vezes não enxerga as representatividades ao seu redor muito menos dos alunos. (Professor B)

E assim é muito fácil falar do outro, mais se alguém chegar pra mim e perguntar como é o seu trabalho? Como é que você faz? Como é a Luciane pessoas ? Como que é a L... pedagoga? Por favor fale de você? Meu isso é muito difícil, é muito fácil falar do outro mais se alguém chegar e perguntar uma coisa dessa pra você, porque é muito fácil falar do outro. Uma médica me fez essa pergunta, a gente fica tão focado na representação do outro que esquece de analisar o seu eu. (Professor A)

Sabe o que mais me chamou atenção agora, o que a professora falou anteriormente sobre a fragmentação, como você disse sobre as representações de

papéis, cada um representa um papel, a aluno tem uma representação na escola e ele não deixa que a gente veja quem ele é realmente, muitas vezes a gente vê os alunos na biblioteca a gente não vê o aluno além de aluno só se você tiver um convívio mais íntimo que você consegue identificar quem é o aluno e o professor. (Professor c).

E também existe também o ver e o enxergar, a partir do momento que você enxerga o outro você está compreendendo o outro, são dois momentos diferentes porque na verdade você só vê, aí chega a determinado ponto que você diz Opá!!! E chega e determinado ponto esta acontecendo algo diferente eu estou enxergando o outro e ele está enxergando você. ( Professor D)

Meu marido encontro um aluno assim na biblioteca e aluno perguntou você lembra de mim ? Dae meu marido respondeu puxa cara me perdoe, mais o aluno disse assim mais fica tranquilo o senhor não vai lembrar mesmo porque não fui seu aluno fui aluno se sua esposa e começou a contar os projetos dele de vida e depois ele começou a falar de mim para o meu marido, e as referências que ele trouxe e ao falar da professora envolver toda a escola. Daí já não é mais a professora, é o colégio, a acolhida que ele teve na escola, ele era um aluno que tinha um histórico também mais ao invés de confrontar a gente foi acolhendo e trazendo e trazendo, e hoje está cheio de planos fazendo faculdade , fez um curso técnico, eu vejo muito isso o outro também passar um pouco da nossa representação. ( Professor B ).

Nesta etapa da entrevista uns dos sujeitos da pesquisa não pode participar por motivos médicos, sendo assim nesta caso somente 5 professores participaram.

### 3 ETAPA DA ENTREVISTA ( 3º ENCONTRO).

Sobre a primeira pergunta: qual a compreensão da importância da interação e da intervenção das pessoas junto aos ambientes para alcançar vida com dignidade ?..

O grupo consegue dizer que compreende que a interação é importante para a vida com dignidade porque:

É a partir das interações que nos vivemos no mundo e nos relacionamos com os outros na natureza. (Professor A)

Porque não é uma questão de escolha e sim de sobrevivência, precisamos do meio ambiente. (Professor B)

As interações ambientais estão em todo lugar, interagir é aprender todos os dias, quando sai de casa eu andei pensando nisso realmente como disse o Professor B não é uma escolha é uma necessidade e a intervenção é importante para a vida com dignidade porque interferir promove mudanças numa realidade desde que seja positiva. (Professor C )

É engraçado como somos dependentes do meio ambiente e não se damos conta, o que aconteceu para que chegasse a esse ponto, como é possível destruir o que nos dá vida mesmo, interação é importante isso me remeteu uma lembrança da minha infância acredito que quando a gente é criança a gente dá mais valor para o meio ambiente pelo fato de usufruir mais dele, brincar e tudo mais depois a gente cresce e parece que nos desconectamos. (Professor D)

Sim, complementando a fala do Professor D, daí parece que viramos robô do trabalho, a gente se desconecta né? Mais na verdade não a gente se conecta todos os dias mais sem dar conta a natureza se transforma em coadjuvante (risos) incrível isso a gente se esquece dela vivendo e sobrevivendo por ela.(Professor E)

Gente isso mesmo concordo com tudo isso é mesmo isso. É uma pena! (Professor F).

Sobre a 2ª pergunta como as pessoas se reconhecem e se representam. E como as pessoas são reconhecidas e representadas nos ambientes aos quais elas interagem para alcançar uma vida com dignidade?

O grupo se reconhece e se representa pelas pessoas pelos ambientes como quem busca vida com dignidade considerando que :

A representação se faz presente em todos os lugares, estamos nos representamos e sendo representados e a gente se representa a todo momento para alcançar vida com dignidade. (Professor A)

Olha não sei muito bem, eu digo de verdade que não tinha parado para pensar nisso talvez precise de mais tempo para pensar sobre isso porque sou professora de matemática e ciências sou muito leiga pra filosofar mais achei interessante essa pergunta. (Professor B).

Pois bem, vida com dignidade hoje é meio difícil né? A desigualdade social também contribui para que isso não aconteça, tudo está tão desigual que acredito que são poucos que podem viver mesmo com dignidade. (Professor D).

Eu vivo com dignidade sim, apesar de tudo isso desse contexto de desigualdade eu sou digno em minhas atitudes, no meu dia a dia e assim eu consigo viver sendo digno e isso reflete na minha vida.( Professor E).

(Rrsrs) Pois bem, eu vivo com dignidade em uma sociedade não digna competitiva e alienada, mais ainda sim acredito que todos buscamos vida com

dignidade, as pessoas querem ter dignidade mesmo agindo errado elas querem ser dignas querem ser respeitadas pelos demais serem reconhecidas. (Professor F).

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO



### PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa com o título “AS INTERAÇÕES AMBIENTAIS E REPRESENTAÇÕES EM HENRY LEFEBVRE”, e AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora e mestrande EVELYN RIBEIRO SILVA a realizar a gravação da entrevista coletiva.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a). O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 ITEM 14 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

PARANAGUÁ, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Pesquisador (a).

## **APENDICE C – ROTEIRO PARA DESENVOLVER A DINÂMICA DE ENTREVISTA EM GRUPO.**

Plano 1 : organização do grupo e do espaço.

•Primeiro encontro: as pessoas se reúnem em local isolado depois de assinarem o termo de consentimento, para que o processo seja gravado em áudio e vídeo, e que suas posições sejam veiculadas nos documentos decorrentes da pesquisa, desde que a identidade seja preservada com a adoção de nomes fictícios para cada integrante. O encontro tem início com a pesquisadora que apresenta os propósitos da pesquisa e enuncia uma primeira questão para ser respondida pelos integrantes do grupo, seguindo a enunciação de mais algumas questões. Nesse processo a pesquisadora não interfere e não interrompe, apenas acompanha e incentiva os participantes a se posicionarem. O pesquisador deve apresentar as perguntas que devem ficar em exposição para oportunizar a visualização e a reflexão sobre o tema em questão, neste momento não pode haver interrupções é necessário aguardar que as perguntas para sejam respondidas pelo grupo de acordo com o momento. Com base no que foi coletado dessa na primeira entrevista, o pesquisador faz uma análise do encontro anterior e posteriormente dá sequência as entrevistas.

Plano 2: revendo as falas.

Segundo encontro: As perguntas são refeitas para que os professores se apropriem um pouco mais sobre interação ambiental e representações. Encerrado o encontro é marcado um retorno do grupo no qual será apresentada uma transcrição do que foi dito, para que os integrantes interfiram e alterem suas posições e consolidem novas abordagens sobre o tema proposto e já debatido.

Plano 3: o falar livremente.

Terceiro encontro: A rotina se amplia e se for o caso de surgirem questões por parte dos integrantes do grupo sobre o tema em debate, deve ser dado espaço para que ocorra essa inclusão sob controle da pesquisadora afim de não ocorrer desvio significativo do tema proposto.

Plano 4: apresentação e fechamento.

Quarto encontro: se dá uma espécie de fechamento das respostas das questões apresentadas no primeiro encontro e se procede, caso haja tempo, a uma roda de conversa ou a solicitação de um desenho para que possam se expressar

artisticamente para investigar de que forma esses encontros alteraram a forma dos integrantes perceberem e avaliarem o tema proposto, ou seja sua representação do que vem a ser Interação Ambiental, e também cada um falar se o processo gerou alguma mudança interna e sua forma de pensar a agir como se caracterizasse em uma metamorfose. Nessa oportunidade a pesquisadora poderá apresentar subsídios teóricos de sua pesquisa ou marcar um novo encontro para tal fim se necessário.

O propósito deste produto é :

a) debater e dialogar com o grupo sobre interações ambientais e representação e reconhecimento.

b) proporcionar uma atividade na perspectiva fenomenológica e crítica.

c) extrair, explorar e analisar com intensificação as falas dos participantes sobre o tema em questão desta dissertação.

d) verificar se as análises realizadas se entrelaça e corresponde com o resultado da pesquisa.

e) entrelaçar as representações mentais com as representações externas.

Para tanto, serão utilizados perguntas apresentadas no power point a fim de que os professores possam visualizar e revê-la promovendo reflexões. As perguntas devem ficar em exposição.

Recursos: data show e computador, gravador.

OBS: Se possível organizar um encontro para apresentar o problema, propósito geral e específicos e os resultados da pesquisa, para que seja compartilhado com sujeitos entrevistados, uma vez que é muito comum, o pesquisador desenvolver a pesquisa e não retornar para apresentar o seu trabalho. Vale ressaltar a necessidade desta apresentação, pois durante o desenvolvimento da pesquisa o pesquisador não deve dizer suas intencionalidades e interesses para que não ocorra o direcionamento de respostas prontas, tudo deve acontecer de forma natural e inesperada.